



Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Da Deriva Nacionalista de Direita no Século XXI: O Caso da Hungria
no Contexto do Grupo de Visegrado

Mariana da Silva Carmo Duarte

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciência Política

Orientador

Doutor André Freire, Professor Associado com Agregação,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora

Doutora Madalena Meyer Resende, Professora Auxiliar,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

[setembro, 2016]

Agradecimentos

Lev Tolstói, um dos maiores nomes da literatura russa, escreveu no epílogo de uma das suas maiores obras, que me acompanhou durante parte deste processo, *Guerra e Paz*:

Mas, ainda que, imaginando um homem completamente livre de todas as influências, e observando apenas o seu ato instantâneo presente e não suscitado por nenhuma causa, admitíssemos um resto infinitesimal de necessidade igual a zero, nem mesmo assim chegaríamos à noção de total liberdade do homem; porque um ser que não recebe influências do mundo exterior, que se encontre fora do tempo e não dependa de causas, já não é um homem¹.

Esta investigação, embora tenha sido um processo individual, autónomo e solitário, não é mais que uma soma de influências e de contextos e um produto de diversas causas. Neste caminho longo e, por vezes, sinuoso, muitos foram aqueles que me apoiaram e a quem devo os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus orientadores e professores. Ao meu orientador, Professor André Freire, pela disponibilidade e pelo rigor e assertividade dos comentários, que muito enriqueceram esta dissertação. À minha coorientadora, Professora Madalena Meyer Resende, pelo apoio e pelo constante incentivo ao estudo dos países em causa. À Professora Helena Carvalho, por me ter inculcido o gosto pela análise de dados e por, durante este processo, se ter mostrado sempre disponível a ajudar-me. Aos professores/investigadores Andrea Pirro, Bartek Pytlas, Gábor Tóka, Svante Ersson e Zdenka Mansfeldova, por me terem enviado os seus artigos, capítulos de livros e/ou dados, sem os quais esta dissertação ficaria, indubitavelmente, mais pobre. Ao Professor Kevin Deegan-Krause, que, simpaticamente, me ajudou a categorizar e classificar os partidos políticos que são analisados nesta dissertação. Um agradecimento especial à Professora Éva Kiss, que me deu aulas na Universidade Corvinus de Budapeste, e que me apoiou, incentivou e ajudou nesta etapa.

À minha família. Aos meus pais, Cristina e Rui, por me deixarem viver numa biblioteca e nunca me terem negado um livro. Obrigada por apoiarem todas as minhas decisões e por serem a minha principal fonte de serenidade e estabilidade. À minha irmã, Margarida, que sabe sempre relativizar os meus momentos de maior angústia e que tem sempre palavras de incentivo para me dizer. À minha avó, Rosária, o meu maior exemplo de força e persistência. Aos meus tios, Fernanda e Vítor, ao meu primo, Pedro, e à restante família, pelo constante apoio e carinho.

Àqueles que são da minha família não o sendo. À Catarina, que tanta falta me faz, mas que mesmo à distância acompanhou de perto esta etapa. À Helena, por já perder a conta aos anos que tenho o seu sorriso e palavras amigas comigo. Ao Joren, que me visitou durante este período e que nunca me deixou de incentivar ao longo de todos estes meses. A tantos outros que, por falta de espaço ou engenho, aqui não consigo nomear, mas que nunca me fizeram sentir sozinha. Às minhas amigas do Cartaxo, aos meus amigos da FCSH, àqueles que viveram Budapeste comigo e aos meus colegas e professora de russo. Um agradecimento especial aos meus colegas de mestrado, Diana, Gonçalo e Luís, com quem partilhei longas conversas no bar do ICS e a experiência de redação de uma dissertação.

Ao Ricardo, por não me deixar desistir de sonhar. A ele, que sempre soube respeitar as ausências a que *aquela-que-nós-sabemos* me obrigou e que se revelou o meu maior entusiasta. Obrigada pela partilha, dedicação, carinho e amizade incondicional.

Àqueles que um dia me marcaram para sempre. Aos meus avós paternos, Augusto e Conceição, um exemplo de trabalho e perseverança. Ao meu avô materno, Elmiro, a quem devo as minhas crenças, valores e ideais. Ao meu primo, Jorge, de quem guardo o sorriso e a alegria. Ao Óscar... ao meu querido Óscar, a quem aquilo que devo jamais conseguirei descrever.

¹ Tolstói, Lev (1869/2013), *Guerra e Paz* - Volume II, Lisboa, Relógio D'Água Editores, p.645.

Resumo

Entre os países do Grupo de Visegrado, a Hungria tem sido apresentada como o caso mais “dramático”, aquele onde os partidos de direita nacionalista têm maior expressão eleitoral e parlamentar. Neste sentido, comparando este país com a Eslováquia, a Polónia e a República Checa e numa perspetiva atitudinal, a presente investigação visou responder à seguinte questão: que fatores explicam as semelhanças e as diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do Grupo de Visegrado? Por forma a enquadrar esta pergunta foram feitas duas análises descritivas e contextuais. Com recurso a dados de desproporcionalidade do sistema eleitoral, fragmentação partidária, volatilidade eleitoral e polarização ideológica, concluímos que é na Hungria que o sistema eleitoral é mais desproporcional e o sistema partidário mais institucionalizado, favorecendo a ascensão dos grandes partidos. Tendo por base as sete rondas do *European Social Survey* (ESS), aferimos que as atitudes nacionalistas, conservadoras, autoritárias e favoráveis a um Estado social nacional são uma realidade nos países do V4. Para responder, diretamente, à questão de partida, foi feita uma análise multivariada, com base nas rondas 5, 6 e 7 do ESS. O presente estudo revela que são o nacionalismo introvertido, a xenofobia e a religiosidade que explicam as semelhanças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do V4. No que diz respeito às diferenças, são o nacionalismo étnico e propensão para um Estado forte que singularizam o voto no Fidesz-KDNP ou no Jobbik.

Palavras-chave: nacionalismo, partidos de direita nacionalista, voto, atitudes e comportamentos políticos, Hungria, Grupo de Visegrado.

Abstract

Among the Visegrad Group’s countries, Hungary has been said to be the most “dramatic” case, in which the right-wing nationalist parties have more electoral and parliamentary weight. Thus, comparing this country with Slovakia, Poland and Czech Republic in an atitudinal perspective, the aim of this investigation was to answer the following question: which factors explain the similarities and differences between the vote in right wing political parties in Hungary and the other countries in the Visegrad Group? Two descriptive and contextual analyses were made to frame this question. Using electoral system disproportionality, party system fragmentation, electoral volatility and ideological polarisation data, we concluded that Hungary has the most disproportional electoral system and its party system is the most institutionalised, favouring the rise of the biggest parties. Based on European Social Survey (ESS) seven rounds, we concluded that the nationalist, conservative, authoritarian and favourable to a social national State attitudes are a reality in the V4 countries. To answer the research question, we conducted a multivariate analysis, based on the 5th, 6th and 7th rounds of the ESS. This study reveals that introverted nationalism, xenophobia and religiosity explain the similarities between the voting among the right wing nationalist parties in Hungary and in the other V4 countries. In what concerns the differences, ethnical nationalism and the tendency to a strong State led to the singular vote in Fidesz-KDNP or Jobbik.

Keywords: nationalism, right-wing nationalist parties, voting, political attitudes and behaviour, Hungary, Visegrad Group.

Índice Geral

Glossário de Siglas	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – TEORIA	2
1.1. Entre a Problemática e a Pertinência: Porquê o Caso da Hungria?	2
1.2. Revisão da Literatura.....	4
1.2.1. Nacionalismo: Breves Considerações Teóricas.....	4
1.2.2. Dos Sistemas Eleitorais aos Sistemas Partidários	6
1.2.3. Atitudes e Comportamentos Políticos	10
1.2.3.1. As Direitas Nacionalistas no Grupo de Visegrado	10
1.2.3.2. As Direitas Nacionalistas na Hungria.....	14
1.3. Modelo de Análise.....	17
1.3.1. Objeto e Objetivos.....	17
1.3.2. Conceptualização e Operacionalização de Conceitos	18
1.3.3. Hipóteses de Investigação	20
CAPÍTULO II – METODOLOGIA E DADOS	24
2.1. O Método Comparativo dos Casos Mais Similares.....	24
2.2. Tipo de Investigação e Fontes	24
2.3. Plano de Análise e Tratamento dos Dados	26
2.4. Seleção de Casos e Lapso Temporal	27
CAPÍTULO III – RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	28
3.1. Fatores Institucionais e Políticos	28
3.2. Atitudes e Comportamentos Políticos	31
3.2.1. A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado	31
3.2.2. O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
FONTES.....	44
BIBLIOGRAFIA.....	45
ANEXOS.....	I
ANEXO A – Fatores Institucionais e Políticos	I
Anexo A.1. – Operacionalização dos Índices: Aspectos de Natureza Técnica	I
ANEXO B – A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado	III
Anexo B.1. – Dimensão da Amostra.....	III
ANEXO C – O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia.....	V
Anexo C.1. – Construção de Índices (Variáveis Compósitas)	V
Anexo C.2. – Sumário das Variáveis Dependentes e Independentes	VI
Anexo C.3. – A Qualidade dos Modelos de Regressão Logística Binária	VIII
Anexo C.4. – A Adequabilidade dos Modelos de Regressão Logística Binária	XII

Índice de Figuras

CAPÍTULO I – TEORIA	2
Figura n.º 1.1. – Esquema síntese do modelo de análise	23
CAPÍTULO III – RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	28
3.2.1. A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado	31
Figura n.º 3.1. – Percentagem de inquiridos que concorda que a integração europeia já foi longe de mais, 2004 - 2014	32
Figura n.º 3.2. – Percentagem de inquiridos que concorda que deve ser permitida a residência, no país, a poucos ou nenhuma pessoas da mesma etnia e de outra etnia, 2002 - 2014.....	33
Figura n.º 3.3. – Percentagem de inquiridos religiosos, 2002 - 2014.....	33
Figura n.º 3.4. – Percentagem de inquiridos homofóbicos, 2002 - 2014.....	34
Figura n.º 3.5. – Percentagem de inquiridos que concorda que o Estado deve ser forte e manter a segurança, 2002 - 2014.....	34
Figura n.º 3.6. – Percentagem de inquiridos insatisfeitos com o funcionamento da democracia no país, 2002 - 2014	35
Figura n.º 3.7. – Percentagem de inquiridos que concorda que o governo deve reduzir as diferenças salariais, 2002 - 2014.....	35
ANEXO C - O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia.....	V
Figura C.4.1. – Diagrama dos resíduos estudentizados, Hungria.....	XIII
Figura C.4.2. – Diagrama dos resíduos estudentizados, Polónia.....	XIV

Índice de Quadros

CAPÍTULO I – TEORIA	2
Quadro n.º 1.1. – Os sistemas eleitorais no Grupo de Visegrado.....	8
CAPÍTULO III – RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	28
Quadro n.º 3.1. – Evolução dos fatores institucionais e políticos na Hungria, 1990-2014	29
Quadro n.º 3.2. – Evolução dos fatores institucionais e políticos na Polónia, 1991-2015	30
Quadro n.º 3.3. – Evolução dos fatores institucionais e políticos na República Checa, 1990-2013	30
Quadro n.º 3.4. – Evolução dos fatores institucionais e políticos na Eslováquia, 1990-2016.....	30
Quadro n.º 3.5. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia.....	36
Quadro n.º 3.6. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia.....	40
ANEXO B – A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado	III
Quadro B.1.1. – Dimensão da amostra, Hungria.....	III
Quadro B.1.2. – Dimensão da amostra, Polónia.....	III
Quadro B.1.3. – Dimensão da amostra, República Checa.....	IV
Quadro B.1.4. – Dimensão da amostra, Eslováquia	IV
ANEXO C - O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia.....	V
Quadro C.1.1. – Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições internacionais, por país.....	V
Quadro C.1.2. – Consistência interna do índice de intolerância face aos imigrantes, por país	V
Quadro C.1.2.1 – Consistência interna do índice de intolerância face aos imigrantes caso alguma das variáveis seja excluída, por país	V
Quadro C.1.3. – Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições nacionais, por país.....	VI
Quadro C.1.3.1. – Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições nacionais caso alguma das variáveis seja excluída, por país	VI
Quadro C.2.1. – Sumário das variáveis dependente e independentes, Hungria	VI
Quadro C.2.2. – Sumário das variáveis dependente e independentes, Polónia	VII
Quadro C.2.3. – Distribuição dos inquiridos em relação ao voto (VD), Hungria	VII
Quadro C.2.4. – Distribuição dos inquiridos em relação ao voto (VD), Polónia	VII
Quadro C.3.1.1. – Inferência sobre o modelo (teste do <i>chi-square</i>), Bloco 1, Hungria.....	VIII
Quadro C.3.1.2. – <i>Model summary</i> , Bloco 1, Hungria.....	VIII
Quadro C.3.1.3. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 1, Hungria.....	VIII
Quadro C.3.1.4. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 1, Hungria	VIII
Quadro C.3.1.5. – Inferência sobre o modelo (teste do <i>chi-square</i>), Bloco 2, Hungria.....	IX
Quadro C.3.1.6. – <i>Model summary</i> , Bloco 2, Hungria.....	IX
Quadro C.3.1.7. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 2, Hungria.....	IX
Quadro C.3.1.8. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 2, Hungria... ..	IX
Quadro C.3.2.1. – Inferência sobre o modelo (teste do <i>chi-square</i>), Bloco 1, Polónia.....	X

Quadro C.3.2.2. – <i>Model summary</i> , Bloco 1, Polónia.....	X
Quadro C.3.2.3. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 1, Polónia.....	X
Quadro C.3.2.4. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 1, Polónia.....	X
Quadro C.3.2.5. – Inferência sobre o modelo (teste do <i>chi-square</i>), Bloco 2, Polónia.....	XI
Quadro C.3.2.6. – <i>Model summary</i> , Bloco 2, Polónia.....	XI
Quadro C.3.2.7. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 2, Polónia.....	XI
Quadro C.3.2.8. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 2, Polónia.....	XI
Quadro C.4.1. – Independência das variáveis independentes, Hungria	XII
Quadro C.4.2. – Independência das variáveis independentes, Polónia	XII
Quadro C.4.3. – Análise dos resíduos, Hungria	XIII
Quadro C.4.4. – Análise dos resíduos, Polónia	XIV

Glossário de Siglas

ANO	<i>Akce nespokojených občanů</i> (Ação dos Cidadãos Descontentes)
CSSD	<i>Česká strana sociálně demokratická</i> (Partido Social Democrata Checo)
DK	<i>Demokratikus Koalíció</i> (Coligação Democrática)
E14	<i>Együtt 2014</i> (Juntos 2014)
ESS	<i>European Social Survey</i>
Fidesz	<i>Fidesz – Magyar Polgári Szövetség</i> (Aliança Cívica Húngara)
FMI	Fundo Monetário Internacional
FKGP	<i>Független Kisgazda-, Földmunkás- és Polgári Párt</i> (Partido Cívico dos Pequenos Agricultores e dos Camponeses)
Jobbik	<i>Jobbik Magyarországért Mozgalom</i> (Movimento por uma Hungria Melhor)
KSC	<i>Komunistická strana Československa</i> (Partido Comunista Checoslovaco)
KSCM	<i>Komunistická strana Čech a Moravy</i> (Partido Comunista da Boémia e da Morávia)
L'SNS	<i>Ludová strana – Naše Slovensko</i> (Partido Popular – A Nossa Eslováquia)
LMP	<i>Lehet Más a Politika</i> (Outra Política é Possível)
LPR	<i>Liga Polskich Rodzin</i> (Liga das Famílias Polacas)
LSq	<i>Least Squares Index</i> (Índice dos Mínimos Quadrados)
KDNP	<i>Kereszténydemokrata Néppárt</i> (Partido Popular Democrata Cristão)
MDF	<i>Magyar Demokrata Fórum</i> (Fórum Democrático Húngaro)
MIÉP	<i>Magyar Igazság és Élet Pártja</i> (Partido Húngaro da Justiça e Vida)
MLP	<i>Magyar Liberális Párt</i> (Partido Liberal Húngaro)
Most–Híd	<i>Most–Híd</i> (Ponte)
MSzMP	<i>Magyar Szocialista Munkáspárt</i> (Partido Socialista dos Operários Húngaros)
MSZP	<i>Magyar Szocialista Párt</i> (Partido Socialista Húngaro)
NEPE	Número Efetivo de Partidos Eleitorais
NEPP	Número Efetivo de Partidos Parlamentares
ODS	<i>Občanská demokratická strana</i> (Partido Democrata Cívico)
OL'aNO	<i>Obyčejní Ludia a nezávislé osobnosti</i> (Pessoas Comuns e Personalidades Independentes)
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PI	Índice de Polarização Ideológica do Sistema Partidário
PiS	<i>Prawo i Sprawiedliwość</i> (Lei e Justiça)
PM	<i>Párbeszéd Magyarországért</i> (Diálogo pela Hungria)
PR	<i>Prawica Rzeczypospolitej</i> (Direita Republicana)
PRZP	<i>Polska Razem Zjednoczona Prawica</i> (Polónia Junta)
PS	<i>Solidarna Polska</i> (Polónia Solidária)

PZPR	<i>Polska Zjednoczona Partia Robotnicza</i> (Partido Unificado Operário Polaco)
SDL	<i>Strana demokratickej ľavice</i> (Partido da Esquerda Democrática)
SdRP	<i>Socjaldemokracja Rzeczypospolitej Polskiej</i> (Social Democracia da República da Polónia)
Siet' / #SIEŤ	<i>Siet'</i> (Rede)
SLD	<i>Sojusz Lewicy Demokratycznej</i> (Aliança da Esquerda Democrática)
SMER	<i>Smer–Sociálna Demokracia</i> (Direcção – Social Democracia)
SNS	<i>Slovenská Národná Strana</i> (Partido Nacional Eslovaco)
SPR-RSC	<i>Sdružení pro republiku - Republikánská strana Československa</i> (Associação para a República - Partido Republicano da Checoslováquia)
SRP	<i>Samoobrona Rzeczypospolitej Polskiej</i> (Autodefesa da República da Polónia)
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i> (Programa Estatístico para as Ciências Sociais)
TOP 09	<i>Tradice Odpovědnost Prosperita</i> (Tradição, Responsabilidade, Prosperidade)
UE	União Europeia
Úsvit	<i>Úsvit přímé demokracie</i> (Amanhecer de uma Democracia Direta)
V4	Grupo de Visegrado
VA	Volatilidade Eleitoral de Tipo A
VB	Volatilidade Eleitoral de Tipo B
VT	Volatilidade Eleitoral Total
VV	<i>Věci Veřejné</i> (Assuntos Públicos)

INTRODUÇÃO²

No rescaldo da segunda Grande Guerra, István Bibó, um dos maiores pensadores políticos húngaros do século XX, escreveu no seu famoso ensaio sobre nacionalismo na Europa Central e de Leste, *Miseries of East European Small States*:

To be a democrat is first and foremost not to be afraid—not to be afraid of those who have a different opinion, speak a different language, and are of another race; not to be afraid of [...] all those imaginary dangers that become real because we are afraid of them. The countries of Central-East Europe have been afraid because they are not full-fledged and mature democracies, and being afraid, they were unable to become democracies (Bibó, 1946: 152).

Passados 70 anos, estas palavras permanecem intemporais e justificam que nesta dissertação nos debrucemos sobre os partidos de direita nacionalista³, com ímpetos populistas, irredentistas e que contestam os princípios da Democracia e do Estado de Direito, no Grupo de Visegrado⁴. No entanto, embora a ascensão destes partidos seja uma realidade no V4, é na Hungria que estes têm tido uma maior expressão eleitoral e representação parlamentar. Tal facto justifica que este país seja apresentado na literatura como o caso mais “dramático” e que, neste estudo, assuma um lugar de destaque.

Recentemente, muitas páginas começam a ser escritas sobre a deriva nacionalista de direita húngara, encetada em 2010. No entanto, pouca ou nenhuma ênfase tem sido dada ao contexto geográfico em que este país se insere, decorrendo deste facto o nosso interesse em estudar o caso da Hungria, comparando-o com os outros países do V4. Igualmente, pouca atenção tem sido dada às motivações do eleitorado para votar nestes partidos, isto é, às atitudes políticas. Deste modo, afigura-se interessante uma análise, primordialmente atitudinal e comparativa, que nos permita diferenciar os fatores explicativos do voto em partidos de direita nacionalista que são comuns aos países do V4 dos que evidenciam e explicam as singularidades do caso húngaro. Isto é, que nos permita estudar o caso da Hungria, no que diz respeito ao voto em partidos de direita nacionalista, a partir das suas semelhanças e diferenças face aos restantes países do Grupo de Visegrado. Assim sendo e tendo em conta estes objetivos, impõe-se a seguinte questão: que fatores explicam as semelhanças e as diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do Grupo de Visegrado?

A presente dissertação está estruturada em três partes. Em primeiro lugar, no Capítulo I – Teoria, são detalhadas a problemática e a pertinência deste estudo, é apresentado o debate teórico em torno do tema (revisão da literatura) e é delimitado, conceptual e teoricamente, o modelo de análise (objeto e objetivos, conceptualização e operacionalização de conceito e hipóteses de investigação). Em segundo lugar, no Capítulo II – Metodologia e Dados, é apresentado o quadro metodológico adotado nesta investigação, bem como os dados e as técnicas estatísticas usadas para testar o modelo de análise. Por fim, no Capítulo III – Resultados: Análise e Discussão, são apresentados e debatidos os resultados das análises descritivas e multivariadas feitas e que nos permitem dar resposta à questão de partida.

² Esta dissertação é o resultado final de um projeto de investigação começado na UC de “Desenho da Pesquisa”.

³ Partidos de direita conservadora nacionalista e partidos de extrema-direita.

⁴ Aliança económica e política formada, em 1991, entre a Eslováquia, a Hungria, a Polónia e a República Checa.

CAPÍTULO I – TEORIA

1.1. Entre a Problemática e a Pertinência: Porquê o Caso da Hungria?

O ano de 1989 é por muitos descrito como um *annus mirabilis*: o muro de Berlim caiu e os países do leste europeu, principalmente os do Grupo de Visegrado, iniciaram, com êxito, o processo de democratização e de consolidação do Estado de Direito. De entre estes países, a Hungria era vista como o país mais promissor no que diz respeito à consolidação e manutenção da democracia, podendo o sentimento geral ser resumido nas seguintes palavras: “*Hungary might today appear to have the best chances [...] of developing and consolidating democratic political institutions and a pluralistic, multi-party system*” (Lewis *et al.*, 1994: 157-158). Isto porque, mesmo antes da queda do muro de Berlim, e no contexto daquele que desde a década de 60 vinha sendo conhecido como o comunismo *goulash*⁵ de János Kádár⁶, já algumas mudanças de maior liberalização vinham sendo sentidas no país (Crampton, 1997: 316-317; Soulet, 2006; Cartledge, 2011: 461-485; Muller, 2011: 5; Bozóki, 2015: 6-7). No entanto, atualmente, e de entre os países do Grupo de Visegrado, a Hungria é tida como o caso mais preocupante. Paradoxalmente, aquele que há 25 anos era considerado o país que melhor iria fazer a sua consolidação democrática, vê, desde o ano de 2010, a sua política e parlamento nacionais dominados por dois partidos de direita nacionalista. O Fidesz, partido de direita nacionalista conservadora, em coligação com os cristãos-democratas, KDNP, obteve nas eleições de 2010 e 2014 53,3% e 44,5% dos votos, respetivamente. Em ambas as eleições, estes resultados traduziram-se numa maioria qualificada de dois terços. O Jobbik, partido de extrema-direita, obteve 15,3% dos votos nas eleições de 2010 e 20,3% nas de 2014 (Muller, 2011; Lendvai, 2012; Nagy *et al.*, 2013; Dettke, 2014). Juntos, estes partidos compõem, atualmente, 78,4% do parlamento húngaro.

Estes dois partidos têm sido amplamente acusados, quer pela comunidade internacional, quer por vozes nacionais, de estarem a destruir a democracia e o Estado de Direito na Hungria, promovendo um nacionalismo baseado na xenofobia e no etnocentrismo (Kovács e Tóth, 2011: 184; Muller, 2011: 5). O Jobbik, em 2007, fundou uma milícia⁷ própria, que em nome da manutenção de lei e da ordem agredia, física e psicologicamente, inúmeras comunidades de ciganos. Esta milícia, que ostentava os símbolos e os uniformes fascistas do período entre guerras, foi desde cedo criticada pelo seu pendor antidemocrático, tendo sido proibida e dissolvida em 2009 (Varga, 2014: 792-797; Pirro, 2015: 80; Tóth e Grajczjár, 2015: 144-145). O governo Fidesz-KDNP, legitimado pela consulta popular e desfrutando da sua maioria de dois terços, entre 2010 e 2011, levou a cabo uma série de reformas legais, sociais e políticas, cujo objetivo era o de reforçar e perpetuar o seu poder. Assim, e durante o seu primeiro ano

⁵ Ficou conhecido como comunismo *goulash* o período de liberalização social e económica entre 1962 e o início para a transição democrática na Hungria. Sob a égide de János Kádár, foram introduzidos alguns elementos de uma economia de mercado livre e garantidas algumas liberdades civis (Cartledge, 2011: 461-485; Bozóki, 2002: 94-98).

⁶ Secretário-Geral do partido comunista, MSzMP, entre 1956 e 1988.

⁷ *Magyar Gárda*.

de governo, alterou 12 vezes a antiga constituição, por forma a enfraquecer as instituições que poderiam controlar e travar todo o processo que se seguiu. Entretanto, foi votada, unilateralmente, uma nova constituição, denominada Lei Fundamental da Hungria⁸; foi alterado o sistema eleitoral, tornando-o mais desproporcional e favorável aos grandes partidos; foi restringido o poder de instituições independentes, como o Tribunal Constitucional; foi atacado o poder judicial; foi enfraquecido o sistema de separação de poderes; foi fortalecido o controlo do Estado sobre os meios de comunicação social e restringidas as iniciativas populares, a liberdade de imprensa e as liberdades civis (Kovács e Tóth, 2011; Lendvai, 2012: 222; Bánkuti *et al.*, 2015: 37-45). Desde então, o poder tem estado concentrado na figura do Primeiro-ministro, Viktor Orbán, e, conseqüentemente, “*the democratic political order had fallen into a crisis in Hungary and has remain under attack by the government*” (Bozóki, 2015: 4).

É partindo dos factos acima mencionados que nos propomos a estudar o caso da Hungria, enquanto país que encetou uma deriva nacionalista de direita. Todavia, embora este país seja apresentado como o caso mais “dramático”, o nacionalismo, o autoritarismo e a xenofobia são também uma realidade crescente nos outros países do V4, em específico, e na Europa Central e de Leste, no geral. Conseqüentemente, tem sido recentemente publicada uma vasta literatura sobre o tema. Algumas publicações abordam cada um dos casos individualmente (Deegan-Krause, 2004; Tóka e Popa, 2013; Gyárfásová e Meseznikov, 2015; Kaspwicz, 2015; Krekó e Mayer, 2015; Mares, 2015); outras focam, genericamente, a Europa Central e de Leste (Anastasakis, 2001; Mudde, 2005; Pirro, 2014b; Pytlas, 2016); outras comparam ainda esta região com outras da Europa (Hlousek e Kopecek, 2010; Minkenberg, 2013; Minkenberg, 2015b; Freire e Kavistik, 2016). Há ainda estudos que focam assuntos específicos, como a UE (Pridham, 2005; Fox e Vermeersch, 2010), a religiosidade (Gryzmala-Busse, 2015), ou a etnicidade (Evans e Needs, 2002; Harris, 2012).

Um traço comum a todas as publicações é que, na sua maioria, abordam a questão numa perspetiva partidária, sendo poucas as que seguem uma abordagem atitudinal (Weiss, 2003; Tóth e Grajczjár, 2015). São também poucas as que abordam a ascensão destes partidos tendo em conta fatores institucionais, como os sistemas eleitorais, ou fatores políticos, como a fragmentação partidária, a volatilidade eleitoral e a polarização ideológica (Kovács e Tóth, 2011; Bánkuti *et al.*, 2015; Bozóki, 2015). Assim, esta dissertação visa colmatar as falhas acima detetadas. Isto é, (1) queremos que este seja, primordialmente, um estudo atitudinal, de forma a conseguirmos averiguar o que motiva o voto nestes partidos, (2) pretendemos abordar o caso da Hungria, comparando-o com os outros países do V4⁹ e (3) pretendemos contextualizar a ascensão destes partidos através fatores institucionais e políticos.

⁸ *Magyarország Alaptörvénye.*

⁹ A comparação entre os países que compõem o Grupo de Visegrado prende-se com duas grandes razões. Em primeiro lugar, porque é diferente a forma como é definido e teorizado um partido de direita nacionalista na Europa Ocidental, bem com os seus objetivos e prática política. Em segundo lugar, porque queremos que este seja um estudo da realidade húngara, enquadrando-a no seu contexto mais próximo, o do Grupo de Visegrado. Este argumento justifica, ainda, a não inclusão, nesta análise, de outros países da Europa de Leste.

Assim, impõe-se a questão: que fatores explicam as semelhanças e as diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do Grupo de Visegrado?

A presente dissertação afigura-se pertinente a nível científico, político e social por cinco grandes razões. Em primeiro lugar, porque os nacionalismos de direita são um fenómeno muito relevante e atual. Embora não sejam algo inédito, são um fenómeno que têm, nos últimos anos, (re)emergido um pouco por toda a Europa. Em segundo lugar, porque consideramos que, em Portugal, este fenómeno é estudado, maioritariamente, a nível da Europa Ocidental. Em tom de ironia podemos dizer que há uma “cortina de ferro” sobre o Grupo de Visegrado e o Leste Europeu, no que diz respeito ao interesse de disciplinas como a Ciência Política ou a Sociologia pelos fenómenos sociais e políticos que ocorrem nesta região. Em terceiro lugar, porque os estudos existentes sobre direita nacionalista tendem a abordar, principalmente, os partidos de extrema-direita. Deste modo, e contrariando este tipo de abordagem, o que aqui faremos é uma análise conjunta da questão da direita nacionalista. Isto é, analisaremos os partidos de extrema-direita e os partidos de direita conservadora nacionalista como um todo. Em quarto lugar, porque o caso húngaro, dadas as evidências apresentadas, nos parece *per se* muito relevante. No entanto, se já começa a surgir literatura sobre a ascensão destes partidos na Hungria, esta não atende ao contexto em que este país se insere. Isto é, não distingue entre os determinantes do voto neste partidos que são comuns aos países do Grupo de Visegrado e aqueles que são específicos do caso húngaro. Em quinto e último lugar, porque pretendemos contextualizar esta análise atitudinal com fatores institucionais, como o sistema eleitoral, e políticos, como a fragmentação partidária, a volatilidade eleitoral e a polarização ideológica, que melhor nos ajudarão a perceber a ascensão destes partidos. Isto é, embora queiramos perceber o voto nestes partidos, através das atitudes políticas dos eleitores, parece-nos, também, relevante destacar a forma como outros fatores podem favorecer a ascensão dos mesmos.

1.2. Revisão da Literatura

1.2.1. Nacionalismo: Breves Considerações Teóricas

Desde o século XIX que o tema do nacionalismo – ou, mais corretamente, o conceito de nação - tem inspirado a escrita de inúmeras obras, não só políticas, históricas e sociológicas, mas também literárias e poéticas. Assim, embora a ideia de nacionalismo não se cinja ao mundo da política, é este o debate que nos interessa, sendo o nosso propósito equacionar, de forma genérica e breve, os principais argumentos teóricos em volta do tema e em que esta dissertação se insere (Kohn, 1944; Gellner, 1965; Berlin, 1980; Hobsbawm, 1990; Benedict, 1993; Hastings, 1997; Smith, 1999; Smith, 2001; Resende, 2009; Smith, 2009). Ora, se é crescente e generalizado o interesse em torno desta temática, tal não significa que haja consenso entre a literatura acerca da concetualização, teorização e categorização da mesma. De entre a amálgama de definições, o nacionalismo é, tradicionalmente, entendido como um sentimento inato de autoidentificação com uma dada cultura e de conservação de certos valores, práticas e tradições. Nas palavras de Berlin (1980: 338), o nacionalismo pode ser entendido como “*the elevation of the interests of the unity and self-determination of the nation to the status of the supreme value before*

which all other considerations must, if need be, yield at all times". Numa visão mais extrema, usualmente apelidada de ultranacionalismo, acresce a esta definição a ideia de que a nação é uma entidade eterna, imutável e superior, étnica, histórica e linguisticamente, às outras nações (Hastings, 1997; Smith, 1999; Smith, 2001; Smith, 2009).

Em oposição a visões mais tradicionalistas, surgem as teorias modernistas que ilustram a nação como um produto da modernidade. Benedict Andersen (1993), numa visão alternativa, define a nação não como uma ideologia, mas como uma "*imagined political community*" (Andersen, 1993: 6). Isto é, é uma comunidade imaginada visto que os membros que a compõem jamais conseguirão conhecer-se uns aos outros, embora pare entre eles um sentimento de comunhão. Adjacente a esta definição, está a importância da cultura, que serve como veículo à formação de narrativas e lendas partilhadas por toda a comunidade e que é vital para a formação da nação (Andersen, 1993: 1-8). Existem, ainda, visões mais céticas, como a de Ernest Gellner (1965), que afirmam que o nacionalismo "*is not the awakening of nations to self-consciousness: it invents nations where they do not exist*" (Gellner, 1965: 168). Segundo este autor, os Estados desenvolvem-se antes das nações e o nacionalismo não é mais que um princípio político que garante a congruência e estabilidade nacionais. Na visão de Hobsbawm (1990), que também segue esta linha de argumentação, a nação é uma realidade recente. Isto é, "*it is a social entity only insofar as it relates to a certain kind of modern territorial state, the 'nation-state', and it is pointless to discuss nation and nationality except insofar as both relate to it*" (Hobsbawm, 1980: 9-10). Assim, são os Estados que criam as nações e não o seu contrário. Todavia, e contrariamente ao defendido por Andersen e Gellner, o nacionalismo é visto como uma ideologia e como um princípio que se baseia na ideia da congruência entre a unidade política e a unidade nacional (Hobsbawm, 1980: 1-13).

Os estudos sobre nacionalismo abarcam uma diversidade de categorizações dicotômicas do conceito, que se interligam e complementam: nacionalismo "ocidental" vs. nacionalismo de "leste" (Kohn, 1944); nacionalismo "cívico" vs. nacionalismo "étnico" (Smith, 1999, Smith, 2001; Smith, 2009) e nacionalismo "extrovertido" vs. nacionalismo "introvertido" (Resende, 2011; Resende, 2015), entre outras. A distinção entre nacionalismo "ocidental" e nacionalismo de "leste" foi apresentada por Hans Kohn, em *The Idea of Nationalism* (1944). Nesta obra, é argumentado que o nacionalismo "ocidental" é voluntarista, pois é um nacionalismo que surge como consequência de inúmeros processos políticos, sociais e culturais que tomaram lugar em Estados consolidados ou que se estavam a consolidar. No seu aspeto voluntarista, o nacionalismo é sinónimo de cidadania e propício ao desenvolvimento de uma democracia pluralista, dado que surgiu num contexto de aquisição de direitos e liberdades cívicas. Quanto ao nacionalismo chamado de "leste", é apelidado de orgânico. Isto porque surge enquanto reação ao Iluminismo, não equivalendo à noção de cidadania e vindo no seu passado histórico uma inspiração e justificação para as suas tendências agressivas. Contrariamente ao que aconteceu no Ocidente, a emergência deste nacionalismo não ocorreu em Estados consolidados ou que se estavam a consolidar, mas surgiu como consequência da subjugação de várias etnias e culturas aos diversos impérios (Russo, Otomano e Habsburgo), que se foram desenvolvendo nesta região (Kohn, 1944; Harris, 2012: 339-343).

Um olhar atento sobre esta dicotomia leva-nos a encontrar semelhanças com duas outras, que devem ser analisadas simultaneamente: nacionalismo “cívico” vs. nacionalismo “étnico” e nacionalismo “extrovertido” vs. nacionalismo “introvertido”. Aqui interessa ter em consideração que se a primeira dicotomia se foca exclusivamente na relação entre o nacionalismo e outras nações ou nacionalidades dentro do Estado, a segunda dicotomia vai mais longe e equaciona, ainda, a relação entre o nacionalismo e forças supranacionais (Resende, 2015: 5). Assim, e por um lado, o nacionalismo “cívico” é, e à semelhança do nacionalismo “ocidental”, visto como um meio para a democracia, isto porque a nação é entendida como um fenómeno em construção que beneficia da diversidade étnica e cultural (Smith, 2001: 148-151; Smith, 2009). Seguindo esta linha de argumentação, o nacionalismo “extrovertido” complementa-a, indicando uma estrutura federal como possível solução para as tensões entre as diversas nações dentro do Estado (Resende, 2015: 6). Por outro lado, e tal como o nacionalismo de “leste”, o nacionalismo “étnico” vê a nação como uma comunidade ancestral que é etnicamente homogénea (Hastings, 1997: 143; Smith, 2001: 148-151; Smith, 2009: 41; Harris, 2012: 339-343). Da mesma forma e usando alegorias históricas, o nacionalismo “introvertido” visa a homogeneização étnica e linguística da nação e uma exaltação do seu passado histórico (Alter, 1994: 197-201; Resende, 2015: 6-8).

A dicotomia nacionalismo “extrovertido” vs. nacionalismo “introvertido” suplanta a dicotomia nacionalismo “cívico” vs. nacionalismo “étnico” ao equacionar a relação entre as varias nações e a sua partilha de soberania, com base no pressuposto de que “*nationalism’s tolerance regarding the sharing of sovereignty depends on its narrative on relation with other nations*” (Resende, 2015: 5). Nesta lógica, o nacionalismo “extrovertido” reconhece os direitos das outras nações e tem uma atitude positiva face a possíveis relações com estas. Este nacionalismo coloca, em primeiro lugar, os interesses da sua nação, mas considera a defesa dos interesses nacionais compatíveis com soluções que envolvem a partilha de soberania com outras nações. Quanto ao nacionalismo introvertido, acredita que aspetos particulares e exclusivos da história e cultura nacionais são o mote para um constante conflito entre as nações, rejeitando qualquer possibilidade de cooperação com outras nações que se desvie do modelo westfaliano de soberania estadual. Este nacionalismo faz uso das especificidades da história e cultura nacionais, destacando seu carácter superior, para considerar as outras nações como inimigas. Consequentemente, este nacionalismo almeja uma estreita coerência entre a nação e o Estado, isto é, a existência de um Estado-nação que desempenha o papel de guardião dos interesses nacionais (Resende, 2011: 741-749; Resende, 2014: 5-8).

1.2.2. Dos Sistemas Eleitorais aos Sistemas Partidários

Numa democracia representativa, os sistemas eleitorais são muitas vezes vistos como “as regras do jogo”, isto é, as regras que regulam a competição partidária (Cabada *et al.*, 2014: 76). Neste sentido, a transição para a democracia no leste europeu trouxe consigo a necessidade de se estabelecer e/ou reformar este que é um dos baluarte de um regime democrático. De entre os países do Grupo de Visegrado, todos adotaram um sistema eleitoral proporcional, com a exceção da Hungria, que adotou

um sistema misto que, pela sua componente maioritária, é apresentado na literatura como sendo o mais desproporcional do V4 (ver quadro n.º 1.1.) (Kuusela, 1994: 147; Juberías, 2004: 309-323). Este sistema eleitoral é por muitos considerado como o mais complexo do mundo (Schiemann, 2001; Birch *et al.*, 2002: 48; Birch, 2003: 32, 42; Benoit, 2005: 235). Segundo um dos seus legisladores: “*the voters, if they want to understand it, will have to take at least one course on vote calculation*” (Schiemann, 2001: 231).

Na Hungria, de 1990 e até às eleições de 2010 (inclusive), num total de 386 assentos, 176 deputados eram eleitos em círculos uninominais a duas voltas. Caso não houvesse maioria absoluta à primeira, uma segunda volta era disputada pelos três candidatos mais votados na primeira. Neste caso, era precisa uma maioria relativa de 25% dos votos. No máximo, 152 deputados eram eleitos em 20 listas territoriais fechadas¹⁰, através da quota de Droop¹¹. A média da magnitude dos distritos eleitorais era de 6,5, no entanto estes variavam entre 4 e 28¹². No mínimo, 58 deputados eram eleitos numa lista de compensação nacional fechada, através da fórmula D’Hondt. Esta era, unicamente, composta pelos votos fragmentados dos círculos uninominais e das listas territoriais e, como tal, não havia eleição direta para a mesma (Kuusela, 1994: 136-139; Schiemann, 2001: 234-236; Schiemann, 2004: 359-361).

O vasto leque de alterações legislativas levadas a cabo por Viktor Orbán, entre 2010 e 2011, incluiu a reforma do sistema eleitoral. Genericamente, a nova lei eleitoral húngara, utilizada pela primeira vez nas eleições de 2014, diminuiu o número de assentos parlamentares de 386 para 199, eliminou o sistema de duas voltas e aboliu as listas territoriais¹³. Os eleitores continuam a ter dois boletins de voto, um para o seu círculo uninominal e outro para a lista nacional, que deixa de ser exclusivamente compensatória. Esta reforma eleitoral fortalece a componente maioritária do sistema eleitoral, sendo 106 dos 199 deputados eleitos pelos círculos uninominais (László e Krekó, 2012; Tóka, 2014; Hegedus, 2013). Esta diminuição do número de deputados eleitos pelos círculos uninominais obrigou a uma alteração do mapa eleitoral e com esta surgiram suspeitas de *gerrymandering*: o eleitorado em círculos tendencialmente de esquerda excede, numa média de cerca de 6000 eleitores, o eleitorado em círculos predominantemente de direita. Assim, são precisos menos votos para que um candidato seja eleito por um círculo de direita (László e Krekó, 2012: 6-8). Os restantes 93 deputados são eleitos por uma lista nacional. Os assentos são distribuídos pela fórmula d’Hondt e nesta distribuição são contabilizados os totais que o partido obteve na lista nacional e os votos que um dado candidato, de um dado partido, recebeu e que não foram decisivos para a sua eleição no círculo uninominal. Isto é, não só os votos de um candidato não eleito, mas também os votos excedentários de um candidato eleito são transferidos para o total de votos do partido (László e Krekó, 2012; Hegedus, 2013).

¹⁰ Condição *sine qua non* para a formação de uma lista territorial era que o partido tivesse apresentado um candidato em pelo menos dois círculos uninominais.

¹¹ Foi estipulado que um partido deve ter pelo menos 2/3 da quota original para obter um assento. Os mandatos que ficarem por distribuir são transferidos para uma lista nacional compensatória (Schiemann, 2001: 235).

¹² O valor mais elevado (28) corresponde ao distrito eleitoral de Budapeste, que tem cerca 1/5 da população.

¹³ Os mandatos passaram a ser distribuídos, unicamente, através dos círculos uninominais e da lista nacional.

Quadro n.º 1.1. – Os sistemas eleitorais no Grupo de Visegrado¹⁴

	Hungria	República Checa	Eslováquia	Polónia
Assentos Parlamentares	199	200	150	460
Sistema Eleitoral	Misto	Proporcional	Proporcional	Proporcional
Círculos Eleitorais	1 Círculo eleitoral nacional + 106 círculos uninominais	14 Círculos eleitorais	1 Círculo eleitoral nacional	41 Círculos eleitorais
Magnitude Círculos Eleitorais	93 (círculo nacional)	5-25. Valor médio: 14,3	150	7-19. Valor médio: 11,2
Fórmula Eleitoral	<i>First-Past-the-Post</i> (106 círculos uninominais) + D'Hondt (círculo nacional e votos excedentários dos círculos uninominais)	D'Hondt	Hagenbach-Bischoff + Método do Resto maior para os restantes assentos	Saint-Lague modificado
Cláusula Barreira	5% (10% para coligação de 2 partidos e 15% para coligação de 3 ou mais partidos)	5% (10% para coligação de 2 partidos; 15% para coligação de 3 partidos e 20% para coligação de 4 ou mais partidos)	5% (7-10% para coligação)	5% (8% para coligação) Esta cláusula não se aplica a listas que representem minorias nacionais.

Fonte: Formulação própria, com base na literatura (Kuusela, 1994; Juberías, 2004; Kopecký, 2004; Schiemann, 2004; Kaminski e Nalepa, 2004).

A relação entre os sistemas eleitorais e os sistemas partidários é um tema que enche as páginas de muitos livros de Ciência Política e que pode ser resumido nas seguintes palavras: “*institutional design can be predicted to affect levels of electoral instability, though the precise relationship may be complex*” (Birch, 2003: 127). A ideia é que sistemas eleitorais maioritários tendem a promover sistemas partidários mais estáveis que sistemas eleitorais proporcionais. Ora, quanto aos sistemas partidários dos países do leste europeu, estes têm, desde o período da transição democrática, sido descritos como instáveis (Korosényi, 1999: 103-104; Bielasiak, 2002; Birch, 2003; Rose e Munro, 2003; Sikk, 2005; Cabada *et al.*, 2014; Ghergina, 2015). A justificação subjacente a este argumento é a de que, depois de décadas sob o domínio comunista, sem quaisquer liberdades ou direitos políticos, estas sociedades eram politicamente difusas e atomizadas. Consequentemente, aqueles que então, quase subitamente, ganharam poder de voto não possuíam qualquer tipo de identidade política e, logicamente, foi difícil para os partidos políticos que então surgiam ancorarem o seu eleitorado (Korosényi, 1999: 103; Lawson *et al.*, 1999: 152-159; Birch, 2003: 125-127; Enyedi e Tóka, 2007: 151-155). Todavia, quando analisado exclusivamente o V4, aquilo que nos evidencia a literatura é que os sistemas partidários checo, húngaro e polaco têm vindo, progressivamente, a demonstrar alguma estabilidade (Tavits, 2008). Ainda assim,

¹⁴ Este quadro ilustra as regras eleitorais vigentes no momento e que vigoram nas últimas eleições nos 4 países.

no Grupo de Visegrado são elevados os níveis de fragmentação partidária e de volatilidade eleitoral, o que nos dá indicação de uma fraca institucionalização destes sistemas partidários (Bielasiak, 2002; Kopecký, 2007; Jasiewicz, 2007). De entre os 4 países, é a Hungria que apresenta um menor nível médio de fragmentação partidária, bem como o valor médio mais baixo de volatilidade eleitoral (Cabada *et al.*, 2014: 80, 117).

Em relação à volatilidade eleitoral, estudos têm sugerido que nesta região do globo deve ser diferenciado o voto em “*genuinely new parties*” do voto em partidos que, embora tenham mudado de nome, são uma continuação de partidos já existentes (Sikk, 2005). Outros sugerem que esta deve ser dividida entre volatilidade de tipo A e volatilidade de tipo B (Powell e Tucker, 2014) ou volatilidade extra-sistema e volatilidade intra-sistema (Cabada *et al.*, 2014). Isto é, entre a volatilidade que é resultado da emergência ou do fim de um partido, e que é associada à instabilidade do sistema partidário, e a volatilidade que é calculada tendo em conta as transferências de votos entre partidos já existentes, e que é considerada como uma componente salutar da democracia. Esta distinção afigura-se interessante pois, nas palavras de Powell e Tucker (2014: 142-143) “*the story of electoral volatility in post-Communist countries has until now been especially about type A volatility*”. Quando feita esta distinção, a Hungria revela-se, em termos médios, como o país com menor volatilidade de tipo A/extra-sistema e a República Checa como o país que, em termos médios, apresenta níveis mais baixos de volatilidade de tipo B/intra-sistema (Cabada *et al.*, 2014: 119).

A polarização ideológica dos sistemas partidários do leste europeu é, também, um dos temas em torno dos quais se tem gerado algum debate. Nos primeiros anos democráticos, os partidos políticos desta região caracterizavam-se por serem ideológica e programaticamente pouco congruentes. Porém, evidências mais recentes mostram que a competição ideológica entre partidos tem sido reforçada e que os programas destes se têm cristalizado, principalmente em torno da clivagem esquerda-direita (Kitschelt *et al.*, 1999; Brusis, 2006; Dimitrov e Zubek, 2006; Zubek, 2006; Enyedi e Tóka, 2007; Jasiewicz, 2007; Kopecký, 2007; Schmitt e Freire, 2012; Pytlas, 2016). Assim, alguns padrões de polarização ideológica podem ser identificados nos sistemas partidários do V4. Por um lado, a República Checa sempre manteve níveis de polarização ideológica elevados e estáveis, por outro, principalmente a Hungria, mas também a Polónia, têm visto os seus níveis de polarização ideológica aumentar (Schmitt e Freire, 2012). Neste contexto, é importante analisar a polarização dada a sua relação com a estabilidade dos sistemas partidários. Isto porque, de acordo com Savage (2013), sistemas partidários mais polarizados tendem a gerar governos mais duradouros. A ideia subjacente a este argumento é a de que em sistemas polarizados (1) os partidos privilegiam coligações com partidos do mesmo bloco ideológico e, conseqüentemente, com preferências políticas similares e (2) são limitadas as opções dos que queiram abandonar a coligação governativa, uma vez que o leque de outros potenciais parceiros de coligação é menor (Savage, 2013). Assim, são poucos os incentivos para que os partidos acabem com a coligação e mais tempo durará o governo. Segundo a literatura, é na Hungria e na República Checa, onde os sistemas são mais polarizados, que os governos duram mais (Savage, 2013: 1042; Bozóki, 2015: 5). O caso

húngaro é ainda explicado à luz do seu sistema eleitoral: “*the stability of governing coalitions in Hungary has been facilitated by an electoral system that combines majority and proportional elements and tend to produce clear governing majorities in parliament*” (Brusis, 2006: 53).

1.2.3. Atitudes e Comportamentos Políticos

1.2.3.1. As Direitas Nacionalistas no Grupo de Visegrado

A visão dicotômica de nacionalismo de Hans Kohn (1944) parece não conseguir explicar o sucesso eleitoral, a ocidente, de partidos de direita nacionalista, xenófobos e racistas, como a Frente Nacional francesa, o Partido Popular dinamarquês ou o Partido Democrata sueco (Minkenberg, 2013: 9-33; Minkenberg, 2015b: 34-42). Porém, esta dicotomia, a par das outras duas acima expostas, permanece intemporal na interpretação daquilo que é o nacionalismo de direita na Europa de Leste. Hoje-em-dia, e de forma a explicar estes fenómenos, são apresentadas na literatura duas grandes razões que diferenciam estes dois nacionalismos. Por um lado, em comparação com o seu homólogo ocidental, “[*eastern*] *nationalism is not confined to the far-right sector of the political spectrum but constitutes part of the mainstream itself*” (Minkenberg, 2015b: 39) Por outro lado, se o nacionalismo ocidental é predominantemente xenófobo, o de leste pauta-se por um carácter irredentista e etnocêntrico. Isto é, a ocidente, são os imigrantes que servem de bode expiatório à direita nacionalista. A leste, este não é um motivo para ascensão destas direitas devido às baixas taxas de imigração nestes países. Aqui, são as minorias étnicas, que, como resultado da desagregação dos impérios multiculturais e das constantes mutações fronteiriças, ficaram divididas por diversos Estados, que assumem esse papel (Minkenberg, 2013: 9-33; Pirro, 2014b: 613-614; Koev, 2015: 649-653; Minkenberg, 2015b: 37-42).

A leste, desde os acontecimentos do ano de 1989 que os nacionalismos, alicerçados no período pós I Guerra Mundial e outrora reprimidos pelas políticas de homogeneização soviéticas, têm vindo a ser reativados e revitalizados. No Grupo de Visegrado, desde o mesmo ano que têm emergido uma série de partidos de direita nacionalista que têm conseguido desafiar e/ou integrar, com sucesso, a política *mainstream*. Na República Checa, descrita como o país onde a direita nacionalista não tem grande expressão, foi nos conturbados anos do processo de transição democrática que o partido irredentista e xenófobo, que tinha ciganos e alemães como principal alvo, SPR-RSC¹⁵, conseguiu representação parlamentar (Mansfeldová, 2013: 222-225; Mares, 2015: 206-221). Nas Eslováquia, o discurso nacionalista tem estado nas mãos do histórico partido, populista e xenófobo, SNS¹⁶ (Deegan-Krause,

¹⁵ Este partido conseguiu assento parlamentar nas eleições de 1992 e 1996, com 5,98% e 8,01% dos votos, respetivamente (Mares, 2015: 206-221). Dissolvido em maio de 2015, este partido foi reestabelecido em fevereiro deste ano, acrescentando ao seu nome “2016”, sendo agora conhecido pela sigla SPR-RSC2016.

¹⁶ Desde as primeiras eleições do período democrático, em 1990, o SNS só não entrou no parlamento em 2002 e 2012. Nas restantes eleições a sua percentagem de votos variou entre os 13,94%, em 1990 e os 5,4%, em 1994. Este partido fez parte de coligações governativas nos anos de 1992-1994, 1994-1998, 2006-2010 (Deegan-Krause, 2013). Nas recentes eleições de março de 2016, obteve 8,6% dos votos e está, atualmente, em coligação governativa com o partido social democrata, SMER, e outros 2 partidos, Most-Hid e Siet’.

2004, Deegan-Krause, 2013; Pytlas, 2013: 168-196). Porém, desde as eleições de março de 2016 que este discurso tem sido dividido com o partido que é apresentado como “*the epitome of right-wing extremism*” (Gyárfásová e Meseznikov, 2015: 227) e caracterizado pela sua aberta rejeição da democracia liberal e interesse em substituir o regime por um antidemocrático, o L’SNS¹⁷. Na Polónia, o nacionalismo distingue-se dos outros países por estar fortemente imbuído dum fundamentalismo religioso e por ter sido fraco até ao início do novo milénio. O ano de 2001 marca a entrada no parlamento, quer daquele que é, atualmente, o maior partido conservador polaco, PiS¹⁸, quer daquele que, durante seis anos, monopolizou o discurso ultranacionalista, católico e xenófobo, LPR¹⁹ (Rae, 2007: 221-231; Zamoyski, 2009: 362-374; Grzymala-Busse, 2015: 339-344; Kaspowicz, 2015: 157-178). Na Hungria, o discurso nacionalista foi, nos primeiros anos democráticos, canalizado pelo MIÉP. Este partido, que se apresentava como antisemita e ultraconservador, foi progressivamente substituído pelo partido Jobbik, que conseguiu adaptar o seu discurso xenófobo e racista ao eleitorado mais jovem. Neste país, o discurso nacionalista é, ainda, uma característica do partido conservador no governo, Fidesz, que se autointitula de defensor da nação húngara²⁰ (Nagy *et al.*, 2013: 241; Krekó e Mayer, 2015:186-200; Pytlas, 2016: 188-207). Ora, o sucesso eleitoral destes partidos é justificado na literatura através de seis grandes argumentos, todos eles amplamente interligados e complementares: (1) o passado histórico e o ímpeto irredentista, (2) a globalização e a europeização, (3) a natureza étnica da xenofobia, (4) o conservadorismo e a religiosidade, (5) o autoritarismo e rejeição da política democrática e (6) o nacionalismo económico e o Estado social nacional.

A memória histórica, como referia Kohn (1994), é determinante na definição daquilo que é o nacionalismo nos países do Grupo de Visegrado (Minkenberg, 2013: 9-33). Nesta zona do globo, o passado histórico é uma soma de constantes alterações políticas e perdas de soberania. Historicamente, estes países foram anexados por vários Impérios, como o Otomano, o Habsburgo e o Russo, foram invadidos pela Alemanha nazi e ocupados pelas forças soviéticas. Consequentemente, paira nestes países um sentimento de ódio face a qualquer tipo de dominação estrangeira, sendo nestes moldes que deve ser analisada a rejeição de organizações internacionais. A este leque de perdas de soberania, juntam-se constantes alterações de fronteira, que continuam a fundamentar o programa eleitoral irredentista de alguns partidos nacionalistas desta região (Pirro, 2014b: 613-614). O partido checo SPR-RSC, por exemplo, exigiu que fossem restabelecidas as fronteiras da antiga Checoslováquia, onde só a população checa teria o direito de viver (Minkenberg, 2015b: 33). Recentemente, o partido húngaro Jobbik tem como bandeira eleitoral a redefinição das fronteiras húngaras conforme estas estavam delimitadas antes

¹⁷ Este partido entrou para o parlamento eslovaco pela primeira vez a 5 de março de 2016, com 8% dos votos.

¹⁸ Integra o parlamento polaco desde as eleições de 2001. Esteve no governo em 2005-2007, a partir de 2006 em coligação com o LPR e o SRP (Grzymala-Busse, 2015). Dado o seu resultado nas eleições de 2015 – 37,6% dos votos –, formou coligação com o PS, o PRZP e um membro do PR a fim de garantir maioria absoluta.

¹⁹ Este partido conseguiu assento parlamentar nas eleições de 2001 e 2005 com 7,9% e 8%, respetivamente. Esteve em coligação governativa de 2006 até às eleições de 2007, com o PiS e o SRP (Zamoyski, 2009: 363-364).

²⁰ Sobre estes partidos húngaros ver subcapítulo “As Direitas Nacionalistas na Hungria”, páginas 14 – 17.

do Tratado de Trianon²¹ (Lendvai, 2012; Minkenberg, 2013: 9-33). Ora, este “destino” histórico, aliado a fanatismos morais e étnicos, tem sido o rastilho para a emergência de vozes conservadoras nacionalistas e de extrema-direita (Niederhauser, 2003; Lendvai, 2012: 114; Berglund *et al.*, 2013).

O fim do mundo bipolar e a transição para a democracia eram vistos, pelos países do Grupo de Visegrado, como um “retorno à Europa” e, conseqüentemente, era prioritária a adesão destes a organizações internacionais (Pridham, 2005: 147-150). Assim, e depois da entrada destes países na OTAN, no ano de 1999, o ano de 2004 e o denominado “alargamento a Leste” representaram uma rutura definitiva com o legado soviético. A entrada no “clube” europeu era, ainda, percebida como o imobilizar do nacionalismo que caracterizou a região durante séculos, visto que a ideia westfaliana de Estado-nação iria ser superada pelo modelo supranacional da EU, que daria a estes novos Estados-membros um sentimento de pertença que não estava enraizado no nacionalismo histórico (Fowler, 2004; Fox e Vermeersch, 2010: 325). Todavia, “*contrary to some expectations, membership of the EU does not mean a definitive domestication or even the end of ultranationalist politics in Eastern Europe*” (Minkenberg, 2015a: 1). Irónica e paradoxalmente, parece ter sido a UE a abrir um novo espaço político que favoreceu a emergência destes nacionalismos. Note-se, a título de exemplo, que, se a UE foi um dos temas em torno dos quais os sistemas partidários, principalmente o polaco e o eslovaco, se estruturaram (Resende, 2009), a República Checa é tida como o país mais eurocético do V4 (Pridham, 2005: 162). Isto porque, e numa lógica “introvertida”, as organizações internacionais são vistas, pelas forças nacionalistas mais extremistas, como ataques à soberania dos Estados. No entanto, para outras forças nacionalistas, embora a perda de soberania seja um elemento importante na equação, a UE é, também, entendida como uma forma de ligação como as minorias nacionais para lá das fronteiras (Fox e Vermeersch, 2010; Resende, 2011; Vermeersch, 2013; Pirro, 2014a: 258-260; Pirro, 2014b: 618-620).

Simultaneamente com o processo de transição democrática ressurgiram, no Grupo de Visegrado, as disputas étnicas que marcam a região desde o tempo dos impérios (Evans e Need, 2002; Weiss, 2003; Pirro, 2014b: 616-617; Harris, 2012). Porém, se o antissemitismo que marcou o século XX nesta região já não é uma das bandeiras das forças nacionalistas (Mudde, 2005: 181), é consensual, entre a literatura, que são, hoje-em-dia, os ciganos que assumem o papel de bodes expiatórios nos quatro países (Mudde, 2005: 170-171; Pirro, 2014a: 254-257; Minkenberg, 2015b: 33). Adicionalmente, e devido às constantes alteração fronteiriças, estes Estados enfrentam um duplo panorama étnico: por um lado, têm minorias étnicas nos seus territórios – conhecidas como “os outros” (Butiskova e Kitschelt, 2009: 467-469; Butiskova, 2015: 74) – e, por outro lado, têm minorias nacionais que estão noutros Estados. De entre os países do V4, este problema é mais expressivo nos países diretamente envolvidos no tratado de Trianon – Hungria e Eslováquia –, e é um dos grandes eixos de ação, quer do SNS, quer do Jobbik (Pytlas, 2013).

²¹ Com a derrota e fim do Império Austro-Húngaro na I Guerra Mundial, os húngaros viram-se confrontados com o Tratado de Paz de Trianon. Este reduziu o território magiar para um terço e a sua população para dois terços. De entre outras regiões, a Hungria perdeu a Transilvânia, considerada pelos húngaros como o berço intelectual da nação. Os efeitos deste Tratado ainda hoje-em-dia se fazem sentir (Crampton, 1997: 84-85).

Assim, se na Hungria, há uma grande comunidade de ciganos, há, também, na Eslováquia e na Roménia uma forte comunidade de magiares (Harris, 2012). Ora, numa região onde reina o “mito de uma nação homogénea” (Minkenberg, 2015b: 28), a xenofobia e a exclusão têm que ser entendidas numa perspetiva étnica (Anastasakis, 2001: 22-23) e a ascensão destas forças nacionalistas tem que ser analisada tendo em conta a força dos partidos étnicos e/ou a sua eventual participação em governos (Koev, 2015).

Tanto a religiosidade como o conservadorismo têm vindo a ser descritos na literatura como determinantes do sucesso eleitoral dos partidos de direita nacionalista no Grupo de Visegrado. No entanto, a assunção de tal facto implica que sejam evidenciadas algumas especificidades de cada um dos países. Mesmo durante o período soviético, a Igreja Católica sempre usufruiu de alguma autonomia e uma enorme capacidade de mobilização popular, principalmente na Polónia. Aliás, tal fica provado com visitas do Papa João Paulo II ao país, em 1979, 1983 e 1987, ou com o papel dual do Cardeal Wyszyński de oposição e flexibilidade negocial com regime comunista (Zamoyski, 2009: 327-355; Resende, 2014: 14-17). Atualmente, a Polónia continua a ser, dos quatro países, o mais religioso, aquele onde nacionalismo e religiosidade se confundem e onde a defesa dos valores católicos, que era uma das principais bandeiras do LPR, é agora um dos principais estandartes do PiS (Kasprowicz, 2015: 157-165; Minkenberg, 2015b: 33; Pytlas e Kossack, 2015: 121-123). No extremo oposto, a República Checa apresenta, historicamente, elevados índices de secularização e uma elevada percentagem de população que se diz atea (Grzymala-Busse, 2015). Ora, sabendo que há uma estreita relação entre religiosidade e conservadorismo, não é de espantar que o último seja também mais forte na Polónia (Rae, 2007: 222). No entanto, e independentemente dos níveis de religiosidade, predomina nestes quatro países um certo medo da modernização (Weiss, 2003: 379), ou seja, aquilo a que Minkenberg (2015b) chama de heterofobia. Isto é, há uma generalizada rejeição daquilo que foge ao *mainstream*, que inclui oposição à eutanásia, atitudes homofóbicas e restrição à lei do aborto, por exemplo (Rae, 2007; Pirro, 2014b: 612-613; Bustiskova, 2015: 71-74; Grzymala-Busse, 2015; Krekó e Mayer, 2015: 194-200).

A par daquilo que tem vindo a ocorrer a Ocidente, é crescente, no Grupo de Visegrado, a descrença na política democrática, em geral, e na classe política, em particular. Alicerçada em inúmeros escândalos de corrupção, favoritismo e clientelismo, esta descrença tem gerado uma nostalgia face aos antigos regimes despóticos e tem promovido uma relação instável com a democracia, que tem sido capitalizada pelas forças mais extremistas (Anastasakis, 2001: 20-21; Weiss, 2003: 388; Pirro, 2014a: 257-258; Pirro, 2014b: 617-618; Minkenberg, 2015b: 28-34;). Por outras palavras, *“these parties [...] ideologies are characterized by a troubled or antithetical relationship to democracy. They proclaim nostalgia for the old despotic regimes, as well as ethnic and territorial conception of national identity that prevailed under them”* (Minkenberg, 2015b: 33). Assim, não é de estranhar a rápida proliferação de partidos populistas, de cariz autoritário, que rejeitam uma política democrática e apelam à existência de um Estado forte, que garanta segurança, a lei e a ordem (Butiskova, 2009: 231-235).

A nostalgia face aos regimes despóticos, como acima foi evidenciada, deve também ser entendida em termos económicos, visto que, com a exceção da República Checa, esta passa também por

ser uma nostalgia face à política económica e aos benefícios sociais garantidos durante o período comunista (Butiskova, 2009: 231-235). Ora, com a transição para a democracia dos países do V4, quer o partido socialista húngaro MSZP, quer o partido social-democrata polaco SdRP²², herdeiros dos partidos comunistas MSzMP e PZPR, respetivamente, passaram, a abraçar políticas pró-mercado, características de partidos liberais. Na República Checa e na Eslováquia, os herdeiros do partido comunista KSC são, respetivamente, o partido comunista, KSCM, e o partido da esquerda democrática, SDL²³. Se o KSCM se distanciou do MSZP e do SdRP e não enveredou por uma via reformista, mantendo os velhos valores do Estado socialista, o SDL ficou a meio caminho, compatibilizando a social-democracia com um discurso populista e nacionalista (Bauer, 2002: 341-366; Bozóki, 2002: 89-92). Com uma esquerda submersa em políticas liberais, foi fácil para os partidos de direita nacionalista, principalmente na Hungria e na Polónia, entrarem por aquele que é, tradicionalmente, o terreno da esquerda e serem vistos como uma alternativa viável (Anastasakis, 2001:19-20; Rae, 2007: 221-222; Bustiskova e Kitschelt, 2009; Pirro, 2014b). Seguindo este argumento, e de forma a explicar a fraca implementação social do nacionalismo de direita na República Checa: *“despite a virulent anticommunist orientation, the East European extreme-right may paradoxically share some statist views with the unreformed communists. Both the extreme right and the left have rejected the liberal system of governance and have been very suspicious of market forces”* (Anastasakis, 2001: 23).

1.2.3.2. As Direitas Nacionalistas na Hungria

O nacionalismo sempre foi uma constante na vida política húngara, tendo sido uma temática que acompanhou a reconfiguração, democratização e institucionalização do sistema partidário húngaro. Durante o período de transição democrática, o partido conservador de József Antall²⁴, o MDF²⁵, encontrou no discurso nacionalista uma forma de vencer as eleições de 1990 e, conseqüentemente, de formar governo. Todavia, o descrédito eleitoral a que este partido foi votado depois da sua experiência governativa (1990-1994) deixou um vazio no centro-direita conservador, populista e nacionalista, que começou, progressivamente, a ser ocupado pelo Fidesz (Lendvai, 2012: 86). Este partido, outrora composto por jovens estudantes libertários e anticomunistas e cuja idade máxima eram os 35 anos, transformou-se ideologicamente num partido de direita conservadora nacionalista e conseguiu, assim, o seu sucesso eleitoral (Kiss, 2002: 755-758; Enyedi e Tóka, 2007: 147-151). Depois dos fracos resultados nas eleições de 1990 e 1994, com 5,2% e 5,1% dos votos, respetivamente (Rose e Murno, 2003: 188), esta mudança ideológica revelou-se como a melhor opção, tendo o primeiro governo Fidesz, em

²² Dissolvido em 1999, este partido fundiu-se com outros e foi fundado o partido social democrata SLD.

²³ Dissolvido em 2004, este partido incorporou-se no partido SMER.

²⁴ József Antall (1932-1993) foi o primeiro primeiro-ministro húngaro democraticamente eleito e figura central na Revolução de 1956 e no processo de transição para a democracia (Lendvai, 2012: 29-51).

²⁵ Dissolvido em 2011 (Lendvai, 2012: 29-51).

coligação com o MDF e o partido agrário FKGP²⁶, surgido com as eleições legislativas de 1998 (Kiss, 2002: 758-760; Fox e Vermeersch, 2010: 329-330; Tóka e Popa, 2013: 313-320).

Depois desta viragem ideológica, o Fidesz tem-se intitulado como o guardião da nação húngara. Assim, este define-se como defensor dos interesses de todos aqueles que são etnicamente magiares, quer vivam dentro quer fora das fronteiras da Hungria, em consequência do *Diktat* de Trianon (Fox e Vermeersch, 2010: 330; Lendvai, 2012: 95-96). Deste modo, e tendo em conta aquilo que Pytlas (2013: 176-181 e 2016: 156), chama de “*external homelands*”, o governo Fidesz reconheceu a cidadania aos húngaros que vivem para lá das fronteiras (Lendvai, 2012: 211; Pytlas, 2016: 158-168). Não obstante o seu cariz nacionalista e conservador, a política do Fidesz tem-se revelado, primordialmente, eleitoralista: “*neoliberal policies for the rich; [...] a mix of ethnonationalist, anticapitalist and anticommunist rhetoric for the lower middle classes; policies of social exclusion and demobilization against the Romani and the poor; and finally, the familiar Kádárist paternalism to the pensioners*” (Bozóki, 2015: 27).

Na sua versão mais exacerbada, o nacionalismo chegou à Hungria democrática pelas mãos do escritor István Csurka. Este dissidente do MDF formou, em 1993, o partido de extrema-direita MIÉP, que se baseava em princípios nacionalistas, chauvinistas e etnocêntricos (Tóth e Grajczjár, 2015: 134). Muito imbuído numa nostalgia face ao período entre guerras e à figura de Miklós Horthy²⁷, este partido dava conta da injustiça de Trianon e apelava à restauração das fronteiras pré-1919, às virtudes do anticomunismo, ao ódio face ao judeus e a outras minorias étnicas, à lei e à ordem e à preservação dos valores tradicionais e católicos (Tamas, 2011: 221-222; Tóth e Grajczjár, 2015: 134). Entrou no parlamento húngaro com as eleições de 1998, com 5,3% dos votos (Rose e Murno, 2003: 188). Porém, a sua incapacidade em se modernizar e adaptar o seu discurso às camadas mais jovens ditou o seu fracasso eleitoral nas seguintes eleições, tendo-lhe sucedido um outro partido, formado em 2003: Jobbik.

Formado por recém-licenciados, o Jobbik conseguiu adaptar o seu discurso às massas mais jovens e é desde 2010 a terceira maior voz no parlamento húngaro (Tamas, 2011: 221; Nagy *et al.*, 2013: 229). À semelhança daquele que é o programa político do MIÉP, a principal bandeira do partido liderado por Gábor Vona é “*the revolt against the World War II order based on democratic principle and the free market, in the name of the dream of reuniting the nation across the Trianon borders*” (Tóth e Grajczjár, 2015: 140). Assim, são-lhe reconhecidos traços ultranacionalistas, um discurso antiglobalização e de oposição ao capital estrangeiro e uma política de intolerância e preconceito face a minorias étnicas. Porém, se o antissemitismo tem diminuído nesta região, o denominado *gypsy crime* tem figurado como um dos grandes temas do Jobbik, uma vez que os ciganos são vistos como

²⁶ O Fidesz obteve 22,2%, o MDF 2,1% (conseguiu 2 deputados em 2 círculos uninominais) e o FKGP 10,8%. Todavia, o partido mais votado nestas eleições foi o partido socialista, MSZP, com 35,2% dos votos (Rose e Murno, 2003: 188).

²⁷ Miklós Horthy, que governou a Hungria durante período entre março de 1920 a outubro de 1944, foi um almirante e estadista húngaro. Fortemente nacionalista e conservador, proibiu o partido comunista e adotou uma política externa agressiva de restabelecimento das fronteiras pré-Trianon (Cartledge, 2011; Pytlas, 2016).

instigadores de crime e um atentado à etnia húngara (Tamas, 2011: 221-222; Nagy *et al.*, 2013: 241; Varga, 2014: 792-797; Pirro, 2015: 90-93; Tóth e Grajczjár, 2015: 144-145; Pytlas, 2016: 188-207).

Foi nas eleições legislativas de 2010 e 2014 que a direita nacionalista conseguiu o seu maior sucesso eleitoral, tendo o Fidesz, em coligação com KDNP, conseguido 53,3% e 44,5% dos votos e o Jobbik 15,3% e 20,3%, respetivamente (Nagy *et al.*, 2013: 229-230). Para que se consiga perceber estes resultados, é preciso que os mesmos sejam analisados à luz da crise económica e do escândalo político em torno do anterior governo socialista (2006-2010). Ora, se em 2006, durante a campanha eleitoral, a economia húngara foi apresentada pelo partido incumbente, MSZP, como estável, dois meses depois, em junho, as dificuldades económicas - o défice e a dívida pública eram muito elevados - foram reveladas ao país, acompanhadas de uma nova proposta de plano económico. Este anúncio gerou, instantaneamente, uma vaga de protestos, que foi agudizada quando, a 17 de setembro, se tornou público que o primeiro-ministro socialista, Ferenc Gyurcsány, não tinha dito a verdade sobre a situação económica a fim de ganhar as eleições (Stegmaier e Lewis-Beck, 2011: 463; Lendvai, 2012: 141-142; Beissinger e Sasse, 2014: 359; Bozóki, 2015: 11-12). Foi num discurso à porta fechada, para cerca de 200 militantes do partido, que Gyurcsány afirmou:

We had almost no other choice [than the package of cuts] because we have fucked it up. Not just a little bit but totally. [...] And in the meantime, we have, by the way, been doing nothing for the past four years. Nothing. If we were forced to give an account of what we've been doing in the past four years, what could we say? (em Lendvai, 2012: 143).

Em setembro de 2008, a chegada da crise económico-financeira que abalou os mercados financeiros norte-americanos foi nociva para a débil economia húngara. Na eminência de insolvência, o governo húngaro, em outubro de 2008, pediu ajuda externa, tendo sido anunciado pelo FMI, Banco Mundial e UE um pacote de resgate financeiro à Hungria, num total de 25 mil milhões de dólares (Stegmaier e Lewis-Beck, 2011: 463; Beissinger e Sasse, 2014: 359).

De acordo com a literatura, “*given that the bottom had fallen out of the economy on the MSZP’s watch and that the party had been mired in scandal, it was not surprising that Fidesz won 53 percent of the popular vote*” (Bánkuti *et al.*, 2015: 37). Assim, a crise económica e o “*political suicide of the left*” (Lendvai, 2012: 195), agudizados pelo discurso nacionalista levado a cabo pelos “*charismatic ‘Führer’ parties*” (Lendvai, 2012: 86) formaram a tempestade política perfeita que motivou o voto, quer no Fidesz-KDNP, quer no Jobbik (Tamas, 2011: 225; Beissinger e Sasse, 2014: 359). Estes dois fatores juntos levaram, ainda, a uma mutação do sistema partidário e das relações entre os principais partidos, que gerou uma “*cold civil war*” (Bozóki, 2015: 7-9) entre a esquerda e a direita. Isto é, a intensificação da polarização ideológica do sistema partidário entre MSZP²⁸ e Fidesz-KDNP/Jobbik. Em oposição a esta dicotomia, surgiu, em 2010, um novo partido, LMP²⁹, que tem como bandeiras o ambientalismo, a

²⁸ Apesar das derrotas eleitorais de 2010 e 2014, com 22,97% e 26,2%, respetivamente, conseguiu manter o voto do seu eleitorado fiel. No ano de 2014, concorreu às eleições em coligação, denominada Unidade de Esquerda (*Baloldali Összefogás*), com os partidos E14, DK, PM e MLP.

²⁹ Este partido, nas eleições de 2010 e 2014 obteve 5,47 e 5,2% dos votos, respetivamente.

democracia deliberativa e a luta contra a corrupção, e que conseguiu captar o eleitorado que não se revê nestes partidos (Bozóki, 2015: 7-9; Pytlas e Kossack, 2015: 115-117; Tóth e Grajczjár, 2015: 160).

1.3. Modelo de Análise³⁰

1.3.1. Objeto e Objetivos

Tendo por base aquilo que foi acima apresentado, o objeto desta dissertação é o voto em partidos de direita nacionalista, com assento parlamentar, nos vários países que compõem o Grupo de Visegrado. Isto é, o voto quer em partidos conservadores nacionalistas, quer em partidos de extrema-direita. A análise conjunta destes partidos justifica-se pelas palavras de Minkernberg (2015b: 50): “*no ‘taming’ of the radical right by other parties can be observed when the radical right joined a coalition government or a major party chose to cooperate with it – instead of a mainstreaming of the radical right, we observe a radicalization of the mainstream*”. Como já foi avançado, esta dissertação tem o propósito de explicar, comparativamente, o caso da Hungria. Deste modo, delimitamos três objetivos: (1) aferir a evolução, desde 1989, de fatores institucionais, como a desproporcionalidade do sistema eleitoral, e de fatores políticos, como a fragmentação partidária, a volatilidade eleitoral e a polarização ideológica nos países do Grupo de Visegrado; (2) mapear, em traços gerais, a evolução das atitudes face ao nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional, desde do início do século XXI, nos vários países que compõem o Grupo de Visegrado e (3) compreender e isolar os determinantes do voto nos partidos de direita nacionalista que são comuns aos países do V4 dos que singularizam o caso húngaro.

De forma descritiva e contextual, pretendemos, em primeiro lugar, conhecer a estabilidade e institucionalização dos sistemas partidários dos países do V4, por forma a melhor compreendermos a ascensão dos partidos de direita nacionalista. Também de forma descritiva e longitudinal, queremos conhecer os principais padrões e tendências no que à evolução das atitudes face ao nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional nestes países diz respeito. Aqui, escolhemos o ano de 2004 e a entrada na União Europeia destes países como marco temporal para o início desta análise. Porém, e por forma a conseguirmos perceber a influência deste acontecimento na evolução destas atitudes, decidimos fazer a análise no período compreendido entre 2002 e 2014. De forma inferencial e comparativa, e como principal objetivo, queremos compreender e diferenciar os determinantes do voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do V4, entre 2010 e 2015. Assim, será realizada uma análise multivariada, com os preditores que a literatura apresenta como explicativos do voto em partidos de direita nacionalista no Grupo de Visegrado. Nesta análise, serão apenas incluídos os casos da Hungria e da Polónia. A não inclusão do caso da República Checa deve-se ao facto de durante este período este país não ter nenhum partido de direita nacionalista³¹ no

³⁰ Ver figura esquemática do modelo de análise na página 23.

³¹ Na República Checa, tem sido o partido xenófobo Úsvit, que obteve nas eleições de 2013 6,9% dos votos, que tem monopolizado o discurso de ódio face a minorias étnicas. Porém, tendo em conta a literatura (Mares, 2015)

parlamento. Quanto à Eslováquia, a justificação para a exclusão deste país da análise prende-se com razões estatísticas, que serão exploradas no Capítulo II – Metodologia e Dados, e que estão relacionadas com a baixa percentagem de votos do SNS, entre 2010 e 2015³². Assim, embora apenas comparemos a Hungria e Polónia, comparamos os dois países onde a direita nacionalista tem maior expressão.

1.3.2. Conceptualização e Operacionalização de Conceitos³³

O estudo daquilo a que chamamos de partidos de direita nacionalista implica, como temos vindo a referir, o estudo conjunto de partidos conservadores nacionalistas e de partidos de extrema-direita. Embora haja inúmeros pontos característicos comuns a estes dois conceitos e que, logicamente, possibilitam que sejam analisados em conjunto, há elementos que os distinguem e que devemos considerar teoricamente. Ora, o conceito de direita conservadora remonta a Edmund Burke (1790) e à sua obra *Reflections on the Revolution in France*. Recentemente, este conceito tem sido aprofundado e desenvolvido, podendo ser subdividido em dois conceitos: direita conservadora liberal e direita conservadora nacionalista (Hlousek e Kopecek, 2010; Heywood, 2012: 65-96). Interessa-nos, aqui, concetualizar este último. Entendemos este conceito como uma ideologia política que, sendo uma variante do conservadorismo/direita conservadora, “*is defined by the desire to conserve, reflected in a resistance to, or at least a suspicion of, change*” (Heywood, 2012: 65). Substantivamente, esta direita rege-se pela proteção de uma visão orgânica da sociedade³⁴ e centra-se na proteção de valores tradicionais e conservadores, na defesa da estabilidade social e na oposição à mudança e ao progresso, (Vincent, 2010). Aliada a estes valores conservadores, esta ideologia é predominantemente nacionalista. Neste sentido, tende a ser exaltado o legado histórico, preservadas as tradições nacionais e locais e defendida a identidade cultural e étnica da nação (Hlousek e Kopecek, 2010).

O segundo conceito que aqui definimos é o de extrema-direita. Sobre este, que está longe de ser um conceito consensual e unívoco na Ciência Política, tem surgido um longo debate. Dado que muitas vezes há uma utilização indiscriminada dos termos extrema-direita e direita radical, estes têm, recentemente, sido alvo de maior distinção conceptual. Embora estejam ambos fora da política *mainstream*, em relação à direita radical, a extrema-direita pauta-se por uma apologia da violência, por um carácter antidemocrático, com raízes fascistas, e por uma rejeição do *establishment* e das dinâmicas

e os *e-mails* que trocámos com o Professor Kevin Deegan-Krause, da Universidade de Wayne, não incluímos este partido na análise por não se incluir na categoria de partido de direita nacionalista.

³² No período de 2010 a 2015, este partido só esteve no parlamento entre 2010 e 2012. Nas eleições de 2010, obteve 5,1% dos votos.

³³ Metodologicamente, recorreremos a Babbie (1989) e Quivy e Campenhoudt (2008) para definir e operacionalizar os nossos conceitos.

³⁴ Para a direita conservadora, o Homem é imperfeito e dependente. Consequentemente, este não pode existir fora da sociedade, onde encontra proteção. Neste sentido, são criticados os valores da liberdade individual, uma vez que a sociedade é vista como um organismo vivo que se deve sobrepor ao indivíduo. Usando a terminologia de Émile Durkheim, é criticada a anomia social que advém da liberdade individual (Heywood, 2012: 73-74).

da política democrática. (Mudde, 1996: 131-132; Mudde, 2000: 178-180; Carter, 2005: 21, Norris, 2005: 43-46). Neste sentido, a extrema-direita é comumente definida a partir de cinco características: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e Estado forte. Por outras palavras, a extrema-direita é “*a political doctrine that strives for the congruence of the cultural and the political unit, i.e. the nation and the state, respectively. In other words, the core goal of the [ultranationalist] is to achieve a monocultural state*” (Mudde, 2007: 16).

A definição dos conceitos de direita conservadora nacionalista e de extrema-direita leva-nos a conseguir identificar algumas dimensões comuns entre estes – nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional - e que, conseqüentemente, estão na base da definição daquilo que é a direita nacionalista. Em traços gerais e em diferentes graus, estes partidos são, primordialmente e como o próprio nome indica, nacionalistas. Neste sentido, tendem a promover e a proteger o legado histórico e os símbolos nacionais, a contestar a delegação de soberania em instituições internacionais, a opor-se à imigração e a promover a homogeneidade étnica da nação. Adicionalmente, tendem a conservar as práticas e costumes tradicionais, a advogar um Estado forte que mantenha a lei e a ordem e a opor-se ao espírito egoísta e materialista que é inerente ao sistema capitalista.

Dadas estas definições e este enquadramento conceptual, o conceito de direita nacionalista é decomposto nas quatro dimensões que abordamos no parágrafo anterior. Assim sendo, o nacionalismo é, nesta dissertação, dividido em nacionalismo introvertido, xenofobia e nacionalismo étnico. Ora, o nacionalismo introvertido, como já foi anteriormente avançado, parte da ideia de que características singulares da história e da cultura nacionais são a razão para um permanente conflito entre as nações. Assim, esta visão nacionalista tende a ser relutante à transferência de soberania do Estado para instituições internacionais (Resende, 2011; Resende, 2015). Neste sentido, para medir esta sub-dimensão, usaremos como indicador a *desconfiança face às instituições internacionais*³⁵. Em relação à xenofobia, comumente definida como a aversão face ao desconhecido, aos estrangeiros e aos imigrantes, está intimamente associada ao medo de perda de identidade por parte de uma sociedade já estabelecida³⁶. Esta sub-dimensão será medida através do indicador *intolerância face aos imigrantes*³⁷. No que diz respeito ao nacionalismo étnico, ou etnocentrismo, este centra-se na ideia de que a nação é uma comunidade que é etnicamente homogénea. Concomitantemente, é promovida uma homogeneização étnica e linguística da nação, assim como uma exaltação do seu passado histórico

³⁵ Resulta da média aritmética das seguintes variáveis: *desconfiança face ao Parlamento Europeu e desconfiança face às Nações Unidas*. Ver, a este respeito, anexo C.1.

³⁶ Seguindo literatura que acima apresentamos, a xenofobia e as políticas anti-imigração são duas das bandeiras das forças nacionalistas na Europa Ocidental. Na Europa de Leste, este diálogo é residual, visto que são baixos os fluxos migratórios nesta zona (Minkenberg, 2013). Todavia, a recente vaga de refugiados parece, progressivamente, contestar esta ideia.

³⁷ Resulta da média aritmética das seguintes variáveis: *a imigração é má para a economia do país; a vida cultural de um país é enfraquecida pelos imigrantes; os imigrantes tornam o país num pior lugar para se viver*. Ver, a este respeito, anexo C.1.

(Smith, 2009; Hastings, 1997). Para a medir, usaremos como indicadores: *permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país e permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país.*

Outra das dimensões que subjaz ao conceito de direita nacionalista é o conservadorismo. Este é aqui entendido como um conjunto de “*values, practices or institutions that have endured through time and, in particular, been passed down from one generation to the next*” (Heywood, 2012: 69). Isto é, é analisado enquanto sinónimo de preservação das instituições e tradições/práticas do passado e, conseqüentemente, de aversão face à mudança e à diversidade (Vincent, 2010). Para medir esta dimensão, serão usados dois indicadores: a *religiosidade* e a *homofobia*.

O autoritarismo é, também, uma das dimensões do conceito de direita nacionalista a que nos interessa atender e que será dividido entre Estado forte e insatisfação com a democracia. Por um lado, a dimensão autoritarismo é entendida como a crença de que é necessário um Estado forte que garanta a segurança e mantenham a lei e a ordem (Adorno *et al.*, 1969). Para o medir, usaremos o seguinte indicador: *é importante que o Estado seja forte e garanta segurança*. Por outro lado, e embora nem todas as definições o aceitem (Mudde, 2007: 22-23), autoritarismo é também aqui entendido como um conjunto de atitudes e valores antidemocráticos (Altemeyer, 1981; Heywood, 2013). Aqui, este será medido através do seguinte indicador: *insatisfação com o funcionamento da democracia no país*. Este indicador será aqui usado como *proxy*, pois acreditamos que não é o melhor para medirmos o que pretendemos. Aliás, socorrendo-nos de Norris (1999: 11; 17-19), estamos cientes da ambigüidade deste indicador: se, por um lado, este pode ser entendido como a satisfação da democracia enquanto valor abstrato, por outro lado, pode ser concebido como a insatisfação com o partido incumbente.

Por fim, entendemos, ainda, o Estado social nacional como sendo uma dimensão do conceito de direita nacionalista. Para além do protecionismo económico, materializado na proteção das empresas e indústrias nacionais e na desconfiança face ao comércio livre, a direita nacionalista caracteriza-se por promover políticas económicas que tendem a reduzir as diferenças sociais e a garantir a proteção social. Porém, este Estado social nacional é um *welfare chauvinism* (Mudde, 2007). Isto porque, “*socio-economic policy should be directed first and foremost to the ‘own group’. Priority in jobs and social benefits for the own people*” (Mudde, 2000: 189). Para medir esta dimensão, será usado o seguinte indicador: *é importante que o governo reduza as diferenças salariais*.

1.3.3. Hipóteses de Investigação

O quadro teórico da presente dissertação está alicerçado nos estudos empíricos e teóricos previamente publicados sobre a temática em estudo. Assim, e com base naquilo que vem sendo escrito e testado, serão aqui formuladas sete hipóteses de investigação que estão intimamente relacionadas com a pergunta de partida que guia este estudo e com o nosso terceiro objetivo de investigação. Porém, estando conscientes da pouca literatura atitudinal sobre o tema, as hipóteses tendem a sustentar-se em inferências dedutivas que fazemos da literatura existente, que é, maioritariamente, partidária. Ora, dado que queremos diferenciar os determinantes do voto em partidos de direita nacionalista que são comuns aos

países do Grupo de Visegrado (neste caso, Polónia) dos que singularizam o caso húngaro, serão formuladas hipóteses genéricas e não apenas hipóteses que espelhem este caso. Isto é, usamos todos os preditores que, segundo a literatura, se relacionam com a direita nacionalista no Grupo de Visegrado e não apenas os que tendem a explicar o caso da Hungria, uma vez que é neste contexto que queremos descobrir as especificidades deste caso. Assim sendo, serão examinadas quatro explicações teóricas: o nacionalismo (H1, H2 e H3), o conservadorismo (H4), o autoritarismo (H5 e H6) e o Estado social nacional (H7).

No que diz respeito ao nacionalismo, a primeira hipótese de investigação que aqui formulamos baseia-se na premissa de que há uma relação entre a insatisfação e o descrédito nestas instituições internacionais e o voto nos partidos de direita nacionalista. Sustentamos esta hipótese com base na literatura que evidencia que a entrada no “clube” europeu abriu um novo espaço político para a emergência das forças de direita nacionalista e que os sistemas partidários do Grupo de Visegrado se têm estruturado em torno da temática da integração europeia (Fowler, 2004; Pridham, 2005; Resende, 2009; Fox e Vermeersch, 2010: 325; Pirro, 2014a: 258-260; Pirro, 2014b: 618-620). Numa lógica de nacionalismo introvertido, acreditamos que a relutância em aceitar a transferência de soberania nacional para organizações internacionais, que são tidas como inimigos externos na vida política do país, motiva o voto nos partidos de direita nacionalista, quer na Hungria, quer na Polónia.

H1: É expectável que, quanto maior o nacionalismo introvertido, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia.

A segunda hipótese de trabalho que aqui enunciamos é aquela que carece de maior sustentação teórica, mas que nos parece pertinente dado o panorama atual. A recente vaga de refugiados e as subsequentes políticas de anti-imigração que têm vindo a ser implantadas um pouco por todo o Grupo de Visegrado parecem contestar a ideia de que a xenofobia é um traço distintivo que apenas explica a ascensão destes partidos na Europa Ocidental (Minkener, 2013; Minkener, 2015b). Assim, parece-nos haver uma estreita relação entre atitudes xenófobas e o voto em partidos de direita nacionalista, quer na Hungria, quer na Polónia.

H2: É expectável que, quanto maior a xenofobia, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia.

A relação entre o nacionalismo étnico, ou etnocentrismo, e os partidos de direita nacionalista, é, talvez, aquela sobre a qual mais páginas têm sido escritas e é, também, aquela que está espelhada na nossa terceira hipótese. A ideia defendida na literatura é a de que, numa zona do globo onde a superioridade étnica é uma realidade generalizada, a presença de minorias étnicas em território nacional ou a presença de minorias nacionais noutros territórios é um dos temas em torno dos quais giram as políticas nacionais (Evans e Need, 2002; Weiss, 2003; Pirro, 2014b: 616-617; Harris, 2012). No entanto, é na Hungria, como resultado do *Diktat* de Trianon, que esta realidade mais se faz sentir e onde o discurso do *gypsy crime* é mais monopolizado pelos partidos de direita nacionalista. Sobre esta relação, uma questão que é pouco abordada na literatura, mas que nos parece vital ter em conta é que, dos quatro

países em análise, a Hungria é o único que não é eslavo, mas magiar. Assim sendo, parece-nos haver um ímpeto extra de defesa da etnia por parte de um país que está rodeado de povos de origem germânica, latina e eslava. Daqui, decorre a assunção de que há uma estreita relação entre o nacionalismo étnico e o voto, quer no Fidesz, quer no Jobbik (Tamas, 2011: 221-222; Harris, 2012; Nagy *et al.*, 2013: 241; Varga, 2014: 792-797; Pirro, 2015: 90-93; Tóth e Grajczjár, 2015: 144-145; Pytlas, 2016: 188-207).

H3: É expectável que, quanto maior o nacionalismo étnico, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Hungria.

Quanto ao conservadorismo, a nossa hipótese de investigação parte da relação expressa na literatura entre a religiosidade e a preservação de valores tradicionais e os partidos de direita nacionalista (Weiss, 2003: 379; Pirro, 2014b: 612-613; Bustiskova, 2015: 71-74; Krekó e Mayer, 2015: 194-200; Minkenberg, 2015b). No entanto, a literatura parece ser unânime ao realçar o caso da Polónia como aquele onde esta relação é mais robusta. Isto é, como o país mais religioso do V4 e onde nacionalismo e religiosidade se confundem (Kasproicz, 2015: 157-165; Minkenberg, 2015b: 33; Pytlas e Kossack, 2015: 121-123). Assim, a presente hipótese parte da crença de que a religiosidade e o conservadorismo são as principais bandeiras da direita nacionalista polaca e que, logicamente, há uma relação entre a religiosidade e o conservadorismo e o voto em partidos de direita nacionalista na Polónia.

H4: É expectável que, quanto maior o conservadorismo, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Polónia.

Em relação ao autoritarismo, a literatura demonstra-nos que, com base em inúmeros escândalos de corrupção, favoritismo e clientelismo, tem sido crescente a descrença na política democrática e que, consequentemente, se tem gerado uma certa nostalgia face aos antigos regimes despóticos. É na Hungria que este facto se tem revelado mais evidente. Ora, a ascensão do Fidesz e do Jobbik, em 2010, são analisadas na literatura à luz da crise económica e do escândalo de corrupção socialista, de 2006-2008 (Anastasakis, 2001: 20-21; Weiss, 2003: 388; Tamas, 2011: 225; Beissinger e Sasse, 2014: 359; Pirro, 2014a: 257-258; Pirro, 2014b: 617-618; Minkenberg, 2015b: 28-34). Deste modo, equacionamos, aqui, a nossa quinta hipótese que se traduz na relação entre a apologia por políticas que garantam a segurança e mantenham a lei e a ordem e o voto em partidos de direita nacionalista na Hungria.

H5: É expectável que, quanto mais favoráveis as atitudes face a um Estado forte, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Hungria.

Partindo da relação que estrutura a hipótese anterior, a descrença na política democrática e nos seus atores tem promovido uma relação instável com a democracia, que tem sido capitalizada pelas forças nacionalistas mais extremistas (Anastasakis, 2001: 20-21; Weiss, 2003: 388; Pirro, 2014a: 257-258; Pirro, 2014b: 617-618; Minkenberg, 2015b: 28-34). Isto é, têm crescido os sentimentos antidemocráticos e de saudosismo face ao período fascista entre guerras. Neste caso, é também na Hungria, e novamente como consequência da crise económica e do escândalo socialista, que se tem verificado uma maior rejeição dos princípios democráticos. Tal facto é, de entre outras formas, visível

pelo sucesso eleitoral do Jobbik. Deste modo, a nossa sexta hipótese estabelece uma relação entre as atitudes antidemocráticas e o voto na direita nacionalista, na Hungria.

H6: É expectável que, quanto maior a insatisfação com a democracia, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista na Hungria.

Em relação ao Estado social nacional, tem sido recentemente estudada a entrada da direita nacionalista naquele que é um terreno, historicamente, da esquerda: a proteção social e o combate às desigualdades sociais (Anastasakis, 2001: 19-20; Rae, 2007: 221-222; Bustiskova e Kitschelt, 2009; Pirro, 2014b). Com uma esquerda ancorada em políticas liberais, a nossa sétima e última hipótese de trabalho passa pela relação entre a valorização de um Estado social nacional e o voto em partidos de direita nacionalista. Embora a literatura nos elucide acerca do carácter eleitoralista do Fidesz, que se traduz numa política económica que inclui quer elementos liberais, quer traços protecionistas, acreditamos que a relação acima equacionada é explicativa tanto da realidade polaca, como da realidade húngara. Isto porque o voto em partidos de direita nacionalista na Hungria implica, igualmente, o voto no Jobbik, partido apresentado pela literatura como anticapitalista, opositor do capital estrangeiro e promotor de um Estado social chauvinista (Pirro, 2015: 90-93; Tóth e Grajczjár, 2015: 144-145).

H7: É expectável que quanto mais favoráveis as atitudes face a um Estado social nacional, maior o voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia.

Figura n.º 1.1. – Esquema síntese do modelo de análise

Conceito	Dimensões	Indicadores	Hipóteses	
Variável Dependente	Variáveis Independentes			
Voto em Partidos de Direita Nacionalista (Partidos de Direita Conservadora Nacionalista + Partidos de Extrema-Direita)	Nacionalismo	Nacionalismo Introvertido	Desconfiança face às Instituições Internacionais Desconfiança face ao Parlamento Europeu Desconfiança face às Nações Unidas	H1
		Xenofobia	Intolerância face aos imigrantes A imigração é má para a economia do país A vida cultural de um país é enfraquecida pelos imigrantes Os imigrantes tornam o país num pior lugar para se viver	H2
	Conservadorismo	Nacionalismo Étnico	Permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país Permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país	H3
			Religiosidade Homofobia	H4
	Autoritarismo	Estado Forte (Lei e Ordem)	É importante que o Estado seja forte e garanta segurança	H5
			Insatisfação com a Democracia	Insatisfação com o funcionamento da democracia no país
	Estado Social Nacional		É importante que o governo reduza as diferenças salariais	H7

Fonte: Formulação própria, com base na Revisão da Literatura, Capítulo I – Teoria.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA E DADOS

2.1. O Método Comparativo dos Casos Mais Similares

A presente dissertação centra-se, como já aqui foi avançado, na análise dos quatro países que compõem o Grupo de Visegrado: Eslováquia, Hungria, Polónia e República Checa. A escolha destes e não de outros casos é aquela que melhor satisfaz os nossos objetivos de investigação, conforme foram previamente definidos. Ora, visto que queremos compreender o voto em partidos de direita nacionalista na Hungria, a partir das suas semelhanças e diferenças face ao voto nos mesmos partidos nos outros países do Grupo de Visegrado, justifica-se o estudo comparativo dos quatro países acima indicados. A proximidade geográfica, social e cultural, bem como a semelhança do seu passado histórico (pelo menos recente), leva-nos a que, metodologicamente, seja aqui utilizado o método comparativo dos casos mais similares (Przeworski e Teune, 1970; Lijphart, 1971, Collier, 1993).

Vulgarmente utilizado em Ciência Política, o método comparativo dos casos mais similares, ou aquilo a que John Stuart Mill denominou de método da diferença, consiste na comparação de casos que são “*similar in a large number of important characteristics (variables) which one wants to treat as constants (...). If such comparable cases can be found, they offer particularly good opportunities for the application of the comparative method because they allow the establishment of relationships among a few variables while many other variables are controlled*” (Lijphart, 1971: 687). Assim, assumindo uma série de características comuns entre os casos é possível compará-los, evidenciando as suas semelhanças, mas, primordialmente, as suas diferenças e singularidades, pois “*common systemic characteristics are conceived as “controlled for”, whereas intersystemic differences are viewed as explanatory variables*” (Przeworski e Teune, 1970: 33). Especialmente útil e eficaz nos estudos de área, este método e a lógica que lhe está inerente – quanto mais similares os casos em comparação, maior a possibilidade de serem isolados os fatores explicativos das suas diferenças – são aqueles que melhor satisfazem os nossos objetivos de investigação (Przeworski e Teune, 1970; Lijphart, 1971, Collier, 1993).

2.2. Tipo de Investigação e Fontes

A investigação que aqui desenvolvemos é feita a partir de uma análise quantitativa. Todavia, se num primeiro momento são utilizados dados macro, relativos aos sistemas eleitorais e aos sistemas partidários dos países em análise, noutro momento são usados dados micro, referentes às atitudes dos cidadãos face a uma bateria de variáveis, como o nacionalismo, o conservadorismo, o autoritarismo e o Estado social nacional. Ora, no que diz respeito aos dados macro, atendemos a fatores institucionais e a fatores políticos, com o objetivo de interpretar a sua influência na ascensão dos partidos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do Grupo de Visegrado. Estes dados são, na sua maioria, dados secundários, isto é, foram recolhidos com outro fim que não o da presente dissertação. No entanto, a sua utilização traz inúmeras vantagens a esta investigação, uma vez que estamos a usufruir do trabalho de investigadores conceituados e a poupar tempo no seu cálculo (Quivy e Campenhoudt, 2008).

No que diz respeito aos fatores institucionais, interessa-nos atender à natureza desproporcional do sistema eleitoral, que será medida através do índice de desproporcionalidade do sistema eleitoral, também conhecido por *least squares index* (LSq), proposto por Gallagher (1991). Este índice está calculado, até ao ano de 2014, para os países em estudo, e muitos outros, na base de dados disponibilizada por Michael Gallagher *online*. Deste modo, resta-nos o cálculo deste índice para os casos da Polónia, em 2015, e da Eslováquia, em 2016. Quanto aos fatores políticos, interessa-nos atender à fragmentação partidária, volatilidade eleitoral e polarização ideológica. A fragmentação partidária é, nesta investigação, medida através do número efetivo de partidos parlamentares (NEPP) e do número efetivo de partidos eleitorais (NEPE), como proposto por Markku Laakso e Rein Taagepera (1979). Também estes dados se encontram na base de dados de Michael Gallagher, para os mesmos países e lapso temporal. Em relação à volatilidade eleitoral total (VT), esta é operacionalizada, nesta dissertação, através da equação original de Pedersen (1979), porém, e tendo em conta as fórmulas de Powell e Tucker (2014), esta é, ainda, dividida em índice de volatilidade de tipo A (VA) e índice de volatilidade de tipo B (VB). A opção por esta decomposição fundamenta-se nas palavras de Powell e Tucker (2014: 5): “*distinguishing between these two different types of volatility is especially important in post-communist countries, which have seen large numbers of parties come and go*”. Estes índices, calculados até ao ano de 2012, foram-nos fornecidos, via *e-mail*, pelo investigador sueco Svante Ersson. Assim, cabe-nos o cálculo destes índices para as últimas eleições em cada um dos quatro países. Quanto à polarização ideológica, é medida através do índice de polarização ideológica (PI), proposto por Schmitt e Freire (2012)³⁸. Estes dados foram-nos disponibilizados pelo Professor André Freire e incluem o cálculo deste índice para os países em estudo, até 2007, com a exceção do caso Eslováquia, para o qual este índice não foi calculado em nenhum ano eleitoral. Resta-nos, deste modo, o cálculo deste índice para os anos de 1990, 2010 e 2013 na República Checa, 2010 e 2014 na Hungria e 2007 na Polónia. Cabe-nos, ainda, o cálculo deste índice para caso da Eslováquia³⁹.

Quanto aos dados micro, estes são determinantes nesta análise, uma vez que esta é, primordialmente, atitudinal. Assim sendo, para mapearmos a evolução das atitudes nacionalistas, conservadoras, autoritárias e face ao Estado social nacional usamos as bases de dados, em SPSS (versão 22), das 7 rondas do *European Social Survey*, que correspondem ao período de tempo compreendido entre 2002 a 2014^{40 41}. Estas bases de dados, com rondas levadas a cabo e disponibilizadas bianualmente,

³⁸ Sobre a operacionalização destes índices, ver anexo A.1.

³⁹ Não foi calculado este índice para o caso da Polónia no ano de 2015 e para o caso da Eslováquia no ano de 2016, pois nestas eleições surgiram novos partidos políticos que entraram no parlamento e para os quais não temos como medir o seu posicionamento ideológico na escala esquerda-direita.

⁴⁰ São analisadas as variáveis do modelo de análise, exceto a *desconfiança face às instituições internacionais* – substituída pela variável *a integração europeia já foi longe de mais* - e a *intolerância face a imigrantes*. Sobre a dimensão destas amostras representativas da população, por país e por ano, ver anexo B.1. A análise descritiva destas variáveis pode ser consultada no *website*: <https://direitanacionalista.wordpress.com/>.

⁴¹ Note-se, a este respeito, que a República Checa não foi incluída na ronda 3 (2006) e a Eslováquia não consta nas rondas 1 (2002) e 7 (2014).

permitem-nos aferir a evolução das atitudes das populações sobre o tema em estudo a longo e a curto prazo. Isto é, por um lado, permitem-nos perceber as tendências e padrões gerais, e, por outro lado, possibilitam-nos isolar a influência de acontecimentos específicos, devido ao curto espaço que separa as rondas. Estes *surveys* são também aqueles que usamos na nossa análise estatística multivariada, que nos permitirá diferenciar os determinantes do voto nos partidos de direita nacionalista que são comuns aos países do V4 dos que singularizam o caso húngaro. Para tal, são agrupados numa única base de dados, em SPSS (versão 22), as bases de dados do *European Social Survey*, correspondentes às rondas 5, 6 e 7, isto é, referentes aos anos de 2010, 2012 e 2014. A opção pela junção destas três bases de dados prende-se com o facto de o ano de 2010 representar a ascensão do Fidesz e de os dados dessa base só terem sido recolhidos depois das eleições. As bases de dados dos *European Social Survey* são relevantes para a presente investigação uma vez que contêm variáveis relativas à identidade nacional e étnica, indicadores socioeconómicos e atitudes dos cidadãos face às instituições internacionais, à democracia e à imigração. Uma vez mais, na impossibilidade de recolhermos os nossos próprios dados, por falta de recursos financeiros, temporais e até mesmo linguísticos, beneficiamos do rigor destes *surveys*, dirigidos e coordenados por académicos de renome (Quivy e Campenhoudt, 2008).

2.3. Plano de Análise e Tratamento dos Dados

A presente investigação é, por um lado, uma análise descritiva e, por outro e primordialmente, uma análise explicativa. Relativamente ao primeiro tipo de análise que aqui propomos fazer, a análise descritiva, esta servirá para que consigamos atingir os nossos dois primeiros objetivos de investigação. Relativamente ao nosso primeiro objetivo – aferir a evolução, desde 1989, de fatores institucionais e políticos nos países do Grupo de Visegrado – são analisados, de forma breve e contextual, os dados recolhidos e calculados, não sendo estes usados para qualquer análise estatística. No que diz respeito ao nosso segundo objetivo – mapear, em traços gerais, a evolução das atitudes face ao nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional, desde do início do século XXI, nos países do V4 –, a evolução destas atitudes será representada graficamente, para que melhor se percebam os principais padrões e tendências.

No que diz respeito ao segundo tipo de análise, a análise explicativa, este vai ao encontro do nosso principal objetivo de investigação: compreender e isolar os determinantes do voto nos partidos de direita nacionalista que são comuns aos países do V4 dos que singularizam o caso húngaro. Neste sentido, é formulado, por país (neste caso, para a Hungria e para a Polónia), um modelo de regressão logística binária por blocos⁴². A opção por esta técnica estatística prende-se com o facto de querermos perceber como funciona o nosso modelo de análise, quer *per se*, quer quando lhe são introduzidas outras variáveis, que assumem a função de controlo. Assim, a variável dependente é o voto em partidos de direita nacionalista, dicotomizada do seguinte modo: voto em partidos de direita nacionalista e voto em

⁴² Uma vez que estamos a comparar países será ativado o ponderador *Dweight* nesta análise e na descritiva.

todos os outros partidos. Quanto às variáveis independentes, introduzidas no primeiro bloco, usamos as acima descritas no modelo de análise⁴³. A variáveis de controlo, introduzidas no segundo bloco, são variáveis que, não estando diretamente relacionadas com o conceito de direita nacionalista, nos parecem, tendo por base a revisão da literatura, ter algum efeito no voto nestes partidos. Assim sendo, acrescentamos ao modelo de análise cinco variáveis, três que se prendem com atitudes políticas e outras duas que são sociodemográficas. Ora, as atitudes políticas introduzidas no modelo são o *auto-posicionamento na escala esquerda-direita*, a *desconfiança face às instituições nacionais*⁴⁴ e o *interesse pela política*. Quanto às variáveis sociodemográficas, integram o modelo o *ano de nascimento* e o *nível de escolaridade completo*.

2.4. Seleção de Casos e Lapso Temporal

Em relação ao volume da amostra e ao lapso temporal, ambos diferem tendo em conta a análise feita. Assim sendo, no que diz respeito aos fatores institucionais e políticos são as eleições dos países que integram o Grupo de Visegrado que são tidas como os casos em análise. Estes fatores são, nesta investigação, analisados desde as primeiras às últimas eleições democráticas, uma vez que nos interessa averiguar a solidez e estabilidade dos sistemas partidários destes países. Quanto à evolução das atitudes nacionalistas, são todos os indivíduos dos países em análise, registados nas bases de dados acima mencionadas, que figuram como os casos em análise. Sendo esta uma análise longitudinal, o período de tempo em estudo é de 2002 a 2014. Por fim, para perceber o voto em partidos de direita nacionalista, são tidos em consideração os indivíduos que, entre 2010 e 2015⁴⁵, delegaram o seu voto nestes partidos. Na Hungria, são analisados os que votaram no partido de direita conservadora nacionalista, Fidesz, e no partido de extrema-direita, Jobbik, e na Polónia aqueles que deram o seu voto ao partido de direita conservadora nacionalista, PiS.

Como já foi avançado, o partido de extrema-direita eslovaco, SNS, não será aqui tido em conta por razões estatísticas. Ora, uma vez que a técnica estatística usada nesta análise é a regressão logística binária, há a necessidade de que as duas categorias da variável dependente tenham frequências minimamente equilibradas. Por outras palavras, “*os métodos de regressão logística e multinomial são eficazes apenas quando as classes da variável dependente apresentam frequências semelhantes. Para classes com frequências desequilibradas, estes modelos são pouco eficazes na previsão da(s) classe(s) menos frequentes*” (Marôco, 2014:803). No caso da Eslováquia, 2% das pessoas afirma ter votado no SNS, face a 98% de inquiridos que afirma ter dado o seu voto a outro partido⁴⁶.

⁴³ Ver, a este respeito, Capítulo I, páginas 17-23.

⁴⁴ Resulta da média aritmética das seguintes variáveis: *desconfiança face ao parlamento nacional*; *desconfiança face ao sistema judicial*; *desconfiança face aos políticos*; *desconfiança face aos partidos políticos*. Ver, a este respeito, anexo C.1.

⁴⁵ Embora esta base seja dita como sendo de 2014, os dados da Polónia e da Hungria foram recolhidos em 2015.

⁴⁶ Note-se, ainda, que, no caso da Eslováquia, não será analisado o partido de extrema-direita, L'SNS, visto que este entrou pela primeira vez no parlamento com as eleições de 5 de março de 2016.

CAPÍTULO III – RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

O presente capítulo, onde apresentamos, analisamos e discutimos os resultados desta pesquisa, está estruturado em dois eixos interligados e complementares: fatores institucionais e políticos e atitudes e comportamentos políticos. Em primeiro lugar e brevemente, são analisados fatores institucionais e políticos, para que consigamos fazer algumas inferências acerca da estabilidade dos sistemas partidários dos países do V4. Este eixo, que assume nesta investigação um papel contextual, será importante para nos ajudar a interpretar os resultados do segundo eixo desta pesquisa. Em segundo lugar, e em relação a este segundo eixo, são tidas em atenção as atitudes e comportamentos políticos. Este eixo de análise é, por sua vez, decomposto em dois. Por um lado, são analisadas, descritiva e longitudinalmente, as atitudes dos cidadãos de cada um dos países do V4 face ao nacionalismo, ao conservadorismo, ao autoritarismo e ao Estado social nacional. Por outro lado, para testarmos as hipóteses de investigação⁴⁷ e respondermos à pergunta de partida, é feita uma análise multivariada, que nos ajudará a perceber quais os determinantes do voto em partidos de direita nacionalista no V4, singularizando o caso húngaro.

3.1. Fatores Institucionais e Políticos

Decorre do facto do caso da Hungria assumir nesta dissertação um lugar de destaque a nossa opção por começar por analisá-lo individualmente e só depois comparar os quatro países do V4. Neste sentido, em relação ao caso húngaro, e em termos médios, as principais tendências que podemos registar são a relativa desproporcionalidade do sistema eleitoral, a fraca fragmentação partidária, a baixa volatilidade de tipo A e a relativa volatilidade de tipo B e a elevada polarização ideológica (ver quadro n.º 3.1.). De entre estes fatores, o sistema eleitoral e a sua natureza desproporcional afiguram-se determinantes para perceber o caso da Hungria. Este sistema eleitoral misto tem-se caracterizado por uma certa desproporcionalidade, que, figurativamente, parece assumir a forma de um U. Isto porque, se durante os conturbados anos da transição democrática a Hungria se deparava com níveis relativamente elevados de desproporcionalidade do sistema eleitoral, estes desceram durante a primeira década do século XXI, tendo o valor mais baixo (5,13) sido registado no ano de 2006. A justificação para este decréscimo prende-se com o facto de nestes atos eleitorais os partidos que não obtiveram assento parlamentar terem tido uma fraca expressão eleitoral. No entanto, essa tendência de decréscimo da desproporcionalidade do sistema eleitoral foi revertida com a eleição de 2010 e viu o seu apogeu na eleição de 2014, que registou o maior nível de desproporcionalidade do sistema eleitoral húngaro. Este valor – 17,8 – não é mais do que o reflexo da reforma eleitoral levada a cabo pelo governo de Viktor Orbán.

Tendo em consideração a influência do sistema eleitoral no sistema partidário, a fragmentação partidária na Hungria assumiu uma tendência decrescente entre 1990 e o início do século XXI. Desde o ano de 2002 que a fragmentação se mantém baixa, como é perceptível pelos NEPP, que oscilam entre 2 e 2,4, e pelos NEPE, que variam entre 2,8 e 3,22. Estes dados sugerem uma agudização da bipolarização

⁴⁷ Ver, a este respeito, as páginas 20 – 23.

da competição partidária em torno dos dois principais partidos húngaros, Fidesz e MSZP. Esta intensificação entre dois partidos pertencente a blocos ideológicos opostos remete-nos para a questão da polarização do sistema partidário húngaro. Esta, que aumentou até 2002, mantém-se relativamente estável desde então, podendo a relação entre fragmentação partidária e polarização ideológica ser resumida do seguinte modo: quanto menor a primeira, maior a segunda.

A par do decréscimo da fragmentação partidária, tem-se, igualmente, assistido a um decréscimo da volatilidade eleitoral, quer total, quer de tipo B. Quanto à volatilidade de tipo A, embora esta não apresente um padrão regular ao longo dos anos, tem apresentado valores baixos. Em relação a estas tendências, as duas grandes exceções são os anos de 1994 e o ano de 2010: ambos apresentam elevados níveis de volatilidade eleitoral total e de tipo B, contrariando a tendência decrescente destes, e são dos anos em que se verifica uma maior volatilidade eleitoral de tipo A. Ora, estes elevados valores no ano de 1994 estão associadas ao descrédito eleitoral a que foi votado o partido MDF depois de 4 anos no governo e à conseqüente ascensão do MSZP. Quanto ao ano de 2010, os altos valores de volatilidade eleitoral têm que ser analisados à luz do escândalo socialista e da crise económica e tendo em conta a derrota eleitoral do MSZP, a ascensão do Fidesz-KDNP e a entrada do Jobbik e do LMP no parlamento.

Quadro n.º 3.1. - Evolução dos fatores institucionais e políticos na Hungria, 1990-2014

Eleições	1990	1994	1998	2002	2006	2010	2014	Média
LSq	13,75	16,18	10,88	8,2	5,13	11,67	17,8	11,94
NEPP	3,77	2,9	3,45	2,21	2,4	2	2,01	2,68
NEPE	7,05	5,74	5,18	2,94	2,8	2,82	3,22	4,25
VT	-	21,55	30,74	19,46	4,42	32,73	11,25	20,03
VA	-	1,78	4,05	6,89	1,08	6,99	1,34	3,69
VB	-	19,78	26,69	12,58	3,34	25,74	9,91	16,34
PI	0,1	0,19	0,21	0,35	0,45	0,42	0,38	0,3

Fonte: Dados primários e dados secundários de Michael Gallagher, Svante Ersson e André Freire.

Uma breve comparação dos países do V4 leva-nos a encontrar, em termos médios, os seguintes padrões: o sistema eleitoral húngaro é o mais desproporcional e o checo, e, principalmente, o eslovaco os menos desproporcionais; a fragmentação partidária é maior na Eslováquia e menor na Hungria; a volatilidade total é maior na Polónia e na República Checa e menor nos outros dois países; a volatilidade de tipo B é maior na Hungria e na Polónia e menor nos outros dois países; a volatilidade de tipo A é maior na República Checa e menor na Hungria e a polarização ideológica é igualmente elevada na República Checa, na Polónia e na Hungria (ver quadros n.ºs 3.1., 3.2., 3.3. e 3.4.).

De entre os casos em análise, o polaco é aquele que tem maiores semelhanças com o húngaro, isto é, é aquele que, em comparação com os outros dois, tem um sistema eleitoral mais desproporcional, uma menor fragmentação partidária e uma maior volatilidade de tipo B. Ainda em relação a este caso, importa realçar e explicar a elevada fragmentação partidária, volatilidade total e B e polarização ideológica no ano de 2005. Foi neste ano que o PiS conseguiu o seu grande sucesso eleitoral, que se materializou no seu primeiro governo, assim como foi neste ano que o SLD teve a sua grande derrota eleitoral. Quanto à República Checa, passados os anos da transição, parecia haver uma tendência de diminuição da fragmentação partidária, da volatilidade A, B e, conseqüentemente, total e de polarização

do sistema partidário. Todavia, esta foi rompida com as eleições de 2010 e 2013, anos em que foi reconfigurado o sistema partidário. Em 2010, entraram no parlamento o partido conservador, TOP 09, e do partido liberal, VV, e os dois maiores partidos à data, o CSSD e o ODS, tiveram um resultado eleitoral bastante inferior ao obtido nas eleições anteriores. Em 2013, conseguiram, pela primeira vez, representação parlamentar o partido populista, ANO, e o partido de direita radical, Úsvit, enquanto o partido ODS foi votado a um maior descrédito eleitoral. No que diz respeito à Eslováquia, apresenta-se como o mais instável de todos os sistemas partidários: ao longo dos anos, a fragmentação partidária tem-se mantido elevada (com a exceção de 1992 e 2012) e a polarização ideológica relativamente baixa.

Quadro n.º 3.2. - Evolução dos fatores institucionais e políticos na Polónia, 1991-2015

Eleições	1991	1993	1997	2001	2005	2007	2011	2015	Média
LSq	3,62	17,81	10,63	6,33	6,97	4,67	5,95	12,56	9,27
NEPP	10,86	3,88	2,95	3,6	4,26	2,82	3	2,75	3,32
NEPE	13,82	9,81	4,59	4,5	5,86	3,32	3,7	4,45	5,18
VT	-	28,71	20,14	21,94	33,49	24,95	6,58	28,4	23,46
VA	-	9,63	7,98	6,19	2,8	10,48	0	12,4	6,18
VB	-	19,08	12,16	15,75	30,69	14,47	6,58	16	16,39
PI	0,13	0,17	0,37	0,31	0,35	0,35	0,22	-	0,27

Fonte: Dados primários e dados secundários de Michael Gallagher, Svante Ersson e André Freire.

Quadro n.º 3.3. - Evolução dos fatores institucionais e políticos na República Checa, 1990-2013

Eleições	1990	1992	1996	1998	2002	2006	2010	2013	Média
LSq	11,54	8,57	5,55	5,7	5,73	5,72	8,76	6,12	6,59
NEPP	2,22	4,8	4,15	3,71	3,67	3,1	4,51	5,62	4,22
NEPE	3,5	7,31	5,33	4,69	4,82	3,91	6,75	7,61	5,77
VT	-	19,17	26,13	14,78	13,48	16,09	35,65	37,59	23,27
VA	-	8,51	10,51	5,61	4,67	1,06	18,84	24,78	10,57
VB	-	10,67	15,61	9,17	8,81	15,04	16,81	12,81	12,7
PI	0,2	0,33	0,32	0,29	0,37	0,38	0,36	0,26	0,31

Fonte: Dados primários e dados secundários de Michael Gallagher, Svante Ersson e André Freire.

Quadro n.º 3.4. - Evolução dos fatores institucionais e políticos na Eslováquia, 1990-2016

Eleições	1990	1992	1994	1998	2002	2006	2010	2012	2016	Média
LSq	3,54	11,15	5,94	2,9	6,97	5,53	7,46	9,77	6,1	6,38
NEPP	4,98	3,19	4,41	4,75	6,12	4,81	4,01	2,85	5,67	4,66
NEPE	5,81	5,36	5,81	5,33	8,87	6,11	5,53	4,36	7,31	6,19
VT	-	19,37	13,01	20,3	15,94	24,51	21,31	14,83	29,91	19,9
VA	-	3,26	7,67	8,71	8,01	5,65	10,96	3,37	13,19	7,60
VB	-	16,11	5,34	11,59	7,92	18,87	10,35	11,46	16,72	12,3
PI	0,17	0,12	0,11	0,14	0,19	0,2	0,25	0,19	-	0,17

Fonte: Dados primários e dados secundários de Michael Gallagher, Svante Ersson e André Freire.

Tendo em conta os pressupostos apresentados na revisão da literatura, há algumas inferências que podem ser feitas. Em primeiro lugar, de acordo com a assunção de que sistemas partidários menos fragmentados tendem a ser mais estáveis, a Hungria apresenta-se, de entre os casos em análise, como o mais sólido e a Eslováquia como o mais instável. Em segundo lugar, seguindo o argumento de Powell e Tucker (2014), de que a volatilidade de tipo B está associada a uma dinâmica salutar da democracia e a volatilidade de tipo A ligada à instabilidade do sistema partidário, a Hungria aparece como a mais saudável das democracias do V4 e a República Checa como a mais instável. Em terceiro lugar, tanto o caso da Hungria como o da Eslováquia corroboram o argumento de Savage (2013), que equaciona a

relação entre a polarização ideológica do sistema partidário e a duração dos governos. A Hungria é, de todos os países, e principalmente nos últimos anos, aquele que tem um sistema partidário mais polarizado, assim como é o único país que ainda não teve eleições antecipadas; a Eslováquia é o menos polarizado e aquele em que menos governos cumpriram os 4 anos de mandato. Por fim, a ideia de que sistemas eleitorais maioritários tendem a gerar sistemas partidários mais estáveis parece ser confirmada pelos casos da Hungria e da Eslováquia. Isto porque os dois extremos de desproporcionalidade do sistema eleitoral são também os dois extremos de solidez do sistema partidário.

Com base nos dados apresentados e antes de avançarmos para a próxima análise, importa concluir que o sistema partidário húngaro é, em comparação com os dos outros países do V4, o mais estável e institucionalizado. Todavia, será errado não entender esta institucionalização à luz da desproporcionalidade do sistema eleitoral misto. Este, um grande aliado de Viktor Orbán, é favorável à sobrevivência dos grandes partidos e o Fidesz é, indubitavelmente, o maior partido húngaro. Assim, embora a nossa análise se debruce sobre os determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, importa ter presente que a ascensão destes (e outros) partidos é condicionada não só pelo voto, mas também por fatores institucionais e políticos e que estes, neste contexto, são determinantes, principalmente, na interpretação do caso húngaro.

3.2. Atitudes e Comportamentos Políticos

3.2.1. A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado⁴⁸

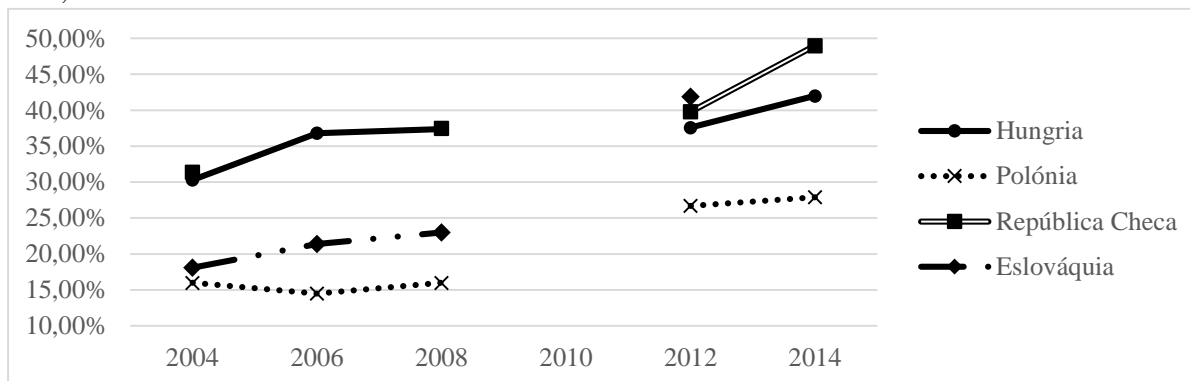
A presente secção analisa, descritiva e longitudinalmente, grande parte das variáveis que constam no modelo de análise e que figuram na nossa análise multivariada. Deste modo, e em congruência com esta, esta secção está estruturada do seguinte modo: em primeiro lugar, são tidas em conta as atitudes face ao nacionalismo (variáveis relativas à União Europeia e à etnicidade); em segundo lugar, as atitudes face ao conservadorismo (variáveis sobre religiosidade e homofobia); em terceiro lugar, as atitudes face ao autoritarismo (variáveis referentes a um Estado forte, que garanta a segurança, e à satisfação com o funcionamento da democracia) e, em quarto lugar, as atitudes face ao Estado social nacional (variável alusiva ao papel redistributivo do governo).

No que diz respeito às atitudes nacionalistas e quando analisada a variável *a integração europeia já foi longe de mais*, é facilmente visível o crescente euroceticismo que tem pautado a política desta região nos últimos anos e que vem sendo retratado na literatura. No entanto, há algumas singularidades que devem ser apontadas. Por um lado, no ano em que estes países aderiram à UE, checos e húngaros apresentavam-se como os mais eurocéticos, com cerca de 30% dos inquiridos a oporem-se a uma maior integração europeia. Hoje em dia, a par da Eslováquia, onde em 2012 cerca de 43% dos inquiridos se opunham ao aprofundamento da UE, estes continuam a ser os mais eurocéticos, embora os checos (cerca

⁴⁸ Sobre a análise descritiva das variáveis em causa, ver *website*: <https://direitanacionalista.wordpress.com/>.

de 50%) sejam ligeiramente mais que os húngaros (cerca de 40%). Estes resultados vão ao encontro dos de Pridham (2005: 162), que indicavam os checos como os mais eurocéticos. Por outro lado, se em 2004 apenas cerca de 15-20% dos eslovacos e polacos se assumiam eurocéticos, com o decorrer dos anos, estes países seguiram padrões diferentes. Os eslovacos cedo abdicaram da sua postura *eurofila*, enquanto os polacos mantiveram o seu apoio ao “clube” europeu, pelo menos até 2008, mas em 2014 já mais de um quarto da população julgava que a integração europeia tinha ido longe de mais (ver figura n.º 3.1.).

Figura n.º 3.1. – Percentagem de inquiridos que concorda que a integração europeia já foi longe de mais, 2004 - 2014

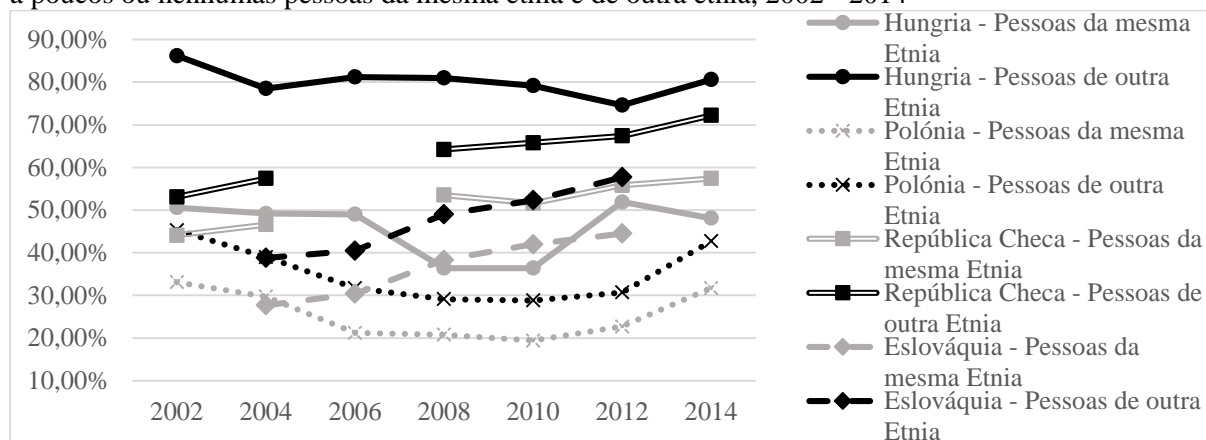


Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

Quando inquiridos sobre a permanência e residência de outras pessoas no país, os cidadãos do V4 tendem a ser mais favoráveis caso essas pessoas sejam da mesma etnia que a sua. Ainda assim, são crescentes, pelo menos recentemente, as atitudes hostis face à residência de outras pessoas no país, quer estas pertençam ao mesmo ou a outro grupo étnico. No entanto, há diferentes tendências entre os vários países que precisam de ser traçadas. Ora, na República Checa e na Eslováquia, entre 2002 e 2014, houve um aumento de cerca de 15% de inquiridos que diz ser contra vinda para o país de pessoas da mesma etnia. Nestes países, este aumento foi de 20%, no caso de as pessoas pertencerem a outro grupo étnico. Na Polónia, só a partir de 2010 é que é visível o crescimento dessas atitudes negativas face a imigrantes, quer eles sejam da mesma etnia ou de outra. Atualmente, é neste país que a percentagem de pessoas que se opõe a que outros residam no país é menor e onde a diferença percentual entre não permitir a residência a uma pessoa da mesma etnia e de outra etnia é menor. No extremo oposto, esta diferença é maior no caso da Hungria, onde, desde 2002 e de forma constante, cerca de 80% da população se opõe a que pessoas de outras etnias vão viver para o país e onde, de forma não tão constante, cerca de 40-50% se opõe caso as pessoas sejam da mesma etnia. Deste modo e no âmbito do V4, é entre os húngaros que encontramos os mais hostis em relação à residência no país de pessoas de outras etnias (ver figura n.º 3.2.). Estes resultados corroboram, em certa medida, os de Pytlas (2013), que afirma que a questão étnica assume uma maior importância nos países diretamente envolvidos no Tratado de Trianon. Uma outra justificação para esta situação, pouco explorada na literatura, prende-se com o facto de os húngaros

serem os únicos que são etnicamente magiares. Rodeados por eslavos, germânicos e latinos, demonstram, com estas atitudes, um sentido de preservação daquilo que é a sua etnicidade.

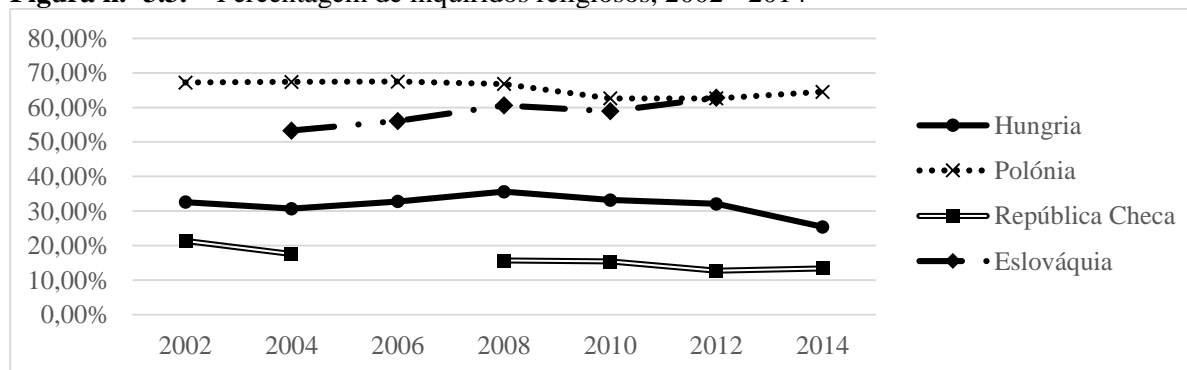
Figura n.º 3.2. – Percentagem de inquiridos que concorda que deve ser permitida a residência, no país, a poucos ou nenhuma pessoas da mesma etnia e de outra etnia, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

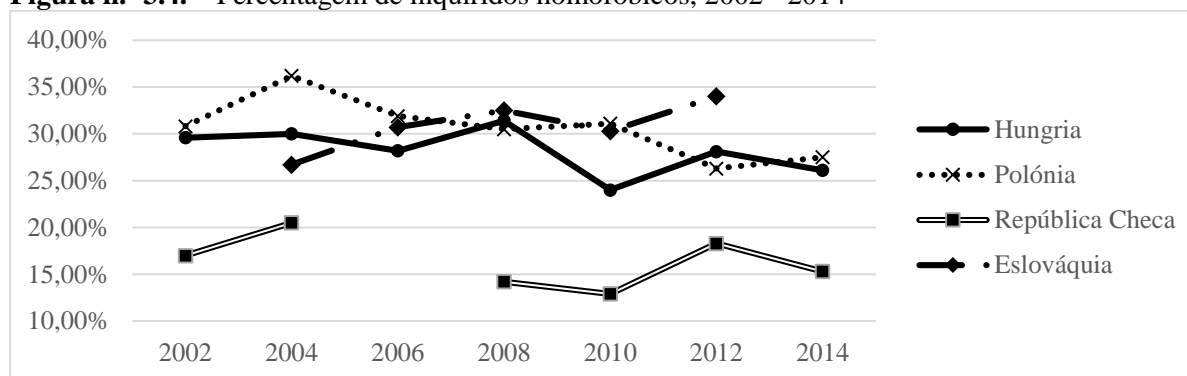
Em relação às atitudes conservadoras, analisamos as variáveis *religiosidade* e *homofobia*, que se apresentam bastante estáticas e constantes ao longo dos 12 anos de análise. Por um lado, no que diz respeito à *religiosidade* e como seria expectável dada a literatura, a Polónia aparece nesta análise como o país mais religioso (cerca de 65% dos inquiridos) e a República Checa como o menos religioso (cerca de 15% dos inquiridos). Num nível intermédio, os eslovacos aproximam-se dos polacos, uma vez que entre 55-60% da população se diz religiosa. Quanto aos húngaros, apenas 30% destes se dizem católicos, valor que pode, de certa maneira, ser surpreendente, dado o passado católico deste país. Por outro lado, quanto à variável *homofobia*, são os checos que se revelam os menos homofóbicos do V4, uma vez que entre 2002 e 2014, apenas 15-20% da população afirma que *gays* e *lésbicas* não devem viver a sua vida como querem. Esta percentagem aumenta, e fixa-se entre os 25-35%, quando analisados os outros três países. De entre estes casos, o mais curioso é o da Eslováquia, onde parece haver uma ligeira tendência para o aumento destas atitudes homofóbicas, uma vez que se em 2002 25% dos eslovacos eram hostis face aos homossexuais, essa percentagem atinge os 35% dez anos mais tarde (ver figuras n.ºs 3.3. e 3.4.).

Figura n.º 3.3. – Percentagem de inquiridos religiosos, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

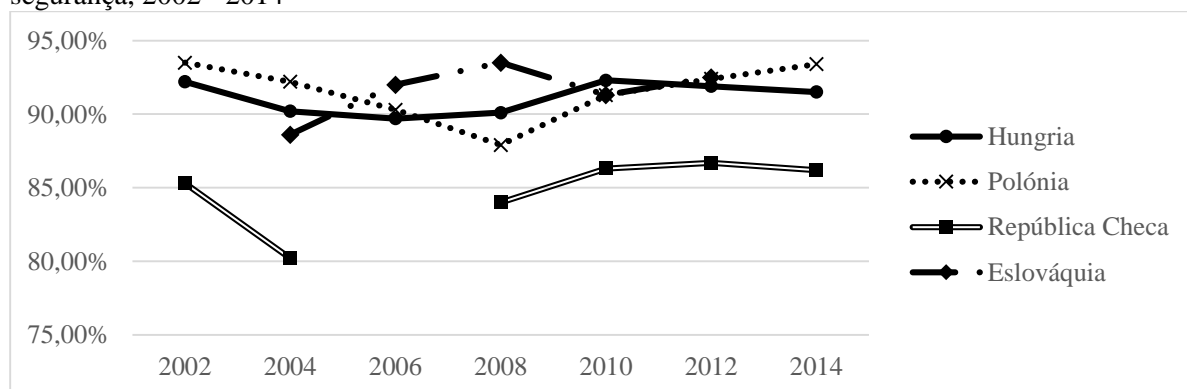
Figura n.º 3.4. – Percentagem de inquiridos homofóbicos, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

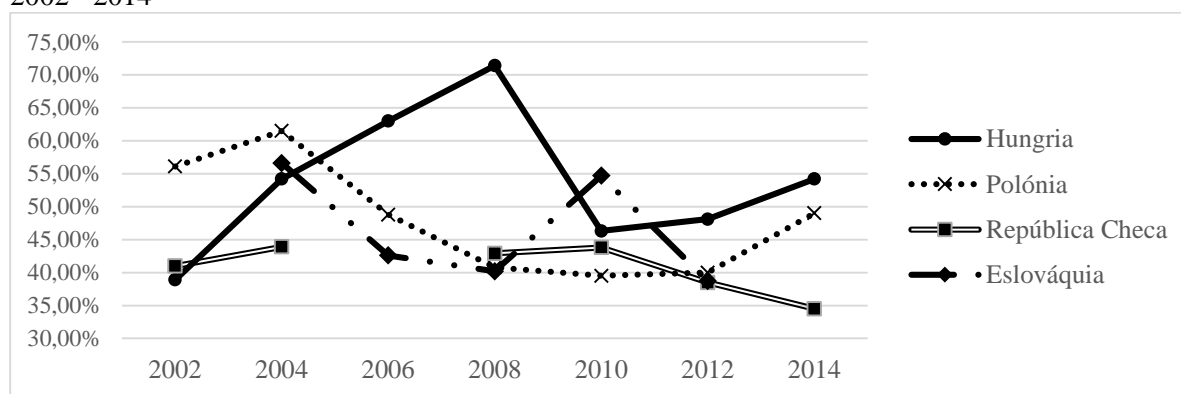
Quanto às atitudes autoritárias, o caso checo assume, novamente, contornos curiosos, pois apresenta-se como aquele em que os cidadãos estão mais satisfeitos com a democracia e são menos recetivos a um Estado forte, que garanta a segurança e faça cumprir a lei e a ordem. Também curioso é o caso húngaro, no que diz respeito à satisfação com a democracia: de 2002 a 2008 houve um aumento de 30% dos inquiridos que se afirmavam insatisfeitos com o funcionamento da democracia no país. Esta evolução é facilmente entendida se tivermos em consideração a crise económica e o escândalo socialista que pautaram a vida política húngara durante esse período. Atendendo a cada uma das variáveis individualmente e apesar das especificidades checas, a tendência geral do V4 é de que a esmagadora maioria da população concorde que *é importante que o Estado seja forte e garanta segurança*. No entanto, se na República Checa esse valor se tem fixado nos 85%, nos restantes três países varia entre os 90-95% (ver figura n.º 3.5.). A variável *insatisfação com o funcionamento da democracia no país* parece corroborar as reservas que tínhamos acerca da mesma. Isto é, os inquiridos parecem ter respondido tendo em conta a avaliação que fazem da *performance* do governo e não tendo em consideração a democracia enquanto valor normativo. Assim, justifica-se a volatilidade de opiniões registadas ao longo dos 12 anos. No entanto, um dado interessante é que em todos os países, em qualquer ano, nunca menos de 35% dos inquiridos se disseram insatisfeitos com o funcionamento a democracia (ver figura n.º 3.6.).

Figura n.º 3.5. – Percentagem de inquiridos que concorda que o Estado deve ser forte e manter a segurança, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

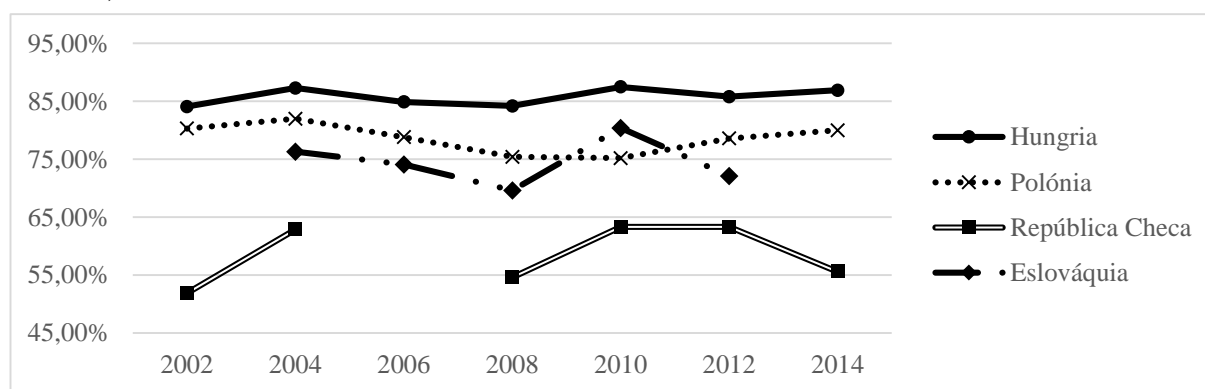
Figura n.º 3.6. – Percentagem de inquiridos insatisfeitos com o funcionamento da democracia no país, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

Sobre as atitudes face ao Estado Social Nacional, e seguindo o argumento de Butiskova (2009: 231-235), a República Checa volta a destacar-se face aos restantes países do Grupo de Visegrado, desta vez enquanto o país cujos cidadãos são menos favoráveis a que o governo reduza as diferenças salariais. No extremo oposto, aparece o caso húngaro. No entanto, e à semelhança do que acontece com a variável *o Estado deve ser forte e manter a segurança*, importa frisar que, nos quatro países, a grande maioria dos inquiridos concorda que *é importante que o governo reduza as diferenças salariais*. Porém, se entre os checos essa percentagem é de 55-60%, entre os húngaros esse valor é de cerca de 85%. Tanto a Polónia como a Eslováquia figuram como casos intermédios (ver figura n.º 3.7.).

Figura n.º 3.7. – Percentagem de inquiridos que concorda que o governo deve reduzir as diferenças salariais, 2002 - 2014



Fonte: Formulação própria, com recurso ao *European Social Survey* 1 (2002), 2 (2004), 3 (2006), 4 (2008), 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

A análise conjunta de todas estas variáveis leva-nos a tirar algumas conclusões, principalmente em relação aos dois países que não constam na nossa análise multivariada e onde a direita nacionalista tem menor expressão. O caso da República Checa revela-se bastante interessante por ser o que mais se afasta da tendência geral do V4. A análise descritiva destas atitudes ajuda, de certo modo, a perceber a fraca implementação social de partidos de direita nacionalista neste país. Na ausência destes, é o Úsvit que se responsabiliza pelo discurso eurofóbico e xenófobo, o TOP 09 que mobiliza as franjas mais conservadoras e o KSCM que reclama a intervenção do Estado na economia. O caso da Eslováquia

afigura-se, igualmente, relevante, mas este por ter padrões tão similares aos da Hungria e da Polónia e, até março deste ano, apenas ter como representante da direita nacionalista o partido SNS. Neste caso, a justificação que encontramos relaciona-se com o cariz populista e a plasticidade do discurso do maior partido eslovaco, SMER, e com a mobilização das massas conservadoras por parte do partido OL'ANO.

3.2.2. O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia

Depois da análise das atitudes face ao nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional, é relevante perceber quais dessas mesmas atitudes explicam o voto em partidos de direita nacionalista. Em detalhe, importa singularizar o caso da Hungria, comparando-o com os outros países do Grupo de Visegrado (neste caso, Polónia), para perceber as suas semelhanças e diferenças. No entanto, resta-nos salientar a nossa opção pela construção de um modelo de análise e pela formulação de hipóteses de investigação que espelham a realidade do V4, uma vez que é neste contexto que queremos compreender o caso húngaro. Assim, para testarmos o nosso modelo de análise e hipóteses de trabalho, recorreremos a uma análise de regressão logística binária⁴⁹, pois a nossa variável dependente é dicotómica (0 = voto em todos os outros partidos e 1 = voto em partidos de direita). Esta análise é feita por blocos, para percebermos como funciona o modelo quando lhe são introduzidas outras variáveis.

Quadro n.º 3.5. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia⁵⁰
Bloco 1 – Sem variáveis de controlo

Variáveis Independentes	Voto em Partidos de Direita Nacionalista	
	Hungria B (S.E.)	Polónia B (S.E.)
Desconfiança face às Instituições Internacionais	0,158 (0,026)***	0,110 (0,028)***
Intolerância face aos imigrantes	0,150 (0,037)***	0,077 (0,036)*
Permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país	0,345 (0,073)***	0,112 (0,117)
Permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país	-0,191 (0,092)*	-0,110 (0,112)
Religiosidade	0,068 (0,020)***	0,278 (0,027)***
Homofobia	0,053 (0,048)	0,376 (0,050)***
É importante que o Estado seja forte e mantenha a segurança	0,210 (0,054)***	0,016 (0,060)
Insatisfação com o funcionamento da Democracia no país	-0,380 (0,028)***	0,198 (0,029)***
É importante que o governo reduza as diferenças salariais	0,023 (0,070)	0,263 (0,060)***
Constante	-0,690 (0,514)	-6,779 (0,585)***
	$\chi^2(9) = 329,710$ ***	$\chi^2(9) = 499,468$ ***
	$R^2_N = 0,232$	$R^2_N = 0,320$
	N = 1839	N = 1969

* p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Fonte: *European Social Survey* 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

⁴⁹ Ver, no anexo C.2., a estatística descritiva das variáveis dependentes e independentes, no anexo C.3., a qualidade dos modelos de regressão logística binária e, no anexo C.4., a adequabilidade dos mesmos.

⁵⁰ Sugestão de leitura dos coeficientes de regressão (*logged odds*). Quando estes são positivos: quanto maior a religiosidade, maior a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista. Quando são negativos: quanto maior a religiosidade, menor a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista.

O modelo testado revela-se estatisticamente significativo e de qualidade razoável, quer para a Hungria ($\chi^2(9) = 329,710, p < 0,001; R^2_N = 0,232$), quer para a Polónia ($\chi^2(9) = 499,468, p < 0,001; R^2_N = 0,320$)⁵¹. No geral, podemos concluir que todas as variáveis independentes têm um efeito significativo em pelo menos um dos países (ver quadro n.º 3.5.). No entanto, e tendo em conta o nosso principal objetivo de investigação, são as variáveis *desconfiança face às instituições internacionais* (H1), *intolerância face aos imigrantes* (H2), *religiosidade* (H4) e *insatisfação com o funcionamento da democracia* (H6) que explicam as semelhanças no voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia. Em relação às diferenças, são as variáveis *permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país* e *permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país* (H3) e a variável *é importante que o Estado seja forte e mantenha a segurança* (H5), que, no seio do V4, singularizam o caso húngaro. Não obstante, são analisadas, individualmente, cada uma das hipóteses formuladas, pois estas semelhanças e diferenças, no que respeita ao voto em partidos de direita nacionalista, apresentam contornos interessantes a que importa atender.

O primeiro conjunto de três hipóteses que formulámos está intimamente relacionado com as atitudes nacionalistas. A primeira dessas hipóteses (H1) prende-se com o conceito de nacionalismo introvertido e traduz a relação positiva, retratada na literatura, entre a insatisfação e o descrédito nas instituições internacionais e o voto nos partidos de direita nacionalista, nos dois países. Os resultados obtidos validam essa expectativa, pois a variável *desconfiança face às instituições internacionais* tem um efeito positivo e significativo no voto em partidos de direita nacionalista, quer na Hungria ($B=0,158, \chi^2_{\text{Wald}}(1) = 35,761, p < 0,001$), quer na Polónia ($B=0,110, \chi^2_{\text{Wald}}(1) = 14,994, p < 0,001$).

Com base em pouca (ou nenhuma) sustentação teórica, desenvolvemos a H2, que estabelece uma relação positiva entre as atitudes xenófobas e a possibilidade de voto em partidos de direita nacionalista, nos dois países em estudo. Tendo em conta o presente modelo, a variável *intolerância face aos imigrantes* revelou ter um efeito positivo e significativo, tanto na Hungria ($B=0,150, \chi^2_{\text{Wald}}(1) = 16,496, p < 0,001$), como na Polónia ($B=0,077, \chi^2_{\text{Wald}}(1) = 4,413, p < 0,05$), sendo a nossa hipótese confirmada. Dada a recente vaga de refugiados e visto que estes são percecionados pelas populações do V4 como imigrantes, estes resultados servem como evidência empírica de que cada vez menos as atitudes xenófobas são exclusivas da ascensão destes partidos na Europa Ocidental.

Tendo em conta a relação positiva, debatida na literatura, entre o nacionalismo étnico e o voto em partidos de direita nacionalista, principalmente para explicar o caso húngaro, formulámos a H3 que, acreditamos, também pode ajudar a interpretar os resultados associado à H2. No modelo, as variáveis *permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país* e *permitir que pessoas de outra etnia*

⁵¹ Num modelo de regressão logística, é impossível predizermos a variância da variável dependente a partir do modelo testado. Neste caso, para avaliarmos a dimensão do efeito do modelo, usamos o pseudo- R^2 de Nagelkerke (varia entre 0 e 1), mas não sem antes referirmos que este deve ser analisado cautelosamente, pois baseia-se na comparação do modelo sem com o modelo com variáveis (Marôco, 2014: 820-821).

venham e vivam no país são significativas na explicação do voto em partidos de direita nacionalista, mas só no caso húngaro ($B=0,345$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 22,537$, $p<0,001$ e $B=-0,191$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 4,333$, $p<0,05$, respetivamente). Neste sentido, validamos a H3, uma vez que, na Hungria, quanto maior a permissão para que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país e quanto menor a permissão para que pessoas de outra etnia venham e vivam no país, maior a possibilidade de voto no Fidesz e no Jobbik. Estes dados, a par com a análise descritiva previamente feita destas variáveis, requerem alguma reflexão e discussão. Em primeiro lugar, e como foi avançado na secção anterior, acreditamos que parte da justificação para estes resultados se baseia no facto de a Hungria ser o único país do mundo que é magiar. Assim sendo, parece-nos haver um ímpeto extra para a defesa desta etnia. Em segundo lugar, estes resultados validam o argumento de Pytlas (2013) sobre a influência do envolvimento direto do tratado de Trianon na agudização das atitudes etnocêntricas. Por fim, e em estreita relação com a H2, apropriamo-nos da ideia de “natureza étnica da xenofobia” (Anastasakis, 2001: 22-23) para diferenciar o caso da Hungria do da Polónia. Isto porque se a variável *intolerância face aos imigrantes*, como comprovado acima, é um fator que justifica o voto em partidos de direita nacionalista nos dois países, no caso húngaro, estas atitudes xenófobas têm que ser analisadas tendo em consideração as atitudes etnocêntricas que proliferam neste país, pois a xenofobia está fortemente imbuída duma componente étnica.

O segundo leque de hipóteses que formulámos debruça-se sobre as atitudes conservadoras e é composto por uma única hipótese, H4, que, tendo por base as variáveis *religiosidade* e *homofobia*, estabelece uma relação positiva entre conservadorismo e voto no PiS. Estas duas variáveis, amplamente apresentadas pela literatura como determinantes para explicar o caso polaco, levam-nos a considerar expectável encontrar a relação mencionada. No entanto, os nossos dados parecem corroborar apenas parcialmente essa assunção, uma vez que a variável *religiosidade* tem um efeito positivo e significativo na Hungria ($B=0,068$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 12,296$, $p<001$) e na Polónia ($B=0,278$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 105,491$, $p<001$) e a variável *homofobia*, embora tenha um efeito positivo nos dois países, só é significativa no caso da Polónia ($B=0,376$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 56,702$, $p<001$). Assim, estes dados ajudam-nos a perceber que a variável *homofobia* especifica o caso polaco, enquanto a variável *religiosidade* parece explicar os dois casos.

O terceiro conjunto de hipóteses que estabelecemos está relacionado com as atitudes autoritárias. As duas hipóteses (H5 e H6) que formulámos neste âmbito estão intimamente relacionadas com a crise económica e o escândalo socialista húngaros e a consequente descrença na política democrática. No que diz respeito à H5, esta relaciona a apologia de um Estado forte, que garanta a segurança e mantenha a lei e a ordem, com o voto no Fidesz e no Jobbik, enquanto a H6 relaciona a insatisfação com o funcionamento da democracia com o voto nestes mesmos partidos. Tendo em conta os resultados obtidos, validamos a H5, pois a variável *é importante que o Estado seja forte e mantenha a segurança* tem um efeito positivo nos dois países, mas que só é significativo na Hungria ($B=0,210$, $\chi^2_{\text{wald}}(1) = 15,309$, $p<001$). Neste sentido, esta é uma das variáveis que parece especificar o caso húngaro uma vez que, neste país, quanto maior a receptividade a um Estado forte, maior o voto no Fidesz e no Jobbik. Quanto à H6, que também traduzia uma relação que esperava ser explicativa da realidade

húngara é, surpreendentemente, refutada. Assim, a variável *insatisfação com o funcionamento da democracia no país* é aquela que, em todo o modelo, assume contornos mais curiosos. Isto porque é significativa nos dois países, mas tem um efeito positivo na Polónia ($B=0,198$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 48,055$, $p<001$) e um efeito negativo na Hungria ($B=-0,380$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 188,330$, $p<001$). Neste sentido, é entre os polacos mais insatisfeitos com o funcionamento da democracia no país que encontramos aqueles que apresentam uma maior possibilidade de votar no PiS. Porém, é entre os húngaros mais insatisfeitos com o funcionamento da democracia no país que encontramos quem tem menor possibilidade de votar, quer no Fidesz, quer no Jobbik. Este resultado confirma as reservas que tínhamos em relação a esta variável e com as quais já nos tínhamos deparado na análise descritiva. Isto é, os inquiridos parecem ter respondido tendo em conta a avaliação que fazem do desempenho do governo e não tendo em consideração a democracia enquanto valor normativo. Assim, visto que durante este período (2010-2015), o Fidesz esteve no governo e o PiS na oposição, percebem-se estes resultados.

Por fim, o nosso último leque de hipóteses prende-se com atitudes face ao Estado social nacional e é composto por uma só hipótese: H7. A premissa que lhe está associada é a de que quanto maiores as atitudes face a um Estado social nacional, maior o voto em partidos de direita nacionalista, em ambos os países. Subjacente a esta assunção está o argumento de que os principais herdeiros dos antigos partidos comunistas cedo começaram a abraçar políticas pró-mercado e que, conseqüente, foi fácil para os partidos de direita nacionalista apoderarem-se de um discurso que é, tradicionalmente, de esquerda. Porém, quando estudada a variável *é importante que o governo reduza as diferenças salariais*, esta relação positiva, encontrada nos dois países, só é significativa no caso da Polónia ($B=0,263$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 134,237$, $p<001$). Neste sentido, e com alguma surpresa, a H7 apenas é parcialmente corroborada. Uma justificação para o caso da Hungria, como avançado pela literatura, prende-se com o carácter eleitoralista do Fidesz, que se traduz numa política económica que inclui elementos liberais e protecionistas.

O presente modelo revelou-se adequado para explicar o fenómeno em estudo, uma vez que foram encontradas relações interessantes sobre a realidade húngara (e também sobre a polaca) e evidências empíricas atitudinais que, esperamos, ajudem a sustentar o debate teórico em torno do tema. No entanto, e de forma a averiguar a solidez das relações descobertas e do modelo, foram-lhe introduzidas cinco variáveis de controlo, seleccionadas tendo em conta a literatura. Quando introduzidas estas variáveis, o novo modelo estatístico revela-se significativo e a qualidade deste aumenta consideravelmente, principalmente para o caso da Hungria ($\chi^2(14) = 1171,857$ $p<0,001$; $R^2_N = 0,665$), mas também para o da Polónia ($\chi^2(14) = 743,269$, $p<0,001$; $R^2_N = 0,448$). Substantivamente, o modelo de análise que delimitámos mostra-se robusto. Isto porque, com a exceção de uma, todas as relações previamente encontradas se mantêm e continuam significativas. A exceção é a variável *permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país*, que embora mantenha o mesmo sentido, deixou de ser significativa para a Hungria (ver quadro n.º3.6.).

Embora as variáveis de controlo não assumam nesta pesquisa um lugar explicativo, parece-nos relevante deixar alguns comentários sobre as mesmas. Em primeiro lugar, todas as variáveis, com a

exceção da variável *desconfiança face às instituições nacionais*, se manifestaram significativas em pelo menos um dos casos. Em segundo lugar, as variáveis *interesse pela política* ($B=-0,222$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 4,835$, $p<0,05$) e *ano de nascimento* ($B=0,024$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 22,402$, $p<0,001$) são significativas apenas no caso da Hungria. Neste sentido, neste país, são os menos interessados pela política e os mais novos que têm maior possibilidade de votar no Fidesz e no Jobbik. Em terceiro lugar, a variável *nível de escolaridade completo* é significativa para os casos da Hungria ($B=-0,341$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 21,377$, $p<0,001$) e da Polónia ($B=-0,095$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 4,491$, $p<0,05$). Este resultado indica-nos que, em ambos os países, são os menos instruídos que tem maiores possibilidades de votar em partidos de direita nacionalista. Por fim, a variável mais interessante parece-nos ser o *auto posicionamento na escala esquerda-direita*, que tem um efeito positivo e significativo na Hungria ($B=0,947$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 326,918$, $p<0,001$) e na Polónia ($B=0,421$, $\chi^2_{\text{Wald}}(1) = 190,922$, $p<0,001$). Pela leitura destes dados, é claro que, quanto mais de direita os indivíduos se consideram, maior a possibilidade de votarem em partidos de direita nacionalista. Este resultado vai ao encontro do argumento de que, nesta região, é a clivagem esquerda-direita que estrutura a competição partidária, assim como está amplamente relacionado com os níveis de polarização ideológica dos sistemas partidários destes países, encontrados numa secção prévia deste estudo.

Quadro n.º 3.6. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia
Bloco 2 – Com variáveis de controlo

Variáveis Independentes	Voto em Partidos de Direita Nacionalista	
	Hungria B (S.E.)	Polónia B (S.E.)
Desconfiança face às Instituições Internacionais	0,162 (0,041)***	0,089 (0,036)*
Intolerância face aos imigrantes	0,191 (0,053)***	0,097 (0,041)*
Permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país	0,332 (0,103)**	0,064 (0,126)
Permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país	-0,102 (0,128)	-0,040 (0,122)
Religiosidade	0,076 (0,028)**	0,193 (0,030)***
Homofobia	0,079 (0,067)	0,363 (0,055)***
É importante que o Estado seja forte e mantenha a segurança	0,258 (0,075)**	-0,035 (0,065)
Insatisfação com o funcionamento da Democracia no país	-0,255 (0,045)***	0,241 (0,033)***
É importante que o governo reduza as diferenças salariais	0,134 (0,093)	0,314 (0,067)***
Variáveis de Controlo		
Auto posicionamento na escala esquerda – direita	0,947 (0,052)***	0,421 (0,030)***
Desconfiança face às instituições nacionais	-0,004 (0,053)	0,046 (0,048)
Interesse pela política	-0,222 (0,101)*	0,079 (0,082)
Ano de nascimento	0,024 (0,005)***	0,002 (0,004)
Nível de escolaridade	-0,341 (0,074)***	-0,095 (0,045)*
Constante	-53,669 (10,251)***	-12,696 (7,905)
	$\chi^2_{\text{Modelo}}(14) = 1171,857$ ***	$\chi^2_{\text{Modelo}}(14) = 743,269$ ***
	$\chi^2_{\text{Bloco}}(5) = 842,147$ ***	$\chi^2_{\text{Bloco}}(5) = 243,801$ ***
	$R^2_N = 0,665$	$R^2_N = 0,448$
	N = 1839	N = 1969

* $p<0,05$; ** $p<0,01$; *** $p<0,001$

Fonte: *European Social Survey* 5 (2010), 6 (2012) e 7 (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Hungria, no contexto do Grupo de Visegrado, é o país que, devido à sua deriva nacionalista de direita, tem suscitado maior atenção e sobre o qual mais páginas têm sido escritas, pois: *“hardly anyone could have imagined, then, that [...] Hungary might be the first postcommunist country west of Minsk - and the first member state of the European Union - to slide back into authoritarianism”* (Muller, 2011: 5). Partindo desta evidência, optámos, primordialmente, por analisar, atitudinal e comparativamente, o voto em partidos de direita nacionalista, diferenciando os fatores explicativos do voto nestes partidos que são comuns aos países do V4 dos que singularizam o caso húngaro. No entanto, e complementarmente a esta análise, decidimos fazer duas outras análises. Por um lado, analisámos, brevemente, fatores institucionais (desproporcionalidade do sistema eleitoral) e políticos (fragmentação partidária, volatilidade eleitoral e polarização ideológica). Por outro lado, analisámos, descritiva e longitudinalmente, as atitudes face ao nacionalismo, conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional. Assim, esta dissertação dá resposta à pergunta de estipulámos na Introdução – que fatores explicam as semelhanças e as diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do Grupo de Visegrado? –, contextualizando-a e complementando-a com as outras duas análises que fizemos.

Desde o início desta dissertação que temos vindo a advogar a importância (mesmo que unicamente descritiva ou contextual) do estudo de fatores institucionais e políticos, partindo do pressuposto de que estes influenciam o sucesso eleitoral e a ascensão parlamentar dos partidos. Assim, se um dos incentivos ao estudo privilegiado da Hungria no contexto do V4 foi a expressão eleitoral e representação parlamentar que, juntos, Fidesz e Jobbik têm, pareceu-nos relevante atender à estabilidade dos sistemas partidários destes países e à desproporcionalidade dos seus sistemas eleitorais. Quando comparados os quatro países, a principal conclusão que retiramos é que é na Hungria que encontramos o sistema eleitoral mais desproporcional e o sistema partidário mais estável (menor volatilidade de tipo A, menor fragmentação partidária e maior polarização ideológica). Curiosamente, parece que estamos perante um ciclo vicioso. Em 2010, o Fidesz-KDNP, democraticamente eleito, obteve dois terços dos assentos parlamentares, que o impeliu, entre outras coisas, a redesenhar o sistema eleitoral. Em 2014, o Fidesz-KDNP, democraticamente eleito, mas com um número muito menor de votos, obteve dois terços dos assentos parlamentares. Viktor Orbán, tornando o sistema eleitoral mais desproporcional, tem conseguido solidificar o sistema partidário e torná-lo benéfico para os grandes partidos, isto é, para o seu próprio partido. Adicionalmente, todas estas alterações são mais bem entendidas se tivermos em consideração o caso do Jobbik. Este partido, que entre 2010 e 2014 aumentou a sua percentagem de votos, viu a sua percentagem de assentos parlamentares diminuir.

Para além de atendermos a fatores institucionais e políticos, esta dissertação focou, primordialmente, atitudes e comportamentos políticos. Quanto à análise descritiva das atitudes nacionalistas, conservadoras, autoritárias e das atitudes favoráveis a um Estado social nacional, podemos concluir que estas são uma realidade no V4. Embora cada país, em cada variável, apresente algumas

especificidades, a tendência geral encontrada é a de uma crescente crença de que *a integração europeia já foi longe de mais* e de que não se deve *permitir que pessoas venham e vivam no país*, quer estas sejam da mesma ou de outra etnia. Registámos, ainda, um nível de *homofobia* moderado, que se tem mantido estável ao longo dos últimos anos, e um elevado apoio a um *Estado forte e que mantenha a segurança* e a um *governo que reduza as diferenças salariais*. A variável *religiosidade* é aquela em que há maiores disparidades, uma vez que os polacos são os mais religiosos e os checos os menos. Quanto à variável *insatisfação com o funcionamento da democracia no país*, apresenta-se como a mais instável, sendo impossível traçar-lhe qualquer tendência. O caso da República Checa merece algum destaque, pois apresenta contornos diferentes do padrão geral dos países do V4. Os checos, neste estudo, são os menos religiosos, menos homofóbicos, os mais satisfeitos com a democracia e os menos propensos a querer um Estado forte, que mantenha a segurança, ou um governo que reduza as diferenças sociais.

Uma vez que as atitudes nacionalistas, conservadoras, autoritárias e as atitudes propícias a um Estado social nacional são uma crescente realidade no V4, importava perceber, em resposta direta à nossa pergunta de partida, as semelhanças e as diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do V4. No que diz respeito às semelhanças, são as variáveis *desconfiança face às instituições internacionais*, *intolerância face aos imigrantes* e *religiosidade* que se revelam significativas para explicar o voto em partidos de direita nacionalista na Hungria e na Polónia. Assim, confirmámos a expectável relação positiva entre nacionalismo introvertido, xenofobia e religiosidade e o voto nestes partidos nos dois países. Em relação à variável *insatisfação com o funcionamento da democracia no país*, embora seja significativa nos dois países, assume um efeito positivo no caso da Polónia e um efeito negativo no caso da Hungria. Este resultado confirma as reservas que tínhamos em relação a esta variável: os inquiridos parecem ter respondido de acordo com a avaliação que fazem do desempenho do governo e não tendo em consideração a democracia enquanto valor normativo. É interessante, ainda, lembrar que o modelo permanece robusto quando é controlado por outras variáveis e que todas as semelhanças encontradas se mantêm.

Quanto às diferenças entre o voto nos partidos políticos de direita nacionalista na Hungria e nos restantes países do V4, são as variáveis *permitir que pessoas da mesma etnia venham e vivam no país*, *permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país* e *é importante que o Estado seja forte e mantenha a segurança* que singularizam o caso húngaro e, conseqüentemente, não ajudam a explicar o caso polaco. Assim, confirmámos a expectável relação entre nacionalismo étnico e propensão para um Estado forte, que garanta a segurança, a lei e a ordem e o voto no Fidesz ou no Jobbik. No entanto, quando introduzidas as variáveis de controlo, a variável *permitir que pessoas de outra etnia venham e vivam no país* deixa de ser significativa para explicar o caso húngaro. Ainda assim, julgamos que o nacionalismo étnico permanece resiliente enquanto fator explicativo da singularidade do caso húngaro.

A Hungria assumiu, neste estudo, um lugar de destaque. Porém, uma vez que comparámos este caso com os outros países que compõem o Grupo de Visegrado, há também algumas conclusões interessantes a tirar sobre a República Checa, a Eslováquia e a Polónia. Quanto à República Checa, é o

país que mais se afasta dos padrões de conservadorismo, autoritarismo e Estado social nacional que foram encontrados nos outros países do V4. Neste sentido, estas evidências empíricas ajudam a explicar porque é que neste país os partidos de direita nacionalista não têm tanta expressão eleitoral. Em relação à Eslováquia, este caso é interessante por ter padrões tão similares aos da Hungria e da Polónia e, até março deste ano, apenas ter como representante da direita nacionalista o partido SNS. Quanto à Polónia, uma vez que foi o único país que comparámos, na análise multivariada, com a Hungria, também lhe descobrimos algumas singularidades. De acordo com a nossa análise, e em comparação com o caso húngaro, são as variáveis *homofobia* e *é importante que o governo reduza as diferenças salariais* que especificam o voto em partidos de direita nacionalista na Polónia.

Partindo da revisão da literatura, procurámos que esta dissertação pudesse ajudar a explicar o voto em partidos de direita nacionalista no V4, no geral, e na Hungria, em específico, tentando acrescentar alguma novidade àquilo que já tem sido produzido sobre o tema. Assim, (1) optámos por estudar o caso da Hungria, mas sem descartar o contexto em que este país se insere, isto é, estudando também os outros três países do V4; (2) privilegiámos uma análise atitudinal, que nos ajudasse a perceber porque é que os eleitores votam em partidos de direita nacionalista e (3) decidimos ter em conta os fatores institucionais (desproporcionalidade do sistema eleitoral) e fatores políticos (fragmentação partidária, volatilidade eleitoral e polarização ideológicas), uma vez que estes são determinantes para que se perceba a ascensão dos partidos políticos. No entanto, estamos cientes de que este estudo teve algumas limitações, que poderão ser superadas em futuras investigações. A primeira das limitações prende-se com o facto de não termos conseguido incluir o caso da Eslováquia na análise multivariada. Embora não o tivéssemos feito por razões estatísticas, acreditamos, logicamente, que a comparação que fizemos ficaria reforçada com a inclusão deste caso. No entanto, acreditamos que esta limitação pode ser superada assim que começarem a surgir dados sobre o novo partido de extrema-direita eslovaco, L'SNS, e que se possa fazer uma análise conjunta deste com o SNS. A segunda limitação está relacionada com o facto de, neste estudo, apenas termos analisado os fatores institucionais e políticos de forma descritiva e contextual. Uma forma de a solucionar é a utilização de um modelo de regressão linear hierárquica ou multinível, onde haja dois níveis: os indivíduos e os fatores institucionais e políticos. No entanto, nesse caso é recomendável que se alargue o lapso temporal da análise multivariada e que esta não se cinja a 2010-2015, para que se consiga abranger o maior número de eleições possível.

Começámos esta investigação a fazer referência a István Bibó e ao seu intemporal ensaio sobre nacionalismo na Europa de Leste, escrito no fim da II Guerra Mundial. Passados 70 anos, esta dissertação parece corroborar grande parte dos seus argumentos e ideias, acrescentando alguns contributos ao estudo dos partidos de direita nacionalista no V4. Neste sentido, consideramos que, em 2016, e com as devidas reservas, faz todo o sentido terminar esta dissertação como, em 1946, Bibó terminou o seu ensaio:

Central-East Europe—or, to be more precise, Germany and the countries to its east—however small, remains the greatest threat to world peace as long as it remains the region of the greatest anarchy, insecurity, and discontent (Bibó, 1946: 180).

FONTES

- Butorova, Zora (2004), Current Problems of Slovakia 1999. GESIS Data Archive, Cologne. ZA4065 Data file Version 1.0.0;
- Center for Policy Studies – CEU: <https://cps.ceu.edu/>;
- Election Resources on the Internet: <http://www.electionresources.org/>;
- European Social Survey Round 1 Data (2002), Data file edition 6.4. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 2 Data (2004), Data file edition 3.4. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 3 Data (2006), Data file edition 3.5. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 4 Data (2008), Data file edition 4.3. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 5 Data (2010), Data file edition 3.2. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 6 Data (2012), Data file edition 2.2. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- European Social Survey Round 7 Data (2014), Data file edition 2.0. NSD - Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC;
- Gallagher, Michael, 2015. Election indices dataset, (Online). Disponível em: http://www.tcd.ie/Political_Science/staff/michael_gallagher/EISystems/index.php;
- HUNGARY (2011), The Fundamental Law of Hungary, (Online). Disponível em: <http://www.parlament.hu/documents/125505/138409/Fundamental+law/73811993-c377-428d-9808-ee03d6fb8178>;
- Inter-Parliamentary Union: <http://www.ipu.org/english/home.htm>;
- Parties and Elections in Europe: <http://www.parties-and-elections.eu/>;
- Policy Solutions: <http://www.policysolutions.hu/en/>;
- Political Capital Policy Research Institute: <http://www.riskandforecast.com/>;
- Rotman, David; Raychev, Andrei; Stoychev, Kancho; Hartl, Jan; Misovic, Ján; Mansfeldová, Zdenka; Saar, Aandrus; Klingemann, Hans-Dieter; Fuchs, Dieter; Roller, Edeltraud; Wessels, Bernhard; *et al.* (2004), Consolidation of Democracy in Central and Eastern Europe 1990-2001: Cumulation PCP I und II. GESIS Data Archive, Cologne. ZA4054 Data file Version 1.0.0.

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, Theodor W., Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford (1969), *The Authoritarian Personality*, New York, Norton Library;
- Altemeyer, Bob (1981), *Right-Wing Authoritarianism*, Winnipeg, University of Manitoba Press;
- Alter, Peter (1994), “The Rhetoric of Nation-State and the Fall of Empires”, em Robertson, Ritchie e Edward Timms (orgs.), *The Habsburg Legacy: National Identity in Historical Perspective, Austrian Studies V*, Edinburg, Edinburg University Press;
- Anastasakis, Othon (2001), “Post-communism Extremism in Eastern Europe: the Nature of the Phenomenon”, *Studies in Ethnicity and Nationalism*, (Online), 1 (2). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1754-9469.2001.tb00135.x/abstract>;
- Anderson, Benedict (1993), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London, Verso;
- Babbie, Earl (1989), *The Practice of Social Research*, Belmont, California Wadsworth Publishing Company;
- Bánkuti, Miklós, Gábor Halmai e Kim Lane Scheppele (2015), “Hungary’s Illiberal Turn: Disabling the Constitution”, em Péter Kraszter e Jon Van Til (orgs.), *The Hungarian Patient. Social Opposition to an Illiberal Democracy*, Budapest, Central European University Press;
- Batory, Agnes (2008), *The Politics of EU Accession – Ideology, Party Strategy and the European Question in Hungary*, Manchester, Manchester University Press;
- Bauer, Michael (2002), “Changing Cleavage Structure and the Communist Successor Parties of the Visegrád Countries”, em András Bozóki e John T. Ishiyama (orgs.), *The Communist Successor Parties of Central and Eastern Europe*, New York, Routledge;
- Beissinger, Mark R. e Gwendolyn Sasse (2014), “An End to “Patience”?”, em Bermeo, Nancy e Larry M. Bartels (orgs.), *Mass Politics in Tough Times: Opinions, Votes, and Protest in the Great Recession*, Oxford, Oxford University Press;
- Benoit, Kenneth (2001), “Evaluating Hungary’s Mixed-Member Electoral System”, em Matthew Soberg Shugart e Martin P. Wattenberg (orgs.), *Mixed-Member Electoral Systems: The Best of Both Worlds*, Oxford, Oxford University Press;
- Benoit, Kenneth (2005), “Hungary: Holding Back the Tiers”, em Michael Gallagher e Paul Mitchell (orgs.), *The Politics of Electoral Systems*, Oxford, Oxford University Press;
- Berlin, Isaiah (1980), *Against the Current*, The Viking Press, New York;
- Berglund, Sten, Joakim Ekman, Terje Knutsen e Frank Aarebrot (2013), “The Resilience of History”, em Sten Berglund, Joakim Ekman, Kevin Deegan-Krause e Terje Knutsen (orgs.), *The Handbook of Political Change in Eastern Europe*, Cheltenham, Edward Elgar;
- Bibó, István (1946), “Miseries of East European Small States”, em Iván Zoltán Dénes (2015), *The Art of Peacemaking: Political Essays by István Bibó*, London, Yale University Press;
- Bielasiak, Jack (2002), “The Institutionalization of Electoral and Party Systems in Postcommunist States”, *Comparative Politics*, (Online), 34 (2). Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4146937?seq=1#page_scan_tab_contents;
- Birch, Sarah (2003), *Electoral Systems and Political Transformation in Post-Communist Europe*, New York, Palgrave Macmillan;
- Birch, Sarah, Frances Millard, Marina Popescu e Kieran Williams (2002), *Embodying Democracy: Electoral System Design in Post-Communist Europe*, New York, Palgrave Macmillan;

- Bozóki, András (2015), “Broken Democracy, Predatory State, and Nationalist Populism”, em Péter Kraszter e Jon Van Til (orgs.), *The Hungarian Patient. Social Opposition to an Illiberal Democracy*, Budapest, Central European University Press;
- Bozóki, András (2002), “The Hungarian Socialists. Technocratic Modernizationism or New Social Democracy?”, em András Bozóki e John T. Ishiyama (orgs.), *The Communist Successor Parties of Central and Eastern Europe*, New York, Routledge;
- Brusis, Martin (2006), “Hungary: A Core Supreme”, em Vasselin Dimitrov, Klaus H. Goetz e Hellmut Wollmann (orgs.), *Governing after Communism. Institutions and Policymaking*, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers;
- Burke, Edmund (1790/1987), *Reflections on the Revolution in France*, New York, Prometheus Books;
- Bustikova, Lenka (2015), “The Democratization of Hostility. Minorities and Radical Right Actors after the Fall of Communism”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Bustikova, Lenka (2009), “The Extreme Right in Eastern Europe: EU Accession and the Quality of Governance”, *Journal of Contemporary European Studies*, (Online), 17 (2). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14782800903108668?journalCode=cjea20>;
- Bustikova, Lenka e Herbert Kitschelt (2009), “The Radical Right in Post-communist Europe. Comparative Perspectives on Legacies and Party Competition”, *Communist and Post-Communist Studies*, (Online), 42 (4). Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0967067X09000567>;
- Cabada, Ladislav, Vít Hlousk e Petr Jurek (2014), *Party Systems in East Central Europe*, Plymouth, Lexington Books;
- Carter, Elisabeth (2005), *The Extreme Right in the Western Europe: Success or Failure?*, Manchester, Manchester University Press;
- Cartledge, Bryan (2011), *The Will to Survive – A History of Hungary*, London, Hurst & Company;
- Collier, David (1993), “The Comparative Method”, em Ada W. Finifter (org.), *Political Science: The State of the Discipline II*, Washington DC, American Political Science Association;
- Crampton, R. J. (1997), *Eastern Europe in the Twentieth Century - and After*, London, Routledge;
- Deegan-Krause, Kevin (2013), “Slovakia”, em Sten Berglund, Joakim Ekman, Kevin Deegan-Krause e Terje Knutsen (orgs.), *The Handbook of Political Change in Eastern Europe*, Cheltenham, Edward Elgar;
- Deegan-Krause, Kevin (2004), “Uniting the Enemy: Politics and the Convergence of Nationalisms in Slovakia”, *East European Politics and Societies*, (Online), 18 (4). Disponível em: <http://eep.sagepub.com/content/18/4/651.abstract>;
- Dettke, Dieter (2014), *Hungary’s Jobbik Party, the Challenge of European Ethno-Nationalism and the Future of the European Project*, Warszawa, Center for International Relations;
- Dimitrov, Vasselin e Radoslaw Zubek (2006), “Czech Republic: A Core Neglected”, em Vasselin Dimitrov, Klaus H. Goetz e Hellmut Wollmann (orgs.), *Governing after Communism. Institutions and Policymaking*, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers;
- Enyedi, Zsolt e Gábor Tóka (2007), “The Only Game in Town. Party Politics in Hungary”, em Paul Webb e Stephen White (orgs.), *Party Politics in New Democracies*, Oxford, Oxford University Press;
- Evans, Geoffrey e Ariana Need (2002), “Explaining Ethnic Polarization over Attitudes towards Minority Rights in Eastern Europe: a Multilevel Analysis”, *Social Science Research*, (Online), 31 (4). Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0049089X02000182>;

- Fowler, Brigid (2004), “Hungary: Unpicking the Permissive Consensus”, *West European Politics*, (Online), 27 (4). Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0140238042000249894#.VRu6EfnF_9U;
- Fox, Jon E. e Peter Vermeersch (2010), “Backdoor Nationalism”, *European Journal of Sociology*, (Online), 51 (2). Disponível em: http://www.petervermeersch.net/uploads/2/5/3/1/2531565/backdoor_nationalism_ejs_vol_51_no_2.pdf;
- Freire, André e Kats Kavistik (2016), “Regime Transition, Value Conflicts and the Left-right Divide at the Mass Level: the Baltic States and Southern Europe Compared”, *Communist and Post-Communist Studies*, (Online), 49 (4). Disponível em (a partir de Novembro): <http://www.journals.elsevier.com/communist-and-post-communist-studies>;
- Gallagher, Michael (1991), “Proportionality, Disproportionality and Electoral Systems”, *Electoral Studies*, (Online), 10 (1). Disponível em: http://www.tcd.ie/Political_Science/staff/michael_gallagher/ElectoralStudies1991.pdf;
- Gellner, Ernest (1965), *Thought and Change*, Chicago, University of Chicago Press;
- Ghergina, Sergiu (2015), *Party Organization and Electoral Volatility in Central and Eastern Europe. Enhancing Voter Loyalty*, Oxon, Routledge;
- Grzymala-Busse, Anna (2015), “Thy Will Be Done? Religious Nationalism and its Effects in East Central Europe”, *East European Politics*, (Online), 29 (2). Disponível em: <http://eep.sagepub.com/content/29/2/338.abstract>;
- Gyárfásová, Ol’ga e Grigorij Meseznikov (2015), “Actors, Agenda, and Appeal of the Radical Nationalist Right in Slovakia”, Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Harris, Erika (2012), “What is New about “Eastern Nationalism” and What are the Implications for Studies of Ethnicity Today?”, *Nationalism and Ethnic Politics*, (Online), 18 (3). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13537113.2012.707500>;
- Hastings, Adrian (1997), *The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism*, Cambridge, Cambridge University Press;
- Hegedus, Daniel (2013), “The Contradictions of Constitutional Engineering”, Working Papers FG 1, 2013/ 03, (Online). Disponível em: http://www.swp-berlin.org/en/publications/swp-research-paper-detail/article/the_contradictions_of_constitutional_engineering.html;
- Heywood, Andrew (2012), *Political Ideologies: An Introduction*, Basingstoke, Palgrave Macmillan;
- Hlousek Vít e Lubomír Kopecek (2010), *Origin, Ideology and Transformation of Political Parties: East-Central and Western Europe Compared*, Farnham, Ashgate Publishing Limited;
- Hobsbawm, Eric (1990), *Nations and Nationalism since 1780. Programme, Myth, Reality*, Cambridge, Cambridge University Press;
- Jasiewicz, Krzysztof (2007), “Poland. Party System by Default”, em Paul Webb e Stephen White (orgs.), *Party Politics in New Democracies*, Oxford, Oxford University Press;
- Juberias, Carlos Flores (2004), “Eastern Europe: General Overview”, em Josep M.Colomer (org.), *Handbook of Electoral System Choice*, New York, Palgrave;
- Kaspowicz, Dominika (2015), “The Radical Right in Poland – From the Mainstream to the Margins. A Case of Interconnectivity”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Kaminski, Marek M. e Monika A. Nalepa (2004), “Poland: Learning to Manipulate Electoral Rules”, em Josep M.Colomer (org.), *Handbook of Electoral System Choice*, New York, Palgrave;

- Kiss, Csilla (2002), “From Liberalism to Conservatism: The Federation of Young Democrats in Post-Communist Hungary”, *East European Politics & Societies*, (Online), 16 (3). Disponível em: <http://eep.sagepub.com/content/16/3/739.full.pdf+html>;
- Kitschelt, Herbert, Zdenka Mansfeldova, Radoslaw Markowski e Gábor Tóka (1999), *Post-Communist Party Systems: Competition, Representation, and Inter-Party Cooperation*, Cambridge, Cambridge University Press;
- Koev, Dan (2015), “Interactive Party Effects on Electoral Performance: How Ethnic Minority Parties aid the Populist Right in Central and Eastern Europe”, *Party Politics*, (Online), 21 (4). Disponível em: <http://ppq.sagepub.com/content/21/4/649.abstract>;
- Kohn, Hans (1944), *The Idea of Nationalism*, New York, The Macmillan Company;
- Kopecký, Petr (2007), “Building Party Government. Political Parties in Czech and Slovak Republics”, em Paul Webb e Stephen White (orgs.), *Party Politics in New Democracies*, Oxford, Oxford University Press;
- Kopecký, Petr (2004), “The Czech Republic: Entrenching Proportional Representation”, em Josep M.Colomer (org.), *Handbook of Electoral System Choice*, New York, Palgrave;
- Korosényi, András (1999), *Government and Politics in Hungary*, Budapest, Central European University Press;
- Kovács, Kriszta e Gábor Attila Tóth (2011), “Hungary’s Constitutional Transformation”, *European Constitutional Law Review*, (Online), 7 (2). Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/european-constitutional-law-review/article/hungarys-constitutional-transformation/7C08CC63A6879733B2DBFBA2A9937054>;
- Krekó, Péter e Gregor Mayer (2015), “Transforming Hungary – Together. An Analysis of the Fidesz-Jobik Relationship”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Kuusela, Kimmo (1994), “The Founding Electoral Systems in Eastern Europe, 1989-1991”, em Geoffrey Pridham e Tatu Vanhanem (orgs.), *Democratization in Eastern Europe: Domestic and International Perspectives*, London, Routledge;
- Laakso, Markku e Rein Taagepera (1979), ““Effective” Number of Parties. A Measure with Application to West Europe”, *Comparative Political Studies*, (Online), 12 (1). Disponível em: <http://cps.sagepub.com/content/12/1/3.extract>;
- László, Róbert e Péter Krekó (2012), “Election Reform in Hungary: Still in Progress”, Working Paper, Friedrich Ebert Foundation Budapest, (Online). Disponível em: http://www.fesbp.hu/common/pdf/Arbeitspapier_Jan_2012.pdf;
- Lawson, Key, Andrea Rommele e Georgi Karasimeonov (1999), *Cleavages, Parties and Voters – Studies from Bulgaria, The Czech Republic, Hungary, Poland, and Romania*, Praeger Publishers, Westport;
- Lendvai, Paul (2012), *Hungary: Between Democracy and Authoritarianism*, London, C. Hurst & Co;
- Lewis, Paul, Bill Lomax e Gordon Wightman (1994), “The Emergence of Multi-Party Systems in East-Central Europe. A Comparative Analysis”, em Geoffrey Pridham e Tatu Vanhanem (orgs.), *Democratization in Eastern Europe: Domestic and International Perspectives*, London, Routledge;
- Lijphart, Arend (1971), “Comparative Politics and Comparative Method”, *The American Political Science Review*, (Online), 65 (3). Disponível em: <http://www.la.utexas.edu/users/cheny/core/Course%20Materials/Lijphart1971/0.pdf>;
- Mansfeldová, Zdenka (2013), “The Czech Republic”, em Sten Berglund, Joakim Ekman, Kevin Deegan-Krause e Terje Knutsen (orgs.), *The Handbook of Political Change in Eastern Europe*, Cheltenham, Edward Elgar;
- Marôco, João (2014), *Análise Estatística com o SPSS Statistics*, Pêro Pinheiro, ReportNumber;

- Marôco, João e Teresa Garcia-Marques (2006), “Qual a Fiabilidade do Alfa de Cronbach? Questões Antigas e Soluções Modernas?”, *Laboratório de Psicologia*, (Online), 4 (1). Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/763/706>;
- Mares, Miroslav (2015), “The Impact of Czech Radical Right on Transition and (De-)Consolidation of Democracy after 1989”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Minkenberg, Michael (2015a), “Introduction”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Minkenberg, Michael (2015b), “Profiles, Patterns, Process. Studying the East European Radical Right in its Political Environment”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Minkenberg, Michael (2013), “The European Radical Right and Xenophobia in West and East: Trends, Patterns and Challenges”, em Melzer, Ralf e Sebastian Serafin (orgs.), *Right-wing Extremism in Europe - Country Analyses, Counter-Strategies and Labor-Market Oriented Exit Strategies*, Berlin, Friedrich-Ebert-Stiftung Forum Berlin;
- Mudde, Cas (2007), *Populist Radical Right Parties in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press;
- Mudde, Cas (2005), “Racist Extremism in Central and Eastern Europe”, *East European Politics and Societies*, (Online), 19 (2). Disponível em: <http://eep.sagepub.com/content/19/2/161.full.pdf+html>;
- Mudde, Cas (2000), *The Ideology of the Extreme Right*, Manchester, Manchester University Press;
- Mudde, Cas (1996), “The War of Words: Defining the Extreme Right Party Family”, *West European Politics*, (Online) 19 (2). Disponível em: http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1005&context=cas_mudde;
- Muller, Jan-Werner (2011), “The Hungarian Tragedy”, *Dissent*, (Online), 52 (2). Disponível em: <https://www.princeton.edu/~jmueller/DISSENT-Hungary-JWMueller.pdf>;
- Nagy, András Bíró, Tamás Boros e Zoltán Vasali (2013), “More Radical than the Radicals: the Jobbik Party in International Comparison”, em Melzer, Ralf e Sebastian Serafin (orgs.), *Right-wing Extremism in Europe - Country Analyses, Counter-Strategies and Labor-Market Oriented Exit Strategies*, Berlin, Friedrich-Ebert-Stiftung Forum Berlin;
- Niederhauser, Emil (2003), *A History of Eastern Europe Since Middle Ages*, New Jersey, Social Monographs;
- Norris, Pippa (1999), *Critical Citizens: Global Support for Democratic Government*, Oxford Oxford University Press;
- Norris, Pippa (2005), *Radical Right. Voters and Parties in the Electoral Market*, Cambridge, Cambridge University Press;
- Pedersen, Mogens (1979), “The Dynamics of European Party Systems: Changing Patterns of Electoral Volatility”, *European Journal of Political Research*, (Online), 7 (1). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6765.1979.tb01267.x/pdf>;
- Pirro, Andrea L. P. (2014a), “Digging into the Breeding Ground: Insights into the Electoral Performance of Populist Radical Right Parties in Central and Eastern Europe”, *East European Politics*, (Online), 30 (2). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21599165.2014.886565>;
- Pirro, Andrea L. P. (2014b), “Populist Radical Right in Central and Eastern Europe: the Different Context and Issues of the Prophets of the Patria”, *Government and Opposition*, (Online), 49 (4). Disponível em: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=9345548>;

- Pirro, Andrea L. P. (2015), “The Populist Radical Right in the Political Process. Assessing Party Impact in Central and Eastern Europe”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Powell, Eleanor e Joshua Tucker (2014), “Revisiting Electoral Volatility in Post-Communist Countries: New Data, New Results, and New Approaches”, *British Journal of Political Science*, (Online), 44 (1). Disponível em: http://www.eleanorneffpowell.com/uploads/8/3/9/3/8393347/powell_tucker_2014_bjps.pdf;
- Pridham, Geoffrey (2005), *Designing Democracy. EU Enlargement and Regime Change in Post-Communist Europe*, New York, Palgrave Macmillan;
- Przeworski, Adam e Henry Teune (1970), *Logic of Comparative Social Inquiry*, Minnesota, John Wiley & Sons;
- Pytlas, Bartek (2013), “Radical-Right Narratives in Slovakia and Hungary: Historical Legacies, Mythic Overlaying and Contemporary Politics”, *Patterns of Prejudice*, (Online), 47 (2). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0031322X.2013.786199#.V1QQ6PkrLIU>;
- Pytlas, Bartek (2016), *Radical Right Parties in Central and Eastern Europe: Mainstream Party Competition and Electoral Fortune*, Oxon, Routledge;
- Pytlas, Bartek (2015), “Lightning the Fuse. The Impact of Radical Right Parties on Party Competition in Central and Eastern Europe”, em Michael Minkenberg (org.), *Transforming the Transformation?: The East European Radical Right in the Political Process*, Oxon, Routledge;
- Quivy, Raymond e LucVan Campenhoudt (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva;
- Rae, Gavin (2007), “Back to the Future: The Resurgence of Poland’s Conservative Right”, *Journal of Contemporary Central and Eastern Europe*, (Online), 15 (2). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09651560701483329>;
- Resende, Madalena Meyer (2015), *Catholicism and Nationalism: Changing Nature of Party Politics*, Oxon, Routledge;
- Resende, Madalena Meyer (2009), *The Unintended Effects of Europe on Central and East European Party Systems: Poland and Beyond*, Tallinn, Tallinn University Press;
- Resende, Madalena Meyer (2011), “Transformando a Nação: os Nacionalismos dos Partidos de Centro-Direita em Espanha e na Polónia”, *Análise Social*, XLVI, (2011);
- Rose, Richard e Neil Munro (2003), *Elections and Parties in New European Democracies*, Washington, ECPress;
- Savage, Lee (2013), “Party Systems Polarization and Government Duration in Central and Eastern Europe”, *West European Politics*, (Online), 36 (5). Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01402382.2013.797239?journalCode=fwep20#.V6ShY_krLIU;
- Schiemann, John W. (2001), “Hedging against Uncertainty: Regime Change and the Origins of Hungary’s Mixed-Member System”, em Matthew Soberg Shugart e Martin P. Wattenberg (orgs.), *Mixed-Member Electoral Systems: The Best of Both Worlds*, Oxford, Oxford University Press;
- Schiemann, John W. (2004), “Hungary: Compromising Midway on a Mixed System”, em Josep M.Colomer (org.), *Handbook of Electoral System Choice*, New York, Palgrave;
- Schmitt, Hermann e André Freire (2012), “Ideological Polarisation: Different Worlds in East and West”, em David Sanders, Pedro Magalhães e Gábor Tóka (orgs.), *Citizens and the European Polity: Mass Attitudes toward the European and National Politics*, Oxford, Oxford University Press;
- Sikk, Allan (2005), “How Unstable? Volatility and the Genuinely New Parties in Eastern Europe”, *European Journal of Political Research*, 44 (3). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6765.2005.00232.x/abstract>;
- Smith, Anthony D. (2009), *Ethno-Symbolism and Nationalism: A Cultural Approach*, Abingdon, Routledge;

- Smith, Anthony D. (1999), *Myths and Memories of the Nation*, New York, Oxford University Press;
- Smith, Anthony D. (2001), *Nacionalismo*, Lisboa, Teorema;
- Soulet, Jean-François (2006), *História da Europa de Leste – Da Segunda Guerra Mundial aos Nossos Dias*, Lisboa, Teorema;
- Stegmaier, Mary e Michael Lewis-Beck (2011), “Shocks and oscillations: The political economy of Hungary”, *Electoral Studies*, (Online), 30 (3). Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261379410001320>;
- Tamas, Pal (2011), “The Radical Right in Hungary: a Threat to Democracy”, em Nora Langenbacher e Britta Schellenberg (orgs.), *Is Europe on the “Right” Path? - Right-wing Extremism and Right-wing Populism in Europe*, Berlin, Friedrich-Ebert-Stiftung Forum Berlin;
- Tavits, Margit (2008), “On the Linkage between Electoral Volatility and Party System Instability in Central and Eastern Europe”, *European Journal of Political Research*, (Online), 47 (5). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6765.2008.00782.x/abstract>;
- Tóka, Gábor (2014), “Constitutional Principles and Electoral Democracy in Hungary”, em Ellen Bos e Kálmán Pócsa (orgs.), *Constitution Building in Consolidated Democracies: A New Beginning or Decay of a Political System?*, Baden-Baden, Nomos Verlag;
- Tóka, Gábor e Sebastian Popa (2013), “Hungary”, em Sten Berglund, Joakim Ekman, Kevin Deegan-Krause e Terje Knutsen (orgs.), *The Handbook of Political Change in Eastern Europe*, Cheltenham, Edward Elgar;
- Tóth, András e István Grajczjár (2015), “The Rise of the Radical Right in Hungary”, em Péter Kraszter e Jon Van Til (orgs.), *The Hungarian Patient. Social Opposition to an Illiberal Democracy*, Budapest, Central European University Press;
- Varga, Mihai (2014), “Hungary’s “Anti-capitalist” Far-right: Jobbik and the Hungarian Guard”, *Nationalities Papers: The Journal of Nationalism and Ethnicity*, (Online), 42 (5). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00905992.2014.926316>;
- Vincent, Andrew (2010), *Modern Political Ideologies*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd;
- Vermeersch, Peter (2013), “Nationalism and Political Competition in Central Europe: the Case of Poland”, *Nationalities Papers: The Journal of Nationalism and Ethnicity*, (Online), 41 (1). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00905992.2012.747499>;
- Weiss, Hilde (2003), “A Cross-National Comparison of Nationalism in Austria, the Czech and Slovak Republics, Hungary, and Poland”, *Political Psychology*, (Online), 24 (2). Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3792355?seq=1#page_scan_tab_contents;
- Zamoyski, Adam (2009), *História da Polónia*, Lisboa, Edições 70;
- Zubek, Radoslaw (2006), “Poland: A Core Ascendant?”, em Vasselin Dimitrov, Klaus H. Goetz e Hellmut Wollmann (orgs.), *Governing after Communism. Institutions and Policymaking*, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers.

ANEXOS

ANEXO A – Fatores Institucionais e Políticos

Anexo A.1. - Operacionalização dos Índices: Aspectos de Natureza Técnica

<p>Desproporcionalidade do Sistema Eleitoral</p> $LSq = \sqrt{((\sum(s_i - v_i)^2)/2)}$	<p>Em relação à operacionalização da desproporcionalidade do sistema eleitoral, segundo o índice proposto por Gallagher (1991), é calculada a diferença entre a percentagem de votos e de assentos parlamentares recebidos por cada partido. Este índice varia entre 0 e 100, denotando os valores mais próximos de 0 uma menor desproporcionalidade do sistema eleitoral.</p>
<p>Fragmentação Partidária</p> $N_v = \frac{1}{\sum(P_v)^2}$	<p>Quanto à operacionalização da fragmentação partidária, utiliza-se o número efetivo de partidos parlamentares e o número efetivo de partidos eleitorais, propostos por Markku Laakso e Rein Taagepera (1979). Nesta fórmula, em relação ao primeiro índice, P_v é a percentagem de assentos parlamentares de cada partido face ao total de assentos, quanto ao segundo índice, P_v é a percentagem de votos de cada partido face ao total de votos.</p>
<p>Volatilidade Eleitoral Total</p> $Volatility = \frac{\sum_{i=1}^n p_{it} - p_{i(t+1)} }{2}$	<p>No que diz respeito à operacionalização da Volatilidade Total, segundo a fórmula de Perdesen (1979), n corresponde ao número de partidos e p_i à percentagem de votos que um determinado partido recebeu em períodos de tempo t e $t+1$, isto é, em dois momentos eleitorais consecutivos. Outra forma de calcular a volatilidade eleitoral total é somar a volatilidade tipo A e a volatilidade tipo B.</p>
<p>Volatilidade Tipo A</p> $Type\ A\ Volatility = \frac{ \sum_{o=1}^n p_{ot} + \sum_{w=1}^n p_{w(t+1)} }{2}$	<p>Em relação à operacionalização da Volatilidade de tipo A, segundo a equação de Powell e Tucker (2014), o corresponde aos partidos que desapareceram, isto é, que apenas concorreram a eleição em t, enquanto w corresponde aos novos</p>

	partidos, ou seja, aqueles que apenas disputam eleição em $t+1$.
<p>Volatilidade Tipo B</p> $\text{Type B Volatility} = \frac{\sum_{i=1}^n p_{it} - p_{i(t+1)} }{2}, \text{ among all stable parties.}$	Quanto à operacionalização da Volatilidade de tipo B, segundo a proposta por Powell e Tucker (2014), i corresponde aos partidos que participaram nas eleições em t e $t+1$. Neste caso, este índice é calculado a partir da diferença de votos que um dado partido obteve em dois momentos eleitorais consecutivos.
<p>Polarização Ideológica*</p> $IP = (\sum LRm - LRpx * EPpx) / IPmax$	No que diz respeito à operacionalização da Polarização Ideológica, segundo o índice de Schmitt e Freire (2012), LRm corresponde ao centro numérico da escala esquerda – direita, $LRpx$ à posição de um dado partido na mesma escala, $EPpx$ à percentagem de votos de um determinado partido nas últimas eleições e $IPmax$ à distância ideológica máxima entre os dois campos ideológicos. Este índice varia entre 0 e 1, denotando valores mais próximos de 0 uma menor polarização ideológica.

*O cálculo deste índice requer o cálculo da posição dos partidos na escala esquerda – direita. Há quatro formas de o fazer: através de inquéritos a especialistas, através da perceção dos eleitores acerca do posicionamento dos partidos, através dos manifestos partidários e através do auto-posicionamento ideológico dos eleitores de cada partido. Para o cálculo deste índice para países e anos para os quais não temos dados disponíveis, optámos por seguir esta última estratégia, uma vez que esta também foi a opção de Schmitt e Freire (2012). Assim, garantimos que há uma certa homogeneidade, a nível técnico e operacional, entre os dados que nos foram fornecidos pelo Professor André Freire e aqueles por nós calculados. Estes autores fizeram, ainda, os testes de *cross-validation* desta opção com as outras acima descritas, tendo-se esta revelado robusta e adequada.

Ora, neste sentido, para o cálculo da posição ideológica dos partidos usámos as seguintes bases de dados: Hungria 2010 (ESS5); Hungria 2014 (ESS7); República Checa 1990 (Rotman, *et.al.*, 2004); República Checa 2010 (ESS5); República Checa 2013 (ESS7); Polónia 2011 (ESS6); Eslováquia 1990 (Rotman, *et.al.*, 2004); Eslováquia 1992 (Rotman, *et.al.*, 2004); Eslováquia 1994 (Butorova, 2004); Eslováquia 1994 (Butorova, 2004); Eslováquia 2002 (ESS2); Eslováquia 2006 (ESS3); Eslováquia 2010 (ESS5) e Eslováquia 2012 (ESS6).

ANEXO B – A Evolução das Atitudes face ao Nacionalismo, Conservadorismo, Autoritarismo e Estado Social Nacional no Grupo de Visegrado

Anexo B.1. – Dimensão da Amostra

Quadro B.1.1. – Dimensão da amostra, Hungria

	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014
União Europeia: a integração já foi longe de mais ou deve haver mais integração? Observação: Esta variável não consta nos <i>surveys</i> de 2002 e 2010		1319	2134	1256		1732	1472
Pessoas da mesma etnia devem vir e viver no país?	1561	1431	1464	1481	1503	1839	1634
Pessoas de outra etnia devem vir e viver no país?	1555	1428	1458	1484	1503	1833	1644
Quão religioso é?	1677	1487	1502	1536	1553	1963	1676
Os homossexuais devem viver a sua vida como querem?	1501	1369	1347	1380	1442	1756	1565
É importante que o Estado forte e que garanta segurança?	1632	1464	1406	1435	1470	1966	1517
Satisfação com o funcionamento da democracia no país?	1545	1444	1430	1429	1466	1905	1586
É importante que o governo reduza as diferenças salariais?	1633	1484	1496	1510	1550	1976	1671
Fonte	ESS1	ESS2	ESS3	ESS4	ESS5	ESS6	ESS7

Quadro B.1.2. - Dimensão da amostra, Polónia

	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014
União Europeia: a integração já foi longe de mais ou deve haver mais integração? Observação: Esta variável não consta nos <i>surveys</i> de 2002 e 2010		1558	1544	1490		1701	1434
Pessoas da mesma etnia devem vir e viver no país?	1962	1674	1678	1569	1692	1839	1558
Pessoas de outra etnia devem vir e viver no país?	1958	1664	1672	1566	1687	1839	1545
Quão religioso é?	2087	1700	1713	1605	1742	1866	1589
Os homossexuais devem viver a sua vida como querem?	1909	1578	1614	1519	1624	1771	1528
É importante que o Estado forte e que garanta segurança?	2070	1684	1605	1588	1723	1878	1594
Satisfação com o funcionamento da democracia no país?	1968	1614	1613	1511	1664	1798	1519
É importante que o governo reduza as diferenças salariais?	2050	1680	1671	1589	1717	1865	1578
Fonte	ESS1	ESS2	ESS3	ESS4	ESS5	ESS6	ESS7

Quadro B.1.3. - Dimensão da amostra, República ChecaObservação: Este país não consta no *survey* de 2006

	2002	2004	2008	2010	2012	2014
União Europeia: a integração já foi longe de mais ou deve haver mais integração? Observação: Esta variável não consta nos <i>surveys</i> de 2002 e 2010		2652	1842		1763	2009
Pessoas da mesma etnia devem vir e viver no país?	1298	2849	1936	2305	1859	2103
Pessoas de outra etnia devem vir e viver no país?	1297	2844	1940	2312	1868	2100
Quão religioso é?	1325	2988	1938	2348	1924	2090
Os homossexuais devem viver a sua vida como querem?	1272	2826	1947	2321	1879	2083
É importante que o Estado forte e que garanta segurança?	1206	2642	1952	2315	1973	1849
Satisfação com o funcionamento da democracia no país?	1315	2860	1965	2323	1949	2113
É importante que o governo reduza as diferenças salariais?	1305	2876	1951	2332	1990	2059
Fonte	ESS1	ESS2	ESS4	ESS5	ESS6	ESS7

Quadro B.1.4. - Dimensão da amostra, EslováquiaObservação: Este país não consta nos *surveys* de 2002 e 2014

	2004	2006	2008	2010	2012
União Europeia: a integração já foi longe de mais ou deve haver mais integração? Observação: Esta variável não consta nos <i>surveys</i> de 2002 e 2010	1291	1593	1528		1743
Pessoas da mesma etnia devem vir e viver no país?	1413	1696	1714	1770	1802
Pessoas de outra etnia devem vir e viver no país?	1412	1704	1715	1752	1798
Quão religioso é?	1500	1747	1795	1818	1812
Os homossexuais devem viver a sua vida como querem?	1391	1686	1708	1747	1776
É importante que o Estado forte e que garanta segurança?	1451	1676	1785	1816	1828
Satisfação com o funcionamento da democracia no país?	1435	1702	1772	1803	1825
É importante que o governo reduza as diferenças salariais?	1459	1726	1768	1834	1828
Fonte	ESS2	ESS3	ESS4	ESS5	ESS6

ANEXO C - O Voto em Partidos de Direita Nacionalista: Hungria vs. Polónia

Anexo C.1. - Construção de Índices (Variáveis Compósitas)

Quadro C.1.1. - Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições internacionais, por país

Hungria	Cronbach's Alpha	Part 1	Value	1,000	
			N of Items	1 ^a	
		Part 2	Value	1,000	
			N of Items	1 ^b	
			Total N of Items	2	
		Correlation Between Forms			,820
		Spearman-Brown Coefficient	Equal Length		,901
	Unequal Length			,901	
	Guttman Split-Half Coefficient			,901	
Polónia	Cronbach's Alpha	Part 1	Value	1,000	
			N of Items	1 ^a	
		Part 2	Value	1,000	
			N of Items	1 ^b	
			Total N of Items	2	
		Correlation Between Forms			,732
		Spearman-Brown Coefficient	Equal Length		,846
	Unequal Length			,846	
	Guttman Split-Half Coefficient			,845	

a. The items are: Desconfiança_Nações_Unidas

b. The items are: desconfiança_PE

Para efeitos estatísticos, diz-se que uma variável compósita tem uma fiabilidade aceitável quando o Alpha (α) de Cronbach (e outras medidas análogas) é de, pelo menos, 0,7. Todavia, e com as devidas reservas, também pode ser aceitável que este seja, no mínimo, de 0,6 (Marôco e Garcia-Marques, 2006; Marôco, 2014). Neste caso, foi usado o coeficiente de Spearman-Brown (r_{SB}), em detrimento do α de Cronbach, pois este é mais fiável quando queremos medir a consistência interna de uma variável compósita dicotómica, isto é, que resulta de outras duas. Assim sendo, dado que para a Hungria $r_{SB} = 0,901$ e para a Polónia $r_{SB} = 0,846$, foi construído um índice de *desconfiança face às instituições internacionais* através da média aritmética das seguintes variáveis: *desconfiança face às Nações Unidas* e *desconfiança face ao Parlamento Europeu*.

Quadro C.1.2. – Consistência interna do índice de intolerância face aos imigrantes, por país

Country	Cronbach's Alpha	N of Items
Hungria	,841	3
Polónia	,802	3

Quadro C.1.2.1 - Consistência interna do índice de intolerância face aos imigrantes caso alguma das variáveis seja excluída, por país

Country	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Hungria Imigração_má_economia	10,6524	15,047	,723	,763

	Imigração_má_vida_cultural	11,8916	16,237	,661	,822
	Imigrantes_tornam_país_pior	10,9451	16,596	,739	,752
Polónia	Imigração_má_economia	7,7825	15,443	,617	,768
	Imigração_má_vida_cultural	8,8424	15,629	,672	,705
	Imigrantes_tornam_país_pior	8,2300	17,191	,664	,720

Dado o α de Cronbach de 0,841, para a Hungria, e de 0,802, para a Polónia, foi criado o índice de *intolerância face aos imigrantes*, a partir da média aritmética das seguintes variáveis: *a imigração é má para a economia do país; a vida cultural de um país é enfraquecida pelos imigrantes; os imigrantes tornam o país num pior lugar para se viver*. Em ambos os casos, o índice tornar-se-ia menos consistente caso fosse excluída alguma variável.

Quadro C.1.3. - Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições nacionais, por país

Country	Cronbach's Alpha	N of Items
Hungria	,913	4
Polónia	,875	4

Quadro C.1.3.1. - Consistência interna do índice de desconfiança face às instituições nacionais caso alguma das variáveis seja excluída, por país

Country		Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Hungria	Desconfiança_Parlamento	19,1092	44,160	,816	,882
	Desconfiança_Sistema_Legal	19,7586	47,654	,712	,918
	Desconfiança_Políticos	18,2576	44,192	,861	,866
	Desconfiança_Partidos	18,2581	46,010	,822	,880
Polónia	Desconfiança_Parlamento	21,6433	31,484	,753	,831
	Desconfiança_Sistema_Legal	22,4089	33,135	,631	,883
	Desconfiança_Políticos	20,8908	33,108	,804	,813
	Desconfiança_Partidos	20,8561	34,116	,759	,831

Os elevados valores do α de Cronbach (0,913, para a Hungria, e 0,875, para a Polónia) justificam a criação do índice de *desconfiança face às instituições nacionais*, que resulta da média aritmética das seguintes variáveis: *desconfiança face ao parlamento, desconfiança face ao sistema legal, desconfiança face aos políticos e desconfiança face aos partidos políticos*. Em ambos os casos, a consistência interna do índice seria reforçada se fosse excluída a variável *desconfiança face ao sistema legal*. Optamos por não o fazer, tendo em conta o atual processo de enfraquecimento do Estado de Direito que tem vindo a ser levado a cabo nestes países, em geral, e na Hungria, em particular.

Anexo C.2. - Sumário das Variáveis Dependentes e Independentes

Quadro C.2.1. - Sumário das variáveis dependente e independentes, Hungria

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
prtyvthu_PDND	2709	,00	1,00	,7117	,45307
Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	2439	,00	10,00	4,8440	2,37361

Índice_Intolerância_Imigrantes	2399	,00	10,00	5,5381	1,94789
Pessoas_mesma_étnia	2627	1,00	4,00	2,7067	,96919
Pessoas_outra_étnia	2627	1,00	4,00	1,9613	,81718
Religiosidade	2702	0	10	4,17	3,062
Homofobia	2490	1	5	2,76	1,250
Estado_Forte	2566	1,00	6,00	5,1144	1,04020
Insatisfação_Democracia	2638	,00	10,00	5,3302	2,48774
Governo_reduz_diferenças_salariais	2688	1,00	5,00	4,3228	,82636
Esquerda_Direita	2564	0	10	5,85	2,610
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	2640	,00	10,00	5,8375	2,25075
Interesse_Política	2709	1,00	4,00	2,3239	,85728
Ano_Nascimento	2709	1919	1996	1961,97	16,955
Nível_Escolaridade	2705	1	6	3,29	1,151
Valid N (listwise)	1840				

Quadro C.2.2. – Sumário das variáveis dependente e independentes, Polónia

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
prtyvtp1_PDN	2790	,00	1,00	,3353	,47218
Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	2397	,00	10,00	5,1951	2,29031
Índice_Intolerância_Imigrantes	2448	,00	10,00	4,0394	1,90344
Pessoas_mesma_étnia	2738	1,00	4,00	2,9842	,78676
Pessoas_outra_étnia	2731	1,00	4,00	2,8007	,82219
Religiosidade	2763	0	10	6,34	2,557
Homofobia	2660	1	5	2,71	1,219
Estado_Forte	2766	1,00	6,00	5,0510	,96642
Insatisfação_Democracia	2720	,00	10,00	5,0138	2,36083
Governo_reduz_diferenças_salariais	2759	1,00	5,00	3,9471	1,05638
Esquerda_Direita	2600	0	10	5,83	2,478
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	2658	,00	10,00	6,9961	1,84380
Interesse_Política	2773	1,00	4,00	2,4746	,79270
Ano_Nascimento	2790	1917	1993	1962,35	16,913
Nível_Escolaridade	2786	1	6	3,39	1,523
Valid N (listwise)	1936				

Quadro C.2.3. - Distribuição dos inquiridos em relação ao voto (VD), Hungria

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Outros Partidos	781	28,8	28,8	28,8
Partidos de Direita Nacionalista	1928	71,2	71,2	100,0
Total	2709	100,0	100,0	

Quadro C.2.4. - Distribuição dos inquiridos em relação ao voto (VD), Polónia

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Outros Partidos	1855	66,5	66,5	66,5
Partidos de Direita Nacionalista	936	33,5	33,5	100,0
Total	2790	100,0	100,0	

Anexo C.3. – A Qualidade dos Modelos de Regressão Logística Binária

Quadro C.3.1.1. – Inferência sobre o modelo (teste do *chi-square*), Bloco 1, Hungria

		Chi-square	df	Sig.
Step 1	Step	329,710	9	,000
	Block	329,710	9	,000
	Model	329,710	9	,000

H0: A diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa;

H1: A diferença entre os dois modelos não é estatisticamente significativa.

Como $p < 0,001$, a diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa. Assim, o modelo com as variáveis independentes (preditores) é significativamente melhor que o modelo sem estas ($\chi^2(9) = 239,710, p = 0,000$).

Quadro C.3.1.2. – *Model summary*, Bloco 1, Hungria

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	1935,707 ^a	,164	,232

a. Estimation terminated at iteration number 5 because parameter estimates changed by less than ,001.

Quadro C.3.1.3. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 1, Hungria

Step	Chi-square	df	Sig.
1	12,824	8	,118

H0: O modelo ajusta-se aos dados;

H1: O modelo não se ajusta aos dados.

Os valores estimados estão próximos dos valores observados, logo o modelo ajusta-se aos dados ($\chi^2(8) = 12,824, p = 0,118$).

Quadro C.3.1.4. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 1, Hungria

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a	Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,158	,026	35,761	1	,000	1,171
	Índice_Intolerância_Imigrantes	,150	,037	16,496	1	,000	1,162
	Imigrantes_mesma_étnia	,345	,073	22,537	1	,000	1,412
	Imigrantes_outra_étnia	-,191	,092	4,333	1	,037	,826
	Religiosidade	,068	,020	12,296	1	,000	1,071
	Homofobia	,053	,048	1,244	1	,265	1,055
	Estado_Forte	,210	,054	15,309	1	,000	1,233
	Insatisfação_Democracia	-,380	,028	188,330	1	,000	,684
	Governo_reduz_diferenças_salariais	,023	,070	,109	1	,741	1,023
	Constant	-,690	,514	1,801	1	,180	,502

a. Variable(s) entered on step 1: Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais, Índice_Intolerância_Imigrantes, Imigrantes_mesma_étnia, Imigrantes_outra_étnia, Religiosidade, Homofobia, Estado_Forte, Insatisfação_Democracia, Governo_reduz_diferenças_salariais.

Quadro C.3.1.5. – Inferência sobre o modelo (teste do *chi-square*), Bloco 2, Hungria

		Chi-square	df	Sig.
Step 1	Step	842,147	5	,000
	Block	842,147	5	,000
	Model	1171,857	14	,000

H0: A diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa;

H1: A diferença entre os dois modelos não é estatisticamente significativa.

Como $p < 0,001$, a diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa. Assim, o modelo com as variáveis independentes (preditores) é significativamente melhor que o modelo sem estas ($\chi^2(14) = 1171,857, p = 0,000$).

Quadro C.3.1.6. – *Model summary*, Bloco 2, Hungria

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	1093,560 ^a	,471	,665

a. Estimation terminated at iteration number 7 because parameter estimates changed by less than ,001.

Quadro C.3.1.7. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 2, Hungria

Step	Chi-square	df	Sig.
1	8,757	8	,363

H0: O modelo ajusta-se aos dados;

H1: O modelo não se ajusta aos dados.

Os valores estimados estão próximos dos valores observados, logo o modelo ajusta-se aos dados ($\chi^2(8) = 8,757, p = 0,363$).

Quadro C.3.1.8. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 2, Hungria

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a						
Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,162	,041	15,418	1	,000	1,176
Índice_Intolerância_Imigrantes	,191	,053	12,834	1	,000	1,210
Imigrantes_mesma_étnia	,332	,103	10,336	1	,001	1,394
Imigrantes_outra_étnia	-,102	,128	,630	1	,427	,903
Religiosidade	,076	,028	7,357	1	,007	1,079
Homofobia	,079	,067	1,392	1	,238	1,082
Estado_Forte	,258	,075	11,949	1	,001	1,295
Insatisfação_Democracia	-,255	,045	31,980	1	,000	,775
Governo_reduz_diferenças_salariais	,134	,093	2,070	1	,150	1,143
Esquerda_Direita	,947	,052	326,918	1	,000	2,577
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	-,004	,053	,007	1	,933	,996

Interesse_Política	-,222	,101	4,835	1	,028	,801
Ano_Nascimento	,024	,005	22,402	1	,000	1,025
Nível_Escolaridade	-,341	,074	21,377	1	,000	,711
Constant	-53,669	10,251	27,409	1	,000	,000

a. Variable(s) entered on step 1: Esquerda_Direita, Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais, Interesse_Política, Ano_Nascimento, Nível_Escolaridade.

Quadro C.3.2.1. – Inferência sobre o modelo (teste do *chi-square*), Bloco 1, Polónia

	Chi-square	df	Sig.
Step 1 Step	499,468	9	,000
Block	499,468	9	,000
Model	499,468	9	,000

H0: A diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa;

H1: A diferença entre os dois modelos não é estatisticamente significativa.

Como $p < 0,001$, a diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa. Assim, o modelo com as variáveis independentes (preditores) é significativamente melhor que o modelo sem estas ($\chi^2(9) = 499,468, p = 0,000$).

Quadro C.3.2.2. – Model summary, Bloco 1, Polónia

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	1906,029 ^a	,227	,320

a. Estimation terminated at iteration number 5 because parameter estimates changed by less than ,001.

Quadro C.3.2.3. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 1, Polónia

Step	Chi-square	df	Sig.
1	10,139	8	,255

H0: O modelo ajusta-se aos dados;

H1: O modelo não se ajusta aos dados.

Os valores estimados estão próximos dos valores observados, logo o modelo ajusta-se aos dados ($\chi^2(8) = 10,139, p = 0,255$).

Quadro C.3.2.4. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 1, Polónia

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,110	,028	14,994	1	,000	1,116
Índice_Intolerância_Imigrantes	,077	,036	4,413	1	,036	1,080
Imigrantes_mesma_étnia	,112	,117	,917	1	,338	1,118
Imigrantes_outra_étnia	-,110	,112	,954	1	,329	,896
Religiosidade	,278	,027	105,491	1	,000	1,321
Homofobia	,376	,050	56,702	1	,000	1,456
Estado_Forte	,016	,060	,068	1	,794	1,016
Insatisfação_Democracia	,198	,029	48,055	1	,000	1,219

Governo_reduz_diferenças_salariais	,263	,060	19,052	1	,000	1,301
Constant	-6,779	,585	134,237	1	,000	,001

a. Variable(s) entered on step 1: Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais, Índice_Intolerância_Imigrantes, Imigrantes_mesma_étnia, Imigrantes_outra_étnia, Religiosidade, Homofobia, Estado_Forte, Insatisfação_Democracia, Governo_reduz_diferenças_salariais.

Quadro C.3.2.5. – Inferência sobre o modelo (teste do *chi-square*), Bloco 2, Polónia

	Chi-square	df	Sig.
Step 1 Step	243,801	5	,000
Block	243,801	5	,000
Model	743,269	14	,000

H0: A diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa;

H1: A diferença entre os dois modelos não é estatisticamente significativa.

Como $p < 0,001$, a diferença entre os dois modelos é estatisticamente significativa. Assim, o modelo com as variáveis independentes (preditores) é significativamente melhor que o modelo sem estas ($\chi^2(14) = 743,269$, $p = 0,000$).

Quadro C.3.2.6. – Model summary, Bloco 2, Polónia

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	1662,228 ^a	,319	,448

a. Estimation terminated at iteration number 6 because parameter estimates changed by less than ,001.

Quadro C.3.2.7. – Ajustamento do modelo aos dados, Bloco 2, Polónia

Step	Chi-square	df	Sig.
1	15,474	8	,051

H0: O modelo ajusta-se aos dados;

H1: O modelo não se ajusta aos dados.

Os valores estimados estão próximos dos valores observados, logo o modelo ajusta-se aos dados ($\chi^2(8) = 15,474$, $p = 0,051$).

Quadro C.3.2.8. – Determinantes do voto em partidos de direita nacionalista, Bloco 2, Polónia

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,089	,036	6,240	1	,012	1,093
Índice_Intolerância_Imigrantes	,097	,041	5,756	1	,016	1,102
Imigrantes_mesma_étnia	,064	,126	,259	1	,611	1,066
Imigrantes_outra_étnia	-,040	,122	,106	1	,745	,961
Religiosidade	,193	,030	41,824	1	,000	1,213
Homofobia	,363	,055	43,614	1	,000	1,437
Estado_Forte	-,035	,065	,285	1	,594	,966
Insatisfação_Democracia	,241	,033	52,640	1	,000	1,272

Governo_reduz_diferenças_salariais	,314	,067	22,131	1	,000	1,370
Esquerda_Direita	,421	,030	190,922	1	,000	1,523
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	,046	,048	,933	1	,334	1,047
Interesse_Política	,079	,082	,918	1	,338	1,082
Ano_Nascimento	,002	,004	,205	1	,651	1,002
Nível_Escolaridade	-,095	,045	4,491	1	,034	,909
Constant	-12,696	7,905	2,579	1	,108	,000

a. Variable(s) entered on step 1: Esquerda_Direita, Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais, Interesse_Política, Ano_Nascimento, Nível_Escolaridade.

Anexo C.4. – A Adequabilidade dos Modelos de Regressão Logística Binária

Quadro C.4.1. – Independência das variáveis independentes, Hungria

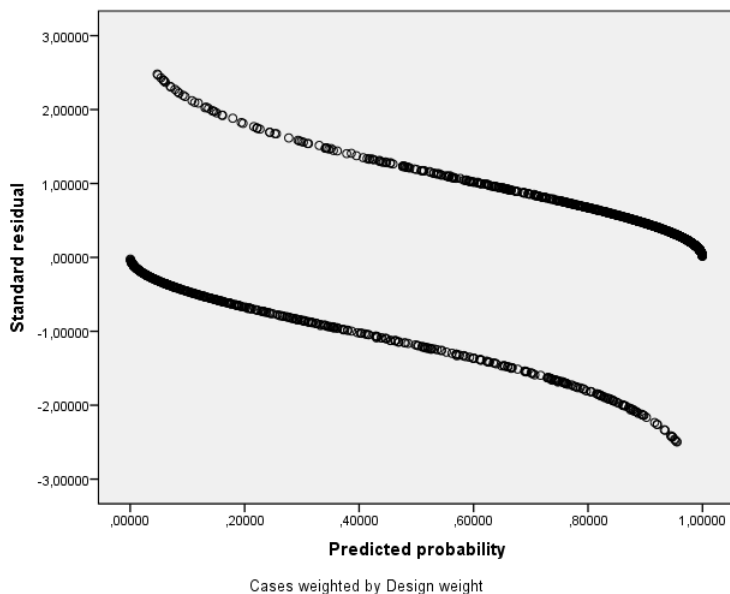
Model	Collinearity Statistics	
	Tolerance	VIF
(Constant)		
Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,689	1,451
Índice_Intolerância_Imigrantes	,642	1,557
Pessoas_mesma_étnia	,680	1,470
Pessoas_outra_étnia	,579	1,729
Religiosidade	,882	1,133
Homofobia	,914	1,094
Estado_Forte	,929	1,077
Insatisfação_Democracia	,544	1,838
Governo_reduz_diferenças_salariais	,911	1,097
Esquerda_Direita	,782	1,279
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	,443	2,255
Interesse_Política	,852	1,173
Ano_Nascimento	,849	1,177
Nível_Escolaridade	,882	1,133

Quadro C.4.2. – Independência das variáveis independentes, Polónia

Model	Collinearity Statistics	
	Tolerance	VIF
(Constant)		
Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	,546	1,830
Índice_Intolerância_Imigrantes	,654	1,529
Pessoas_mesma_étnia	,373	2,680
Pessoas_outra_étnia	,350	2,856
Religiosidade	,761	1,314
Homofobia	,822	1,217
Estado_Forte	,950	1,053
Insatisfação_Democracia	,636	1,573
Governo_reduz_diferenças_salariais	,848	1,179
Esquerda_Direita	,872	1,147
Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	,498	2,010
Interesse_Política	,902	1,108
Ano_Nascimento	,827	1,209
Nível_Escolaridade	,793	1,261

Na existência de várias variáveis independentes pode existir multicolinearidade, isto é, estas variáveis podem estar fortemente correlacionadas entre si. Deste modo, é aceite que valores de VIF (*Variance Inflation Factor*) superiores a 5, ou até mesmo 10, e valores de tolerância inferiores a 0,2, indiquem problemas de multicolinearidade (Marôco, 2014: 712-718). Tendo em consideração estes critérios, podemos afirmar que não existem casos críticos de multicolinearidade.

Figura C.4.1. – Diagrama dos resíduos estudentizados, Hungria

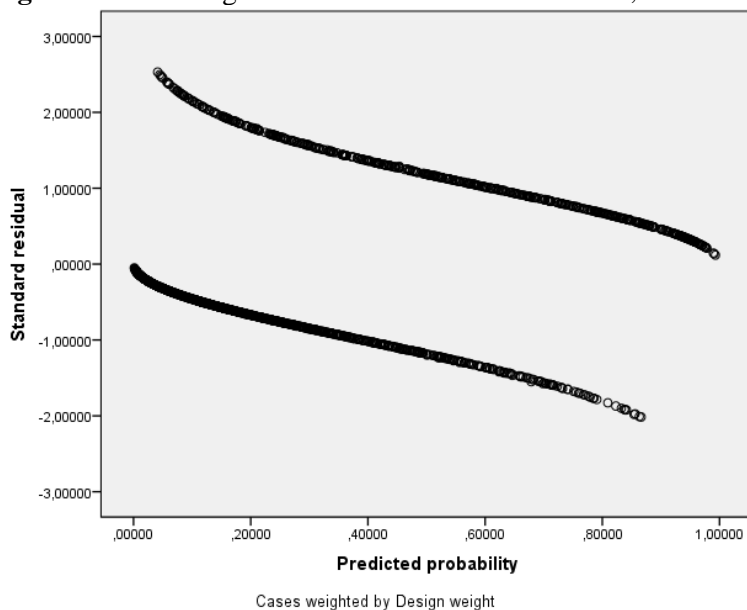


Quadro C.4.3. – Análise dos resíduos, Hungria

	N	Minimum	Maximum
Analog of Cook's influence statistics	1840	,00000	,18445
Leverage value	6225	,00004	,06763
DFBETA for constant	1840	-1,38403	1,76118
DFBETA for Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	1840	-,01020	,00640
DFBETA for Índice_Intolerância_Imigrantes	1840	-,01154	,01058
DFBETA for Pessoas_mesma_étnia	1840	-,01767	,01964
DFBETA for Pessoas_outra_étnia	1840	-,02635	,02274
DFBETA for Religiosidade	1840	-,00421	,00404
DFBETA for Homofobia	1840	-,00999	,01250
DFBETA for Estado_Forte	1840	-,01008	,00983
DFBETA for Insatisfação_Democracia	1840	-,00748	,00720
DFBETA for Governo_reduz_diferenças_salariais	1840	-,02631	,02305
DFBETA for Esquerda_Direita	1840	-,01219	,00462
DFBETA for Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	1840	-,00851	,01020
DFBETA for Interesse_Política	1840	-,01684	,01506
DFBETA for Ano_Nascimento	1840	-,00086	,00073
DFBETA for Nível_Escolaridade	1840	-,01010	,01179
Valid N (listwise)	1840		

A análise dos resíduos ajuda a que sejam identificados os *outliers*, bem como as observações influentes na estimação do modelo. Ora, como é possível constatar através representação gráfica, parece não existir mais de 5% dos casos com resíduos acima de 2 e mais de 1% com resíduos acima de 2,5, assim como não há casos com resíduos próximos de 3. Deste modo, nenhuma das observações é uma forte candidata a *outlier*. Quanto às observações influentes, sabendo que valores de DfBetas superiores a 2 são observações influentes e que a distância de Cook destas não deve ser superior a 1, parece-nos não haver observações candidatas a ser influentes sobre os coeficientes do modelo (Marôco, 2014: 823-826; 848-855). Neste caso, nenhum dos DfBetas é superior a 2. Alias, com a exceção do DfBeta para a constante, nenhum é superior a 1 e nenhuma das observações apresenta uma Distância de Cook superior a 1, sendo a distância máxima de 0,18445.

Figura C.4.2. - Diagrama dos resíduos estudentizados, Polónia



Quadro C.4.4. – Análise dos resíduos, Polónia

	N	Minimum	Maximum
Analog of Cook's influence statistics	1936	,00000	,12501
Leverage value	6225	,00015	,07960
DFBETA for constant	1936	-1,00286	1,16076
DFBETA for Índice_Desconfiança_Inst_Internacionais	1936	-,00549	,00565
DFBETA for Índice_Intolerância_Imigrantes	1936	-,00724	,00489
DFBETA for Pessoas_mesma_étnia	1936	-,02763	,02335
DFBETA for Pessoas_outra_étnia	1936	-,02338	,02174
DFBETA for Religiosidade	1936	-,00551	,00342
DFBETA for Homofobia	1936	-,00696	,00608
DFBETA for Estado_Forte	1936	-,01113	,01362
DFBETA for Insatisfação_Democracia	1936	-,00548	,00423
DFBETA for Governo_reduz_diferenças_salariais	1936	-,01337	,01086
DFBETA for Esquerda_Direita	1936	-,00565	,00257
DFBETA for Índice_Desconfiança_Inst_Nacionais	1936	-,00575	,00914
DFBETA for Interesse_Política	1936	-,01123	,00767
DFBETA for Ano_Nascimento	1936	-,00056	,00055
DFBETA for Nível_Escolaridade	1936	-,00590	,00612
Valid N (listwise)	1936		

A análise dos resíduos ajuda a que sejam identificados os *outliers*, bem como as observações influentes na estimação do modelo. Ora, como é possível constatar através representação gráfica, parece não existir mais de 5% dos casos com resíduos acima de 2 e mais de 1% com resíduos acima de 2,5, assim como não há casos com resíduos próximos de 3. Deste modo, nenhuma das observações é uma forte candidata a *outlier*. Quanto às observações influentes, sabendo que valores de DfBetas superiores a 2 são observações influentes e que a distância de Cook destas não deve ser superior a 1, parece-nos não haver observações candidatas a ser influentes sobre os coeficientes do modelo (Marôco, 2014: 823-826; 848-855). Neste caso, nenhum dos DfBetas é superior a 2. Alias, com a exceção do DfBeta para a constante, nenhum é superior a 1 e nenhuma das observações apresenta uma Distância de Cook superior a 1, sendo a distância máxima de 0,12501.